



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GIOVANNA BARBOZA DA CRUZ

IMAGEM E REVOLUÇÃO:

A LEI DA REFORMA URBANA EM CUBA PELAS
FOTOGRAFIAS DO JORNAL *REVOLUCIÓN* (1959-1960)

GIOVANNA BARBOZA DA CRUZ

IMAGEM E REVOLUÇÃO:

A LEI DA REFORMA URBANA EM CUBA PELAS
FOTOGRAFIAS DO JORNAL *REVOLUCIÓN* (1959-1960)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Estadual de Londrina, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. André Lopes Ferreira.

Londrina
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

C957 CRUZ, Giovanna Barboza da.
Imagem e Revolução : A Lei da Reforma Urbana em Cuba pelas fotografias do jornal Revolución (1959-1960) / Giovanna Barboza da CRUZ. - Londrina, 2021.
106 f. : il.

Orientador: André Lopes Ferreira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Graduação em História, 2021.
Inclui bibliografia.

1. Revolução Cubana - TCC. 2. Revolución - TCC. 3. Fotojornalismo - TCC. 4. Reforma Urbana. - TCC. I. Ferreira, André Lopes . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Graduação em História. III. Título.

CDU 93

GIOVANNA BARBOZA DA CRUZ

IMAGEM E REVOLUÇÃO:
A LEI DA REFORMA URBANA EM CUBA PELAS FOTOGRAFIAS DO
JORNAL *REVOLUCIÓN* (1959-1960)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Estadual de Londrina, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. André Lopes Ferreira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Ana Heloísa Molina
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 25 de junho de 2021.

Este trabalho é dedicado à memória de todas as vítimas da COVID-19 e para todos aqueles que perderam amigos e familiares para uma doença cuja vacina já existe.

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador André Lopes Ferreira, primeiramente por aceitar a minha pesquisa e me orientar ao longo desses anos, desde os meus primeiros passos sobre imprensa e Revolução Cubana, sempre com muita paciência. Agradeço pela maneira que me orientou, suas sugestões e conselhos sempre foram preciosos e favoráveis à elaboração do trabalho.

Aos professores Ana Heloísa Molina e Caio Pedrosa da Silva por aceitarem o convite para participarem da banca e pela leitura do trabalho. Sinto-me honrada de poder contar com as contribuições de vocês.

À Universidade Estadual de Londrina por me proporcionar momentos tão intensos e felizes que levarei para a vida toda. Em especial, as experiências no Museu Histórico de Londrina e no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, que perpassaram a minha trajetória nesses quatro anos e meio de estudos. Aos professores, amigos e colegas que tive o privilégio de conhecer: muito obrigada!

Aos meus amigos, agradeço pela paciência e pela companhia ao longo desses anos. Não tenho palavras para descrever o quanto sou grata por sempre me incentivarem, especialmente, nesse momento de conclusão do curso. Quanto a isso, não poderia deixar de agradecer à Milena Cruz e Giovana Simão por me acompanharem nessa caminhada e por sempre confiarem no meu potencial.

Por fim, à minha família, que desde o momento que decidi que faria o vestibular para o curso de História estiveram ali para mim, me apoiando e me incentivando. À minha mãe Juliana, ao meu pai Gilberto, à minha irmã Natália, às minhas tias, primos e primas meu muito obrigada. Eu amo vocês!

“El egoísmo es la consecuencia de la riqueza.”

(Jose Martí)

CRUZ, Giovanna Barboza da. **Imagem e Revolução: A Lei da Reforma Urbana em Cuba pelas fotografias do jornal *Revolución* (1959-1960)**. Orientador: André Lopes Ferreira. 2021. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — História, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

RESUMO

Resumo: Com o advento da Revolução Cubana em 1 de janeiro de 1959 o jornal *Revolución*, fundado em 1956 por Carlos Franqui durante a guerrilha, deixou a clandestinidade e passou a fazer parte do cotidiano da ilha. Considerado o principal veículo de imprensa do governo, foi responsável por promover debates artísticos, intelectuais e políticos. Nele trabalharam vários profissionais, e com as transformações sociais após o triunfo os jornalistas se engajaram, foram a campo, registraram o povo cubano e promoveram debates. Quanto a isso, as fotografias foram fiéis aliadas para a construção ideológica do discurso revolucionário. No jornal, elas ocupavam páginas inteiras e expressavam o entusiasmo da revolução, o cotidiano, os problemas no campo e nas cidades. Dessa maneira, este trabalho tem por objetivo entender o uso da fotografia pela imprensa cubana revolucionária, em especial as matérias sobre a Lei da Reforma Urbana entre os anos de 1959 e 1960. Com esse material é possível afirmar construções discursivas e atuação política do jornal em favor das reformas sociais e do regime revolucionário. Por fim, compreendemos o fotojornalismo como discurso político, pois, as fotografias não falam por si só, elas precisam ser lidas, analisadas e contextualizadas, assumindo um importante papel político e social.

Palavras-chave: Revolução Cubana. Fotojornalismo. *Revolución*. Reforma Urbana.

CRUZ, Giovanna Barboza da. **Image and Revolution: The Urban Reform Law in Cuba from the photographs of the newspaper Revolución (1959-1960).** Guidance counselor: André Lopes Ferreira. 2021. 105 f. Completion of Course Work (graduate of History) — História, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

ABSTRACT

Abstract: As a result of the Cuban Revolution on January 1st, 1959, the newspaper *Revolución*, founded in 1956 by Carlos Franqui during the guerrilla, became legal and part of the island's daily life. It was responsible to promote artistic, intellectual, and political debates and was considered to be the government's main press vehicle. A great number of journalists worked in the paper and, after the triumph of its social transformations, moved to the field registering the Cuban people and promoting discussions. Related to this, the photos taken were reliable allies for the ideological construction of the revolutionary discourse. These photographs took entire pages and expressed the revolution enthusiasm, showed the mundane life, as well as denounced rural and urban issues. The present work aims at understanding the use of photos by Cuba's revolutionary press, particularly articles regarding the Urban Reform Law between 1959 and 1960. Considering this material, it is possible to acknowledge the newspaper's political performance and discursive constructions in favor of the revolutionary system and social reforms. Finally, photojournalism can be understood as a political discourse, since the photographs do not speak for themselves; they require to be read, analyzed, and contextualized assuming, then, a key political and social role.

Keywords: Cuban Revolution. Photojournalism. *Revolución*. Urban Reform.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista parcial do bairro	12
Figura 2 - Angela Rodríguez	54
Figura 3 - <i>Como viven los cubanos bajo la United Fruit</i>	57
Figura 4 - Fidel Castro: primeira pedra para casas populares	59
Figura 5 - <i>“... el histórico documento...”</i>	64
Figura 6 - Cidadãos na fila para obter os documentos de suas casas	68
Figura 7 - Caridad Perez, Delia Ortega e Maria Pedré	70
Figura 8 - <i>De Aquí y de Ahi: LRU</i>	71
Figura 9 - <i>Ahora todos tendrán su casa</i>	73
Figura 10 - <i>bajo la sombra, se lee</i>	75
Figura 11 – Ha Hecho realidad nuestro sueño: Delio Chiong; Manuel Montoto; Antonio Castro e Olegario Sanchez	76
Figura 12 - Novas moradias pelo INAV	77
Figura 13 - A Reforma Urbana em Santa Clara: Juan Lovi e Josefa Perez Perez	79
Figura 14 - A Reforma Urbana em Santa Clara: Jose Antonio Menocal e Alberto Taibo Alvarez	80
Figura 15 – A Reforma Urbana em Matanzas	82
Figura 16 – A Reforma Urbana em Santiago de Cuba	83
Figura 17 – A Reforma Urbana em Camaguey: Luis Diaz Rodriguez, Elvia Zaldivar Padron, Luis Molina Campo e Antonio Reyes Molina	85
Figura 18 – A Reforma Urbana em Camaguey: Gilberto Alfonso López, Faustino Garcia Gonzalez e Jose Hereda Carrascosa	86
Figura 19 - <i>La Ley Urbana erradica los “solares” o “casas de vecindad”</i>	89
Figura 20 - <i>Toda una vida lavando para... pagar el alquiler</i>	92
Figura 21 - <i>¡Ahora si que se acabó con el chincheró!</i>	93
Figura 22 - <i>“Mi hija se mojaba por la noche cuando llovía [...]”</i>	94
Figura 23 - <i>¿Quién aguanta a peste?</i>	95
Figura 24 - data da construção da casa: 1849	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Taxa de crescimento anual da população total e urbana (%).....	22
Tabela 2 - Prazos para o pagamento das casas com base no ano de construção	63
Tabela 3 - Média aproximada da quantidade de fotografias por página no <i>Revolución</i> ..	66
Tabela 4 - Responsáveis pelas fotografias sobre a Reforma Urbana	67

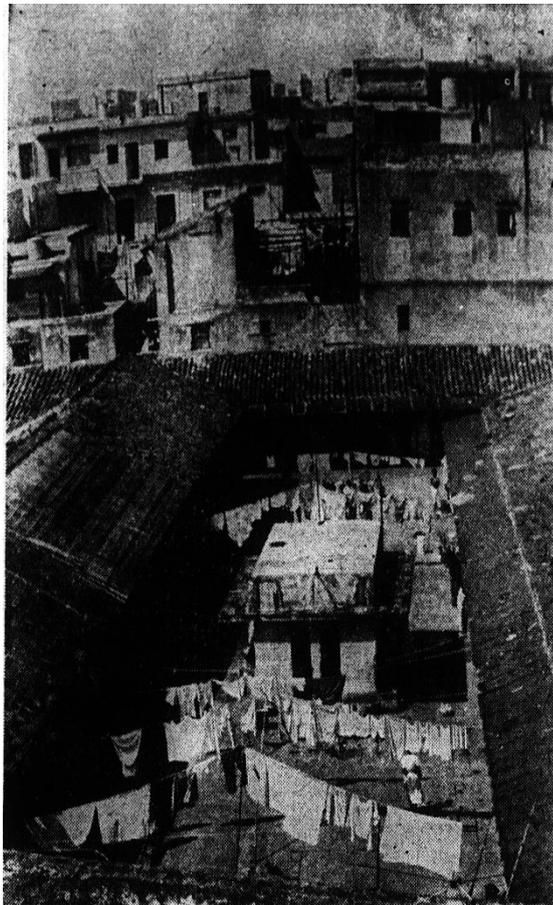
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E SOCIAL DE CUBA	16
2.1 Cuba colonial e neocolonial: transformações no processo de urbanização	16
2.2 A República Cubana: crises econômicas e ocupação das cidades	21
2.3 Ascensão de Batista e o endurecimento da política repressiva	24
2.4 O Movimento 26 de julho e a Revolução Cubana	27
2.5 A Lei da Reforma Urbana	33
3 IMPRENSA E REVOLUÇÃO CUBANA	40
3.1 Imprensa e História: debates teóricos	40
3.2 Imprensa e Revolução Cubana: <i>Revolución</i>	42
3.3 Cuba e o fotojornalismo	48
3.4 Reforma Urbana e <i>Revolución</i>: enquadramento	53
4 ¡AHORA SE ACABO EL CHINCHERO!: A LEI DA REFORMA URBANA	66
4.1 A Lei da Reforma Urbana em foco	67
4.2 <i>La Reforma Urbana en [...]</i>	77
4.3 O fim dos <i>chincheros</i>	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	100

1 INTRODUÇÃO

Vista parcial de um bairro em Havana. Trata-se de uma das fotografias da matéria especial de *Revolución*, publicada em 19 de outubro de 1960, sobre a Lei de Reforma Urbana recém aprovada (Figura 1). O repórter Santiago Cardosa Arias e o fotógrafo Ernesto Fernández foram até um bairro da capital cubana para produzir um artigo sobre os trabalhadores que viviam nas regiões mais periféricas da cidade e registrar o impacto da aprovação da nova lei para suas famílias. No documento, apenas os moradores deram seus relatos sobre a falta de infraestrutura e o pagamento de aluguéis. As fotografias ocuparam quase a totalidade da página.

Figura 1 - Vista parcial do bairro



Fotografia: Ernesto
Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

As cidades são dotadas de inquietações. Nesse sentido, o historiador Antônio de Pádua Bosi (2004, p. 28) discute a experiência urbana pelas referências de Marx e Engels, a partir de

duas perspectivas antagônicas: a burguesia e o proletário, pois, as experiências sociais produzem sentidos diferentes sobre o cotidiano.

Ao expor a situação das principais cidades inglesas na primeira metade do século XVIII, Engels faz uma denúncia da condição em que viviam os trabalhadores e expressa a precariedade das residências e dos bairros:

Todas as grandes cidades têm um ou vários “bairros de má fama” onde se concentra a classe operária [...] Na Inglaterra, esses “bairros de má fama” se estruturam mais ou menos da mesma forma que em todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade; [...]. Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. [...]. (ENGELS, 2010, p. 70).

Dessa maneira, na análise de Bosi, a falta de infraestrutura desses bairros e o modo como essa classe trabalhadora vivia, trazia consigo a “distinção da própria classe social, reafirmando, por meio do espaço urbano destinado aos trabalhadores, a distância entre pobres e ricos, patrões e trabalhadores. Foi esta experiência histórica que conferiu sentido ao que conhecemos hoje por especulação imobiliária” (2004, p. 30). Ainda citando o nosso autor, foi no contexto da industrialização que o solo urbano se transformou não só em uma mercadoria, mas em um “item fundamental na reprodução da força de trabalho” (BOSI, 2004, p. 30).

Na Figura 1, a fotografia foi tirada de um local alto, tendo uma vista parcial do bairro. As casas irregulares e conglomeradas, possivelmente sem uma infraestrutura adequada, nos permitem compreender parte do problema urbano que a ilha enfrentava. A reportagem de Santiago Arias destacava as queixas dos trabalhadores: a casa com goteiras, a falta de saneamento básico, os valores abusivos dos alugueis, entre tantos outros. Os depoimentos e as fotografias expressam uma realidade pouco conhecida, ou muito ignorada por uma pequena parcela da população cubana que, em contrapartida, lucrava com os valores dos alugueis e das construções em áreas nobres.

No contexto da América Latina do século XX, os pesquisadores Orlandina de Oliveira e Bryan Roberts (2005, p. 311) explicam que raramente foram construídas casas com o propósito de abrigar as classes trabalhadoras, e mesmo nas cidades onde isso aconteceu como Buenos Aires, São Paulo e Monterrey, apenas uma pequena parcela da população foi contemplada.

Ainda segundo eles, outras formas de aquisição de terrenos foram utilizadas, como as ocupações e as compras semi-legais. Assim, a ocupação dos espaços urbanos não foi ordenada,

pois, dependia de fatores políticos: “a natureza pública ou privada da terra, a força da organização popular e as intenções especulativas de seus proprietários [...]” (2005, p. 311).

Em Cuba, como veremos adiante, a população mais pobre ocupava as zonas periféricas na cidade, enquanto nos grandes centros, uma parcela mais rica e com melhores condições de vida, desfrutava de moradias luxuosas e casas novas em áreas privilegiadas. Com isso, a especulação imobiliária era um dos problemas a serem enfrentados no final dos anos 1950.

O aluguel foi o principal meio de acesso dos mais pobres à moradia e a precariedade delas tornou-se parte “normal” das cidades (OLIVEIRA; ROBERTS, 2005, p. 312). No país caribenho, até mesmo nas casas mais antigas, sem saneamento básico e infraestrutura, as taxas que os inquilinos pagavam ao senhorio absorvia uma parte significativa de seus salários, contribuindo para as baixas condições de vida e renda das famílias mais humildes.

Com o triunfo revolucionário em 1 de janeiro de 1959, as medidas do governo tinham como objetivo reorganizar a economia do país e elevar as condições de vida dos trabalhadores. Porém, para colocá-las em prática foram necessários meios de comunicação entre o governo e a população, a fim de promover e disseminar os ideais revolucionários.

Para isso, diversos intelectuais, fotógrafos e repórteres engajaram-se na causa revolucionária. Em especial, o jornal *Revolución* (1956) e a *Radio Rebelde* (1958) foram os principais meios de comunicação, pois, conforme análise de Barthon Favatto Jr, concederam cores e timbres às vozes que lutavam nas densas matas de *Sierra Maestra* (2014, p. 91). Com o acirramento da Guerra Fria e as sucessivas tentativas de invasão à ilha, a propaganda era essencial na campanha política dos revolucionários. Nesse ínterim, as fotografias foram importantes ferramentas para a construção ideológica do discurso revolucionário.

O historiador Boris Kossoy adverte que a primeira realidade da fotografia é o passado; assim, toda e qualquer fotografia contém em si uma história. A segunda é o assunto representado, o qual, para ele, configura “a *face aparente e externa* de uma micro-história do passado, cristalizada expressivamente” (2020, p. 37-38). No entanto, ainda referenciando o autor, ela não corresponde necessariamente a uma verdade histórica, sendo apenas o registro da aparência (KOSSOY, 2020, p. 38).

Seguindo essa mesma perspectiva, entendemos que as fotografias não são registros fiéis da realidade, pois elas são feitas de escolhas, enquadramentos e tratamentos até o produto final. Lorenzo Vilches (1987, p. 112) explica que em um jornal há muitas técnicas e métodos que envolvem a informação, baseados em mecanismos de persuasão a fim de encaminhar a opinião de seus leitores para uma ideia.

Tendo isso em conta, o objetivo desse trabalho foi entender o uso da fotografia pela imprensa cubana revolucionária sobre a Lei da Reforma Urbana, em especial a construção do tema ao longo das edições de 1959 e 1960, a partir da análise do discurso imagético do periódico. Parte-se da hipótese de que para colocar em prática as mudanças propostas pelo movimento, as quais confrontavam os interesses privados, o jornal se preocupou em atuar politicamente, buscando o apoio de seus leitores em favor dos ideais revolucionários.

A ideia de privilegiar o jornal *Revolución* se justifica por ser este o órgão oficial de propaganda do Governo Revolucionário; assim, seus discursos eram disseminados massivamente em todo o país. Sobre as fotografias que formam a base da nossa pesquisa, apesar de o periódico como um todo ser objeto do estudo, o trabalho se concentra nas imagens vinculadas diretamente à construção do discurso sobre a Lei da Reforma Urbana, entre os anos de 1959-1960.

Dessa forma, a escolha do ano de 1959 para iniciar a nossa pesquisa, fundamenta-se não apenas por marcar o triunfo da Revolução, mas também como marco das primeiras decisões legais do governo sobre a questão urbana. Já no ano de 1960 temos a aprovação da Lei da Reforma Urbana, considerada parte da Lei Fundamental de Cuba, que tinha como objetivo o fim dos aluguéis, a construção de moradias baratas e, posteriormente, a construções sem custos, para resolver o problema de habitação na ilha.

O trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro tratamos do contexto histórico, social e político de Cuba para compreender as transformações e a ocupação das cidades. Na segunda parte do texto, abordamos a importância dos periódicos e das fotografias para os estudos históricos, oferecendo uma base teórica e contextual do nosso objeto de estudo: as fotografias sobre a Lei da Reforma Urbana de Cuba. Por fim, temos as análises das fotografias desde a aprovação da Lei em 14 de outubro de 1960.

O *Revolución* será a nossa fonte principal de estudo. Entretanto, os dados dos censos demográficos, documentos diplomáticos e os discursos de Fidel Castro também serão utilizados na investigação.

2 CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E SOCIAL DE CUBA

Pode-se dizer, recorrendo a Anne Cauquelin (1982), que a experiência de viver em cidades, no plano da subjetividade, configura antes de tudo uma superposição pouco ordenada de camadas de lembranças, nem todas vividas como experiências nossas, mas tornadas nossas pela transmissão dessas memórias e lembranças esparsas. Menos espaciais, já que conformam um espaço psíquico com poucas probabilidades de coincidir com o espaço físico da cidade, do bairro, da vizinhança. Espaço afetivo que se desenvolve por fraturas sucessivas e distorções. Cidade escandida, recortada em tantos detalhes quantos forem o tempo da aprendizagem e do trabalho, das vitórias e dos fracassos (BRESCIANI, 2002, p. 31).

É a partir dessa reflexão que entendemos a cidade como campo de estudos da História, pois proporcionam um emaranhado de complexidades humanas, expressas na organização e composição física, psíquica e cultural do espaço. Dessa maneira, “a cidade se readapta em ritmo constante, como espaço de práticas sociais e representações, pautado em outras referências de tempo e espaço, fragmentação e heterogeneidade, tradições e novidades, memórias e silêncios ou amnésias, em um processo seletivo nem sempre inteligível” (MOLINA, 2016, p. 361).

No presente capítulo, discutiremos o contexto histórico, social e político de Cuba, especialmente a urbanização. Será avaliado como os processos políticos, econômicos e sociais influenciaram na maneira como ocorreu a ocupação das cidades. A partir disso, procuramos entender a relevância da Revolução Cubana e das decisões legais do governo até a aprovação da Lei da Reforma Urbana de 14 de outubro de 1960.

A Revolução Cubana foi um marco histórico, político e social da América Latina. O movimento guerrilheiro que impulsionou a Revolução lutava contra a miséria, os problemas socioeconômicos e, principalmente, contra a ditadura de Fulgencio Batista. Portanto, a Lei da Reforma Urbana é parte da Lei Fundamental de Cuba e tinha como objetivo acabar com a especulação imobiliária, impor o fim dos aluguéis, estimular a construção de casas para o povo e, posteriormente, prover as moradias sem custo para os trabalhadores.

2.1 Cuba colonial e neocolonial: transformações no processo de urbanização

Para muitos historiadores e cientistas políticos, a Revolução Cubana foi a continuidade de suas lutas pela independência, pois, diferente da maioria das nações latino-americanas, Cuba não rompeu a condição de colônia no início do século XIX. O grande potencial econômico da ilha — a principal colônia de Plantations de cana açúcar da Espanha — a manteve pressionada e sufocada até o final dos anos 1890.

Para Fernandes (2007, p. 39), Cuba representou uma resistência prolongada, esmagando suas rebeliões internas e neutralizando as externas em um período de crise do sistema colonial nas Américas e de pressões contra Espanha e Portugal em regiões de maior desenvolvimento econômico. Da mesma maneira, a escravidão permaneceu intocada até a década de 1880 e constituiu a base da produção açucareira, variando desde pequenas usinas até grandes empresas com centenas de escravizados (SCOTT, 1991, p. 36).

A erradicação da escravidão¹ envolveu pressões políticas dentro e fora de Cuba, como o fim do tráfico de escravizados vindos da África e os interesses econômicos de empresas estadunidenses pela ilha, bem como a atuação dos proprietários de terra que buscaram se recompor em meio à modernização do campo durante as lutas pela independência e, claro, pelas insurreições (AYERBE, 2004, p. 21-22). Para Scott, o fim da escravidão foi lenta e complexa e se estendeu por intermédio de “transformações econômicas, sociais e jurídicas” (1991, p. 18).

Para situar o processo de urbanização e ocupação das cidades, temos que levar em consideração os registros de censos, visto que fornecem informações da população ao longo do tempo. Os dados coletados pela historiadora Rebecca J. Scott e os pesquisadores Maruja Acosta León e Jorge Enrique Hardoy nos permitem traçar um panorama da dinâmica étnica e social de ocupação da ilha, taxas de crescimento, decréscimo e distribuição da população.

Em balanço realizado por Scott, até 1 de junho de 1862, a população cubana era composta por 1.359.238 pessoas, sendo dividida entre: brancos (53,7%), em sua maioria nascidos na ilha; negros livres (16,3%); emancipados² (0,3%); escravizados (27, 1%); asiáticos (2,5%) e Iucatecos³ (0,1%). (1991, p. 26).

A partir desses dados, a autora elenca que os brancos compunham um percentual de 311 mil nas cidades e vilas, onde vivia também boa parte da população negra livre (descendentes de escravizados libertos e recentemente alforriados), geralmente trabalhando como artesãos e contratados para os serviços domésticos. Poucos conseguiam atuar em colocações profissionais mais especializadas. Em comparação, “os negros livres do Departamento Oriental tinham um caráter rural bem definido, ao passo que no Departamento Ocidental 65% da população negra

¹ O livro de Rebecca Scott intitulado “Emancipação Escrava em Cuba: transição para o trabalho livre, 1860-1899 (1991)” é especialmente importante para a discussão e análise sobre o fim da escravidão na ilha.

² Com a palavra “emancipados” a autora está se referindo a africanos encontrados ou capturados de navios negreiros, livres juridicamente e contratados pelo governo.

³ Pessoa que é natural ou habitante de Iucatã, no México. Segundo a autora essa população foi trazida sob contrato (SCOTT, 1991, p. 26).

livre era urbana” (SCOTT, 1991, p. 27). Apesar dos levantamentos, a maior parte da população vivia no campo⁴.

É importante observar que parte dos negros livres que saía das fazendas buscava melhores condições de vida e oportunidades de trabalho. Em países escravistas, uma das muitas consequências da estrutura econômica é o preconceito racial. Por mais que a realidade da exploração rural não fosse a mesma, isso não eliminava as barreiras que enfrentariam nas cidades. Porém, para muitos, era uma oportunidade de recomeçar. Paralelo a isso, Scott (1991, p. 27) afirma que negros livres sofreram grande discriminação social e limitações de acesso às reuniões públicas.

A escravidão variou largamente no interior de Cuba, nas vilas e nas cidades, entretanto, na década de 1860, a maioria dos cativos vivia na zona rural. Nos dados do Centro de Estatística de Cuba, a distribuição da população escrava por local de residência indica que 47% vivia nas grandes propriedades açucareiras, enquanto as cidades concentravam 21% dos escravizados (SCOTT, 1991, p. 29 e 31). Por conseguinte, a produção de açúcar transformou a sociedade cubana, bem como a permanência da escravidão.

Neste sentido, Cuba foi marcada por duas guerras de independência. A primeira, iniciada em dezembro de 1868 até o ano de 1878, foi liderada por Carlos Manuel de Céspedes, que constituiu um núcleo de tropas que lutaram contra os espanhóis; entretanto, o fim da escravidão ainda não fazia parte das demandas de alguns setores do movimento, mesmo que outros considerassem seu fim como parte da luta contra a Espanha (AYERBE, 2004, p. 21). Todavia, foi somente em 1895 que os cubanos retomaram o combate junto a José Martí, considerado libertador do povo cubano e uma das principais referências da vida política de Fidel Castro.

As guerras de independência tiveram impacto direto nos censos demográficos, uma vez que os conflitos duraram anos. Segundo dados coletados por Acosta León e Hardoy, durante esse período a taxa de crescimento da população se manteve em declínio, chegando a ter índices negativos de -9% em relação aos anos de 1887-1889 (1971, p. 11-13). Concomitantemente, o conflito alterou as dinâmicas do campo e das cidades.

Na zona rural, conforme análise de Scott, houve disparidade entre a população escravizada nas províncias. Nos grandes centros açucareiros, os registros apontavam para o crescimento, na medida que a escravidão se mostrava “elástica e adaptável”. Enquanto isso,

⁴ A respeito desse assunto, em dados coletados por Acosta León e Hardoy (1971, p. 13) não houve registros de crescimento da população urbana até o ano de 1889.

após 1867 outras partes da ilha perderam população escrava pela Guerra dos Dez Anos, o que segundo ela: “provocou direta ou indiretamente a destruição de numerosas plantações, a libertação de muitos escravos em pequenas propriedades e a morte ou migração de muitos outros” (1991, 100-101).

Apesar da consolidação da independência em 1898, após anos de conflitos, muitos autores a consideram como frustrada, pois, a ruptura foi mediada com a intervenção das tropas estadunidenses na ilha, abrindo espaço para o neocolonialismo⁵ em vista dos interesses pelo mercado de açúcar.

No Tratado de Paris, assinado em 10 de dezembro de 1898, a Espanha renunciava à ilha cedendo-a aos Estados Unidos. Portanto, o país “independente” ficaria mais tarde submetido à Emenda *Platt*, uma série de artigos que regulavam a relação entre Estados Unidos e Cuba, e que foram mantidos em vigência até o ano de 1934. Em documento assinado por Herbert Goldsmith Squiers, que fora nomeado ministro de Cuba, e Carlos de Zaldo, Secretário de Estado e Justiça, de 22 de maio de 1903, destacam-se:

I.- O governo de Cuba não deverá participar de qualquer tratado ou pacto com poder ou poderes estrangeiros que possam prejudicar a independência de Cuba, nem autorize ou permita que nenhum poder ou poderes estrangeiros obtenha por colonização ou para fins militares ou navais ou de outra forma, alojamento ou controle sobre qualquer parte da ilha. [...]. III. Que o governo de Cuba consente que os Estados Unidos possam exercer o direito de intervir pela preservação da independência cubana, a manutenção de um governo adequado para a proteção da vida, da propriedade e da liberdade individual e para cumprir as obrigações relativas a Cuba impostas pelo tratado de Paris aos Estados Unidos, agora a ser assumido e empreendido pelo governo de Cuba. [...]. IV. Que todos os atos dos Estados Unidos em Cuba durante sua ocupação militar são ratificados e validados, e todos os direitos legais adquiridos por meio deles devem ser mantidos e protegidos. [...] (WASHINGTON, 2019, p. 1116-1117, tradução nossa⁶).

Em vista disso, os Estados Unidos impuseram o seu controle econômico e militar, assegurando o direito de intervenção e de acesso ao mercado, justificado pela defesa da independência cubana. Com efeito, a medida garantia o arrendamento de terras para bases

⁵ O neocolonialismo é caracterizado como a dominação política, econômica e cultural de um país sobre outro. No contexto de Cuba, o neocolonialismo foi marcado pelo poder exercido pelos Estados Unidos na ilha, por meio de medidas de controle econômico e militar, como estipulados na Emenda *Platt*.

⁶ Original: “I.-That the government of Cuba shall never enter into any treaty or other compact with any foreign power or powers which will impair or tend to impair the independence of Cuba, nor in any manner authorize or permit any foreign power or powers to obtain by colonization or for military or naval purposes or otherwise, lodgement in or control over any portion of said island. [...]. III. That the government of Cuba consents that the United States may exercise the right to intervene for the preservation of Cuban independence, the maintenance of a government adequate for the protection of life, property, and individual liberty, and for discharging the obligations with respect to Cuba imposed by the treaty of Paris on the United States, now to be assumed and undertaken by the government of Cuba. [...]. IV. That all Acts of the United States in Cuba during its military occupancy thereof are ratified and validated, and all lawful rights acquired thereunder shall be maintained and protected. [...]” (WASHINGTON, 2019, p. 1116-1117).

militares e estações navais. Logo, sem autonomia política e econômica, Cuba estava fadada a manter estreitas relações com o vizinho norte-americano, e o que seria a origem de um Estado Nacional acabou resultando num “Estado satélite ou neocolonial” (FERNANDES, 2007, p. 63-65).

Após as guerras no campo, a abolição da escravidão em 1886 e o aumento no fluxo imigratório, é possível observar índices de aceleração do crescimento populacional nas cidades, entre o final do século XIX e início do XX. Segundo Acosta León e Hardoy (1971, p. 13-15), Havana foi o maior centro urbano de Cuba, especialmente após a independência, recebendo imigrantes do Haiti, Estados Unidos e Espanha. E a partir de 1899 a urbanização da ilha poderia ser comparada aos países mais industrializados e urbanizados da América.

Os autores apontam a política de *reconcentración* como parte dos motivos para a ocupação nas cidades. Em 1896, durante a segunda guerra de independência, o general Valeriano Weyler com o objetivo de desestabilizar a guerrilha e vencer a batalha contra os rebeldes, concentrou a população nas cidades, longe dos guerrilheiros (GOTT, 2006, p.114). Entretanto, a falta de planejamento resultou na morte de muitas pessoas, pois, o alimento não chegava para todos e as aglomerações propiciavam a transmissão de doenças.

Como falamos anteriormente, o mercado de açúcar em Cuba transformou a economia da ilha, bem como sua ligação com o latifúndio. Durante os primeiros 20 anos do século XX, a proximidade com os Estados Unidos proporcionou o aumento dos investimentos nos grandes centros açucareiros. Assim, nesse período, a imigração e o êxodo rural compõem um ponto importante de ocupação nas cidades. Como nos assinalam Acosta León e Hardoy:

[...] dois fatores influenciaram de maneira significativa o processo de urbanização cubano: o desenvolvimento do latifúndio açucareiro e a estreita relação com a corrente imigratória. O sistema de plantação em Cuba, em seu estado mais avançado, criou uma forma de organização social rural que repeliu o excedente relativo da população, originando uma corrente migratória rural-urbana, mais ou menos constante, com aumento que coincide com os meses inativos da safra açucareira, ou seja, o “tempo morto” (1971, p. 15, tradução nossa⁷).

Em síntese, os investimentos estrangeiros na ilha, especialmente dos Estados Unidos, permitiram a expansão econômica de Cuba. Entretanto, o neocolonialismo expressa uma problemática na organização e distribuição da população e, conseqüentemente, na

⁷ Original: “[...] dos factores influyeron en forma poderosa en el proceso de urbanización cubano: el desarrollo del latifundio azucarero y, en estrecha relación con éste, la corriente inmigratoria. El sistema de plantaciones en Cuba, en su estado más avanzado, creó una forma de organización social rural tal que necesariamente repelía un excedente relativo de población, originando una corriente migratoria rural-urbana más o menos constante con picos coincidentes con los meses de inactividad de la zafra de azucarera, o sea el “tempo muerto” (1971, p. 15).

intensificação dos problemas no campo, visto que a terra foi mantida na mão dos monopólios e dos latifundiários. Portanto, Florestan Fernandes expressa que o neocolonialismo trouxe a Cuba anos de “ouro”, porém, isto só existia para um pequeno grupo de privilegiados (2007, p. 77).

2.2 A República Cubana: crises econômicas e ocupação das cidades

A jovem república cubana enfrentou muitos conflitos sociais, políticos e econômicos, especialmente pela consolidação do neocolonialismo, o qual transformou o relacionamento do campo e das cidades. No entanto, ao mesmo tempo, houve um significativo crescimento econômico devido aos incentivos estrangeiros e o mercado açucareiro.

Como já foi esclarecido anteriormente, as medidas estabelecidas pela Emenda *Platt* garantiam privilégios econômicos ao país vizinho. Essas imposições repercutiram no cenário latino-americano. Segundo Luiz Alberto Moniz Bandeira, a ascensão dos Estados Unidos como potência “aguçava suas contradições com os países da América”, e isso evidenciava o caráter da política imperialista, pois Washington exerceu o papel de polícia por todo o continente americano, se aproveitando para a promoção de seu comércio e de seu próprio poder (2009, p. 73 e 86).

Durante as primeiras três décadas do século XX, para analisar as transformações no cenário urbano, não podemos desconsiderar os fenômenos relacionados ao mercado mundial e os problemas internos do país, como a imigração e o uso da terra, e que remetem ao neocolonialismo na ilha. De acordo com o Centro de Estudos Demográficos de Cuba, durante esse período precisamos considerar alguns pontos:

- 1) Consolidação da implantação econômica dos Estados Unidos em Cuba, acompanhada do crescimento, de maneira importante, da indústria açucareira.
- 2) Introdução de um grande número de imigrantes — basicamente, homens em idade produtiva — para fazer frente do desenvolvimento açucareiro com a mão de obra barata.
- 3) A existência de crises econômicas no início e final da segunda década (1920-1921 e 1929-1933); a primeira relacionada ao fim da Primeira Guerra Mundial e os preços do açúcar, e a segunda com a crise do capitalismo na escala mundial (1974, p. 27, tradução nossa⁸).

⁸ Original: “1) Consolidación de la penetración económica de Estados Unidos en Cuba, matizada por el crecimiento, en forma importante, de la industria azucarera. 2) Introducción de gran número de inmigrantes — básicamente hombres en edad laboral— para hacerle frente al desarrollo azucarero con una mano de obra barata. 3) Existencia de épocas de crisis económicas en los inicios y finales de la segunda década (1920-1921 y 1929-1933); relacionada la primera con el fin de la Primera Guerra Mundial y los precios del azúcar, y la segunda con la crisis del capitalismo a escala mundial” (1974, p. 27).

Deste modo, Acosta León e Hardoy (1971, p. 17) destacam que em 1925 os Estados Unidos possuíam 25% das terras centrais que correspondiam a 21% da safra. Segundo eles, havia pressões para concessão de terras e a desapropriação dos pequenos proprietários cubanos. Na Tabela 1 durante o período de 1919-1931, podemos perceber um aumento significativo da população nas cidades, que coincide com esse período e com as duas crises do açúcar na ilha.

Tabela 1 - **Taxa de crescimento anual da população total e urbana (%)**

Período	População total	População urbana
1907-1919	2,9	3,5
1919-1931	2,6	5,0
1931-1943	1,6	2,0
1943-1953	2,1	3,0

Fonte: Acosta León e Hardoy (1971, p. 13, grifo nosso).

Fernandes (2007, p. 79-80) argumenta que o capitalismo em Cuba expandiu em função de um desenvolvimento neocolonial. A maior parte da riqueza, portanto, era levada para fora do país, acarretando um baixo nível de vida para os trabalhadores e desempregados: “miséria, fome, doença, falta de instrução [...]”. Por consequência, a situação cubana que já era precária se agravou ainda mais. Apesar disso, é importante salientar que em 1930 a expectativa de vida em Cuba era superior aos países da América Latina, uma média de quarenta anos, ficava atrás apenas de Argentina e Uruguai, enquanto boa parte da América Central e a República Dominicana tinha uma expectativa de vida de trinta anos (MERRICK, 2005, p. 241).

A busca por emprego nos centros açucareiros e as crises do neocolonialismo tiveram impacto direto no fluxo das cidades. Duas etapas desse período foram importantes, como bem nos destaca o Centro de Estudos Demográficos de Cuba:

A primeira até o ano de 1930 e é caracteriza por constantes imigrações, basicamente de europeus, especialmente espanholas e das Antilhas, que vinham, em ambos os casos, para se oferecerem como trabalhadores. A segunda etapa compreende o período dos anos de 1930 até 1958, caracterizada por um relativo equilíbrio no saldo migratório. As duas etapas coincidem com o período de auge e crise do modelo neocolonial cubano, respectivamente. (1974, p. 72, tradução nossa⁹).

⁹ Original: “La primera llega hasta los años de 1930 y está caracterizada por constantes inmigraciones, básicamente europeos y más bien españolas, y por antillanos que venían, en ambos casos, a ofrecerse como trabajadores. La segunda etapa comprende el período de los años de 1930 hasta 1958, caracterizada ésta por un relativo equilibrio en el saldo migratorio. Las dos etapas mencionadas coinciden con los períodos de auge y crisis del modelo neocolonial cubano, respectivamente” (1974, p.72).

Dessa maneira, a quebra da bolsa de Nova York em 1929 e a estagnação da economia estadunidense comprometeram a estabilidade da América Latina, vindo à tona contradições políticas e sociais na região, bem como o acirramento dos interesses capitalistas e o “encadeamento de golpes de Estado e revoluções” (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 82).

No caso de Cuba, durante o governo de Gerardo Machado (1925-1933) a crise financeira, política e a incerteza econômica resultaram em uma forte oposição. Deste modo, vários setores da sociedade se colocaram contra o governo agudizando a situação na medida em que a crise de 1929 atingiu o mercado de açúcar cubano, pois, sem os meios para frear a crise, espalhou-se na ilha um rastro de desemprego. Destarte, “a inquietação política explodiu além da capacidade do Estado de contê-la” (GOTT, 2006, p. 157-158), radicalizando a luta e, logo, o endurecimento e a repressão contra esses grupos.

Em vista disso, a luta contra o imperialismo estadunidense ganhava força por toda a América Latina. As intervenções de Washington na política do subcontinente se tornaram mais evidentes, porque em muitas situações essas revoltas foram controladas a fim de garantir a continuidade dos interesses das empresas e dos monopólios norte-americanos. Igualmente, a defesa contra o comunismo foi incorporada ao discurso da Casa Branca.

Sem o apoio popular e dos E.U.A., Machado foi derrubado em 1933, sendo que esse movimento também atinge a junta militar cubana, formando-se um novo governo junto ao *Directorio Estudiantil*¹⁰. Ascende então o nome de Ramón Grau San Martín (1933-1934), quem assume o poder após a queda do governo provisório de Manuel de Céspedes (AYERBE, 2004, p. 27).

Em meio às disputas políticas, a figura de Fulgencio Batista se torna cada vez mais popular, sobretudo com a saída de San Martín do poder em 1934, após duras críticas de diversos setores da sociedade cubana (AYERBE, 2004, p. 27). Consequentemente, sabendo que o governo estadunidense não reconhecia Ramón, Batista forçou-o a renunciar nomeando ao cargo o coronel Carlos Mendieta, que fora reconhecido por Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 93-94).

¹⁰ A partir do momento que violência e repressão do Estado passou a atingir grupos sociais mais privilegiados, como os estudantes, estes setores começaram a se organizar e protestar contra a ditadura de Machado, criando o Diretório Estudiantil, que foi proibido em 1927, e adotando também um caráter anti-imperialista (GOTT, 2006, p. 155-156).

Em 1934, diante das pressões e do descontentamento político, a Emenda *Platt* foi revogada. Conforme os acordos entre os governos de Havana e Washington, na intenção de manter as relações diplomáticas, ficou estabelecido:

Artigo I. O Tratado de Relações celebrado entre as duas Partes Contratantes em 22 de maio de 1903 deixará de vigorar e será revogado a partir da data de entrada em vigor do presente Tratado [9 de junho de 1934]. Artigo II. Todos os atos praticados em Cuba pelos Estados Unidos da América durante a ocupação militar da ilha, até 20 de maio de 1902, data em que foi constituída a República de Cuba, foram ratificados e considerados válidos; e todos os direitos legalmente adquiridos em virtude desses atos devem ser mantidos e protegidos (WASHINGTON, 1972, tradução nossa¹¹).

Entretanto, apesar desse tratado, isso não significou o fim da intervenção estadunidense na ilha. Os atos praticados anteriormente foram legitimados. Em consonância, esse acordo manteve os arrendamentos de terra para mineração e no que diz respeito à base naval de Guantánamo, assinado em fevereiro de 1903.

Mediante o exposto, vemos que a crise de 1929 fez emergir as contradições políticas da ilha. A partir disso, houve o surgimento de vários grupos e figuras políticas. Consequentemente, irromperam pressões para o fim da Emenda *Platt* que culminaram o tratado de 9 de junho de 1934. Ainda nesse período de transição e acirramento político, as manifestações contrárias ao governo se mantiveram até o ano de 1935; contudo, Mendieta e Batista controlaram os opositores com a repressão, fazendo com que o Exército tivesse cada vez mais força no jogo político e na Justiça cubana (GOTT, 2006, p. 166).

2.3 Ascensão de Batista e o endurecimento da política repressiva

À medida em que Fulgencio Batista reafirmava uma política de violência em Cuba, os comunistas criaram o *Partido Unión Revolucionaria* e se uniram a ele. Com efeito, uma nova constituição foi redigida garantindo, ao menos nos termos da lei, forte comprometimento do Estado com o bem-estar social (GOTT, 2006, p. 167-168).

Na seção I de direitos individuais, destacam-se:

¹¹ Original: “Article I. The treaty of Relations which was concluded between the two contracting parties on May 22, 1903, shall cease to be in force, and is abrogated, from the date on which the present Treaty goes into effect. Article II. All the acts effected in Cuba by the United States of America during its military occupation of the island, up to May 20, 1902, the date on which the Republic of Cuba was established, have been ratified and held as valid; and all the rights legally acquired by virtue of those acts shall be maintained and protected” (WASHINGTON, 1972).

Art. 20 - Todos os cubanos são iguais perante a Lei. A República não reconhece privilégios. Declara ilegal e punível toda discriminação por motivos de sexo, raça, cor ou classe, e qualquer outro dano à dignidade humana. A Lei estabelecerá sanção para os infratores desta disposição. [...]. Art. 24 - É proibido o confisco de bens. Ninguém poderá ser privado de sua propriedade, exceto pela autoridade judicial competente e por justificativa de utilidade pública ou interesse social, e com o prévio pagamento correspondente a indenização legalmente estabelecida. [...] (CUBA, 1940, tradução nossa¹²).

O caráter social e progressista da constituição reforçava o papel do Estado para a solução de problemas e a manutenção do desenvolvimento econômico e social. Além disso, a carta garantia também o direito à propriedade privada dos indivíduos, a livre manifestação e a liberdade de expressão. Posteriormente, foi defendida por Fidel Castro, tanto em sua famosa autodefesa após o assalto ao Quartel Moncada, como após a vitória da revolução, reforçando a garantia dos direitos constitucionais, sendo muito significativa para os cubanos ao longo de sua história.

Fulgencio Batista exerceu o poder entre os anos de 1940 e 1944. Com a Segunda Guerra Mundial houve o fortalecimento do mercado de açúcar em Cuba e durante esse período Havana manteve o crescimento populacional, tal qual os grandes centros urbanos, em contraste com a diminuição na zona rural (ACOSTA LEÓN; HARDOY, 1971, p. 27 e 29).

Em conformidade com essa análise, Thomas W. Merrick argumenta que em 1930 a América Latina era predominantemente rural e durante o meio século seguinte a população das cidades aumentou mais de dez vezes, como consequência da migração interna:

[...] a migração interna constituiu a característica demográfica mais importante do desenvolvimento para dentro da economia da região, à qual correspondeu, como referência à produção e ao emprego globais, um declínio da agricultura e um aumento das atividades industriais e dos serviços urbanos (2005, p. 231).

Segundo Acosta León e Hardoy, as redes de transporte que atendiam as necessidades do mercado de açúcar foram essenciais para a distribuição e o trânsito de pessoas, porque “[...] promoveu o crescimento de centros de serviços no interior, ao ponto que, a partir de 1943 seis das treze cidades mais populosas de Cuba eram interiores e foram as que registraram, com

¹² Original: “Art. 20- Todos los cubanos son iguales ante la Ley. La República no reconoce fueros ni privilegios. Se declara ilegal y punible toda discriminación por motivo de sexo, raza, color o clase, y cualquiera otra lesiva a la dignidad humana. La Ley establecerá las sanciones en que incurran los infractores de este precepto. [...]. Art. 24- Se prohíbe la confiscación de bienes. Nadie podrá ser privado de su propiedad sino por autoridad judicial competente y por causa justificada de utilidad pública o interés social, y siempre previo al pago de la correspondiente indemnización en efectivo fijada judicialmente. [...]” (CUBA, 1940).

exceção de Manzanillo, as taxas de crescimento de população mais importantes” (1971, p. 31, tradução nossa¹³).

No pós-guerra, a urbanização na América Latina foi marcada por mudanças na população economicamente ativa, pois, em 1950 a agricultura era responsável por metade ou mais da força de trabalho nos países da região, exceto Argentina, Chile, Cuba, Uruguai e Venezuela (MERRICK, 2005, p. 272). No país caribenho, de acordo com os dados do *International Labour Office*, coletados por Thomas Merrick, a distribuição da força de trabalho nesse período era de 42,7% na agricultura e 20,5% na indústria (2005, p. 273).

No que diz respeito ao crescimento urbano, Orlandina de Oliveira e Bryan Roberts afirmam que as transformações ocorridas no subcontinente entre 1930 e 1980 resultaram na junção de três processos:

A grande urbanização, a industrialização em seus diferentes estágios e a progressiva importância, nas economias latino-americanas, do setor de serviços, tanto dos tradicionais quanto dos modernos associados à expansão da burocracia do governo e às práticas empresariais do século XX (técnicos, financeiros e administrativos) (2005, p. 299).

Logo, enquanto nos países desenvolvidos esses processos desencadearam a expansão das classes médias e a melhoria do bem-estar da população, na América Latina a dependência da tecnologia estrangeira, os financiamentos externos e o papel desempenhado como fornecedor de produtos primários resultaram em uma modernização irregular (OLIVEIRA; ROBERTS, 2005, p. 299).

Dessa forma, muitas cidades concentraram os principais recursos econômicos do país. Paralelo a isso, Oliveira e Roberts nos explicam que nas cidades latino-americanas havia uma distribuição de renda fortemente distorcida, pois o crescimento industrial estimulava a elevação dos níveis de educação e proletarização da força de trabalho, no entanto, o crescimento urbano trazia consigo “[...] uma acentuada polarização da estrutura social, tanto em termos de renda quanto no tocante às condições de trabalho [...]” (2005, p. 299).

Com o fim da guerra, os Estados Unidos passaram a incentivar a adoção de políticas liberais pelos países da sua órbita e a não permitir governos nacionalistas na América Latina devido ao agravamento da diplomacia com a União Soviética (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 123). Após o fim do mandato de Fulgencio Batista, o médico Ramón Grau San Martín regressa

¹³ Original: “[...] promovió el crecimiento de centros de servicios en el interior, al punto que a partir de 1943 seis de las trece ciudades más pobladas de Cuba eran interiores y fueron las que registraron, con la excepción de Manzanillo, las tasas de crecimiento de población más importantes” (1971, p. 31).

ao poder seguindo os caminhos de seu antecessor. Entretanto, com o acirramento da Guerra Fria, voltou-se contra os comunistas, gerando oposições contra seu governo, entre elas, a de Eduardo Chibás, que formou o *Partido Revolucionario Cubano Ortodoxo* (GOTT, 2006, p. 168-169).

Moniz Bandeira (2009, p. 126) afirma que o partido carregava a herança de Martí e seus ideais revolucionários, atraindo a atenção de vários setores da população. Chibás disputou a eleição com Carlos Prío Socarrás e acabou perdendo, dando continuidade ao que Gott caracterizou como uma crise sistemática da política e da economia cubanas (2006, p. 169). Insatisfeito com o rumo que o governo tomava, Eduardo Chibás suicidou-se ao vivo enquanto apresentava seu programa de rádio em que denunciava os casos de corrupção do governo.

Fulgencio Batista retornou ao poder em março de 1952, após um golpe militar, e como bem destaca Richard Gott (2006, p. 70), foi bem recebido por muitos, mas, para alguns, havia dúvidas sobre o papel político que iria exercer. Contudo, o autor acrescenta que sua política não era diferente daquela vinculada à violência, portanto, não houve “ruptura real com o passado”.

Em vista disso, em diversos setores a frustração com a expectativa de uma vitória eleitoral se transformou em ação política na luta armada, especialmente entre jovens ativistas políticos, entre os quais se destaca Fidel Castro (AYERBE, 2004, p. 28-29).

Conforme salienta Fernandes (2007, p. 93), em Cuba ocorreu o desenvolvimento de um nacionalismo de baixo para cima, o qual oscilava em momentos de maior tensão econômica, social e política. Ainda segundo ele, nas décadas de 1930 e 1950 tal nacionalismo ressurgiu em clímax histórico. Dessa forma, para Emir Sader (1985, p. 19) a decepção com a perpetuação da corrupção e da violência desencadeou o sentimento de necessidade de luta, sendo que a perspectiva de uma revolução foi a resposta para o sistema político improcedente projetando-se como uma luta de caráter nacionalista.

2.4 O Movimento 26 de julho e a Revolução Cubana

O descontentamento com o golpe de Estado repercutiu nos diversos segmentos da sociedade cubana, e essa frustração, segundo Ayerbe (2004, p. 29), dá lugar à convicção de que derrubar o governo de Batista era essencial para a retomada da democracia em Cuba.

Dessa maneira, opositoristas organizaram para o dia 26 de julho de 1953, sob a liderança de Fidel Castro, o ataque a dois quartéis: Moncada (localizado em Santiago de Cuba) e Carlos Manuel de Céspedes (em Bayamo), com o objetivo de atingir diretamente a ditadura

de Fulgencio Batista. Contudo, o assalto aos quartéis não saiu como esperado; pelo contrário, fracassou, sendo que dos 165 membros dos insurgentes, 90 foram mortos e os líderes presos (AYERBE, 2004, p. 30).

Cumprindo prisão, Fidel escreveu *La historia me absolverá* (2007), texto no qual fez sua defesa com base na constituição de 1940, apresentando as cinco leis revolucionárias, que, segundo ele, seriam proclamadas após a vitória do 26 de Julho e amplamente divulgadas pela rádio. Nelas constam:

A primeira lei revolucionária devolvia ao povo a soberania e proclamava a Constituição de 1940 como a verdadeira lei suprema do Estado, desde que o povo decida modificá-la ou trocá-la, [...]. A segunda lei revolucionária concedia a propriedade intransferível da terra aos colonos, subcolonos, locatários, cortadores e posseiros que ocupam parcelas de cinco ou menos *caballerías*¹⁴ de terra e o Estado é responsável pela indenização aos antigos proprietários [...]. A terceira lei revolucionária concedia aos trabalhadores e empregados o direito de acesso a 30% dos lucros de todas as grandes empresas industriais, mercantis e de minérios, incluindo centrais açucareiras. [...]. A quarta lei revolucionária concedia aos colonos o direito de participar de 55% do rendimento da cana e a cota mínima de quarenta mil arrobas aos pequenos colonos que haviam se estabelecido por três ou mais anos. A quinta lei revolucionária ordenava o confisco de bens malversados de todos os governos e seus herdeiros [...] ou declaração ausente de origem ilícita [...] (CASTRO, 2007, p. 35-36, tradução nossa¹⁵).

O documento apresenta uma série de medidas necessárias para a transformação política, social e econômica. Nele, Castro deixa claro que a ditadura passou por cima da Constituição de 1940, sendo preciso restaurá-la. Quando discorre sobre o golpe de Fulgencio Batista e dos militares, denuncia a irresponsabilidade das Forças Armadas ao destruir a Constituição para elevar ao poder um grupo de homens que ele classificou como “sem moral, sem prestígios, corrompidos [...]” (CASTRO, 2007, p. 29, tradução nossa¹⁶).

Posteriormente, em seu discurso após a vitória rebelde em 1 de janeiro de 1959, na cidade de Santiago de Cuba, Fidel assegura o poder do povo e da constituição como parte do

¹⁴ A *caballería* foi uma unidade de medida utilizada pelos espanhóis em suas colônias. Cinco *caballerías* correspondiam a 13.430 metros quadrados (AYERBE, 2004, p. 31).

¹⁵ Original: “La primera ley revolucionaria devolvía al pueblo la soberanía y proclamaba la Constitución de 1940 como la verdadera ley suprema del Estado, en tanto el pueblo decidiese modificarla o cambiarla, [...]. La segunda ley revolucionaria concedía la propiedad inembargable e intransferible de la tierra a todos los colonos, subcolonos, arrendatarios, aparceros y precaristas que ocupasen parcelas de cinco o menos *caballerías* de tierra, indemnizando el Estado a sus anteriores propietarios [...]. La tercera ley revolucionaria otorgaba a los obreros y empleados el derecho a participar del treinta por ciento de las utilidades en todas las grandes empresas industriales, mercantiles y mineras, incluyendo centrales azucareros. La cuarta ley revolucionaria concedía a todos los colonos el derecho a participar del cincuenta y cinco por ciento del rendimiento de la caña y cuota mínima de cuarenta mil arrobas a todos los pequeños colonos que llevasen tres o más años de establecidos. La quinta ley revolucionaria ordenaba la confiscación de todos los bienes a todos los malversadores de todos los gobiernos y a sus causahabientes y herederos en cuanto [...] o abintestato de procedencia mal habida” [...] (CASTRO, 2007, p. 35-36).

¹⁶ Original: “[...] sin moral, desprestigiados, corrompidos [...]” (CASTRO, 2007, p. 29).

governo revolucionário: “[...] porque aqui quem deve decidir, definitivamente, quem deve governar é o povo e ninguém mais que o povo” (CASTRO, 1959a, tradução nossa¹⁷). Visando a garantia de direitos e a transformação da política em Cuba, as ações defendidas por Fidel iam ao encontro da necessidade de combater a pobreza e melhorar a situação dos trabalhadores rurais, bem como fazia a denúncia contra as empresas de capital estrangeiro na ilha, as quais ocupavam as melhores terras para a produção agrícola, o que prejudicava as famílias que não as possuíam.

No Leste, que é a província mais ampla, as terras da *United Fruit Company* e da *West Indies* ligam a costa norte à costa sul. Existem duzentas mil famílias de camponeses que não têm um pedaço de terra onde plantar um pouco de comida para as suas crianças que tem fome e, em vez disso, permanecem sem cultivo, nas mãos de interesses poderosos, cerca de trezentos mil *caballerias* de terras produtivas (CASTRO, 2007, p. 38, tradução nossa¹⁸).

Portanto, a defesa das cinco leis revolucionárias tinha por objetivo não apenas o retorno à “normalidade” das eleições e da constituição, mas também garantir o seu cumprimento e a necessidade de mudança, visto que os problemas sociais e econômicos de Cuba ainda eram muitos. Na visão de Fidel, a constituição deveria estar em correspondência com a necessidade do povo; neste sentido, para Ayerbe (2004, p. 31), o programa da revolução além da garantia da liberdade, tinha o objetivo de atuar na melhoria de acesso à saúde, educação, moradia, emprego e acesso à terra.

Em documentos coletados por Moniz Bandeira (2009, p. 154-155) fica claro que os problemas com as companhias dos Estados Unidos não eram novos na América Latina. Pelo contrário, na Guatemala, a *United Fruit* — que possuía domínios no caribe e América Central — foi responsável por monopolizar os transportes marítimos, ferroviários, serviços de comunicação, entre outros.

Durante a Guerra Fria, na América Latina, crescia o sentimento de animosidade entre os interesses dos monopólios e as decisões dos governos locais, especialmente sobre o uso da terra e de políticas voltadas para as questões sociais. Em vista disso, Washington se manteve atento a qualquer tentativa que pudesse prejudicar seus interesses, com intervenções militares diretas, indiretas e ditaduras.

¹⁷ Original: “[...] porque aquí quien tiene que decidir, definitivamente, quién debe gobernar es el pueblo y nadie más que el Pueblo” (CASTRO, 1959a).

¹⁸ Original: “En Oriente, que es la provincia más ancha, las tierras de la *United Fruit Company* y la *West Indies* unen la costa norte con la costa sur. Hay doscientas mil familias campesinas que no tienen una vara de tierra donde sembrar unas viandas para sus hambrientos hijos y, en cambio, permanecen sin cultivar, en manos de poderosos intereses, cerca de trescientas mil *caballerías* de tierras productivas” (CASTRO, 2007, p. 38).

No ano de 1954 houve outra eleição considerada fraudulenta, dando continuidade ao governo de Fulgencio que em seus discursos garantia a liberdade de expressão e o fim da censura. Porém, após a repercussão das denúncias de assassinato e tortura do comandante do quartel Moncada, a censura volta à cena novamente (GOTT, 2006, p. 176).

Os editores e articulistas do jornal *Revolución*, fundado em 1956, sofreram diversas perseguições. Em entrevista concedida a Miguel Rivero em Lisboa no ano de 2006, Carlos Franqui rememorou sua experiência com o jornal, citando que durante ditadura de Batista a seção de propaganda do 26 de Julho, que estava na clandestinidade, “teve muitos mortos, torturados e presos [...]” (FRANQUI, 2006 apud FAVATTO JR, 2014, p. 92).

No início de 1955 Fidel foi libertado por uma anistia, mas sem perspectiva de atuação política na ilha procurou refúgio no México, caminho traçado também por Raúl Castro. Vale lembrar que os jovens rebeldes se inspiravam nas heranças da luta nacionalista de José Martí (GOTT, 2006, p. 176), e que se dedicaram a formar um grupo de combatentes para a luta armada junto à resistência do Movimento 26 de Julho (AYERBE, 2004, p. 34).

No México, os irmãos Castro conheceram Ernesto Guevara, o “Che”, médico argentino que passara por diversos países do continente americano colhendo experiências e observando a pobreza e desigualdade que assolavam a América Latina. Em seu encontro com Fidel, segundo análise de Gott (2006, p. 177), Che possibilitou ideias mais amplas de experiência revolucionária, resultado de suas viagens e de suas leituras, da mesma maneira que Castro apresentou uma “causa política imediata”, algo para lutar e defender.

Enquanto se preparavam no exílio mexicano, por todo continente latino-americano crescia o sentimento de repulsa aos Estados Unidos. Para Moniz Bandeira (2009, p. 164), não só os jovens, mas a classe média e trabalhadores alegavam a falta de apoio dos norte-americanos à região depois da Segunda Guerra Mundial, já que a Casa Branca direcionara grandes investimentos ao continente europeu após o conflito. Finalmente, em 1956 um grupo sob o comando de Fidel Castro embarcou no *Granma* em direção a Cuba para dar início à guerrilha, em sintonia ao M-26/07 que promoveria um levante popular assim que chegassem na ilha.

Esse levante, entretanto, não ocorreu como esperado, pois com as forças de Batista em alerta, o grupo de combatentes foi recebido sob forte artilharia e fugiu em direção à Sierra Maestra, onde se organizou para novas ofensivas buscando apoio da população rural (AYERBE, 2004, p. 34-35). De acordo com Florestan Fernandes (2007, p. 112 e 117), havia uma “tradição de guerrilhas” no país, pois os cubanos tinham experiências desde suas lutas por

independência no séc. XIX e, para ele, isto possibilitou aos trabalhadores o enfrentamento de tarefas políticas que a situação revolucionária exigia, algo antes impensável.

Sob o mesmo ponto de vista, a união dos rebeldes com os mais pobres no campo se ajustou na medida em os guerrilheiros avançavam e promoviam a reforma agrária (AYERBE, 2004, p. 35). Com efeito, a prática das ideias iniciais que Fidel defendia em *La historia me absolverá*, mesmo que em pequena escala, foi de suma importância para experimentar a eficácia dessas reformas sociais, atendendo diversos setores da sociedade.

Com o avanço da guerrilha em Cuba, o governo de Batista elaborava uma propaganda em massa contra os guerrilheiros. Barthon Favatto Jr afirma que o jornal *Revolución* e a *Radio Rebelde*, fundada em 1958, tiveram papel fundamental na estratégia de luta e consolidação da Revolução Cubana. Idealizados por Carlos Franqui, proporcionaram a comunicação do campo com as cidades, logo, cumpriam a função de atualizar e semear as ideias do movimento, pois davam voz aos revolucionários e atraíram o apoio popular, assumindo um papel “tão importante quanto a própria luta armada” (2014, p. 90-91).

A repercussão do conflito armado em Cuba dividia opiniões nos Estados Unidos. Enquanto alguns o consideravam um movimento de caráter comunista, a CIA informava que não havia confirmações sobre esses vínculos e colocava agentes na ilha para a manter a comunicação (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 186). De fato, a guerrilha não teve ligação direta com partidos políticos. Para Fernandes (2007, p. 119), ela aparece independente, vinculada a um movimento de massas; por outro lado, Moniz Bandeira (2009, p. 202) assegura que se tratava de um movimento nacionalista ligado às ideias da ortodoxia de Chibás. Em todo caso, Washington se manteve em alerta e atento aos passos e ações dos guerrilheiros.

Segundo Ayerbe (2004, p. 35-37), ainda em 1957, visto que houve um crescimento das vitórias armadas no campo e o fortalecimento da oposição nas cidades, a guerrilha se divide em três blocos militares sob o comando de Fidel Castro, Raul Castro e Ernesto Guevara; e finalmente, em 31 de dezembro de 1958, Fulgencio Batista deixa Cuba derrotado. Em 1 de janeiro de 1959 o governo revolucionário assume o poder.

É importante observar que tanto a guerrilha revolucionária, quanto as lutas pela independência, contaram com a participação de mulheres; muitas, inclusive, foram líderes desses movimentos. Infelizmente, na historiografia e na própria memória da sociedade, as mulheres são desvinculadas da história oficial, quando muito, são mostradas como algo à parte e/ou apagadas de suas conquistas.

A pesquisadora Sylvie Bouffartigue, com o objetivo de apresentar a narrativa das mulheres nas lutas pela independência, afirma que na literatura não houve interesse no “protagonismo feminino no mato”, na medida em que “se encaixaram melhor com os estereótipos de gênero que concediam às mulheres um papel maternal” (2010, p. 208, tradução nossa¹⁹).

Portanto, ela faz uma crítica, visto que: “Não há nenhuma protagonista a quem foi atribuído um papel ativo e combatente inspirado no de Carmen Canció, Maria Hidalgo, Luz Noriega, Adela Azcuy ou da comandante Mercedes Sirven Pérez. Ninguém se referiu a essas combatentes em histórias que insistiam em fazer a fama dos oficiais e soldados do Exército de Libertação” (BOUFFARTIGUE, 2010, p. 208, tradução nossa²⁰). Ou até mesmo de Mariana Grajales Cuello, Bernarda del Toro Pelegrín e Catalina Valdés.

Na revolução de 1959, de acordo com Rafael Saddi e Érica Melo, apoiados às pesquisas de Tomás Fernandez Robaina (2005) e Emilio Bejel (2006), a construção do homem heroico, viril e guerreiro foi presente desde a infância, pois, “Neste processo, definições rigorosas de gênero marcavam as relações sociais, preparando o menino com as características exigidas para o enfrentamento da guerra (e, num sentido amplo, para o mundo público) e a menina para o recato do lar (mundo privado)” (2012, p. 1275).

No entanto, temos a liderança de Célia Sanchez, uma das primeiras mulheres a se alistar no exército rebelde. Há também Vilma Espín, Haydée Santamaría, Melba Hernandez, Aleida March, entre tantas outras que participaram da guerrilha e foram importantes no planejamento e aplicação das reformas sociais.

Ao estudar as memórias autobiográficas dessas mulheres, Saddi e Melo (2012, p. 1279) expressam que é perceptível os desafios que enfrentaram em um ambiente dominado pelos homens, sendo necessária uma luta contra os chefes do exército rebelde para que pudessem se tornar guerrilheiras.

Além disso, ao longo de nosso trabalho não foi possível identificar a autoria de mulheres em fotografias sobre a Reforma Urbana. Em consonância com o tema, Edinaldo Santos de Lima expressa que nos anos 1950 apenas 13% das mulheres eram consideradas economicamente

¹⁹ Original: “protagonismo mujeril en la manigua” e “coincidiera mejor con los estereotipos de género que concedían a la mujer un papel de índole maternal” (BOUFFARTIGUE, 2010, p. 208).

²⁰ Original: “No hay ninguna protagonista a quien se le haya atribuido un papel activo y combatiente inspirado del de Carmen Canció, de Maria Hidalgo, de Luz Noriega, de Adela Azcuy o de la comandante Mercedes Sirven Pérez. Nadie se refirió a estas combatientes en relatos que se empeñaban en atizar la fama de los oficiales y soldados del Ejército de Liberación” (BOUFFARTIGUE, 2010, p. 208).

ativas; e se por um lado uma das medidas do Estado cubano foi a integração das mulheres em projetos sociais para reduzir a desigualdade, por outro,

[...] a nível fotográfico, esse aspecto não fora a princípio contemplado pelos fotógrafos e pelos periódicos, que no caso reforçavam os papéis que se esperava serem desempenhados pelo núcleo familiar rural: para as mulheres o cuidado com os afazeres domésticos e a educação dos filhos [...] (2018, p. 168).

2.5 A Lei da Reforma Urbana

Analisamos anteriormente que durante as safras de açúcar havia fluxos migratórios entre as cidades e o campo. Logo, não podemos ignorar a relação entre eles, visto que os problemas de moradia não se restringiam apenas às cidades. Pelo contrário, segundo análise de Acosta León e Hardoy, muitas das habitações rurais eram isoladas no entorno da central açucareira, os *bateyes*, e representavam um déficit na quantidade e qualidade de vida nesses locais. Dessa maneira, a solução de tais problemas implicava uma série de transformações e mudanças profundas na organização social e econômica de Cuba (1971, p. 33 e 47).

Havana, especialmente, representava um dos principais problemas a serem enfrentados. Nesta cidade havia forte concentração de renda e de população, conseqüentemente, um alto índice de desigualdades em comparação a outras regiões do país. Portanto, foi necessária uma redistribuição de atividades econômicas por toda ilha, especialmente a criação de novos empregos para atrair a população a outras regiões.

Em conformidade com essa análise, Acosta León e Hardoy expressam a resolução dos problemas rurais com o objetivo de equilibrar a oferta de mão-de-obra nas cidades. Para tanto, foi necessário proporcionar um nível de vida mais elevado para manter essa população no campo, enquanto promovia-se a urbanização dessas áreas (1971, p. 58).

Em discurso proclamado durante a cerimônia de encerramento do Primeiro Fórum de Reforma Agrária, em 12 de julho de 1959, Fidel Castro reafirmava o compromisso com o povo e a superação da miséria. Destarte, falava sobre a implementação de cooperativas na ilha, investindo nas variações de produção e no fortalecimento das comunidades:

Cada uma dessas cooperativas terá sua própria cooperativa de consumidores e seu município, pois a partir da produção a que se dedicam, ali também terão suas casas. E naturalmente, uma cooperativa nos dá a vantagem de fazê-lo em uma determinada área, e ali estabelecer escolas, quadras esportivas, clínicas médicas e, enfim, todas as

demais medidas que acompanham a reforma agrária; [...]. (CASTRO, 1959b, tradução nossa²¹).

Prover terra para as famílias de lavradores que não encontravam espaços no campo — aliado a um conjunto de medidas que garantiam qualidade de vida e moradia —, restringiu as migrações para os grandes centros urbanos, na medida em que as Reformas Agrárias redistribuíram as terras de latifúndios, promovendo o dinamismo da agricultura e garantindo empregos. Assim sendo, as experiências do campo transformaram a ocupação das cidades.

A consequência da urbanização acelerada do período não se restringiu apenas à ilha, mas impactou diversas partes da América Latina, incluindo o Brasil. Diante desses problemas, Ribeiro e Pontual (2009, n. p.) destacam que na década de 1960 as discussões em torno da função social do arquiteto e do urbanista surgiram por conta da necessidade de soluções de problemas ligados à moradia, mas não se limitavam apenas à construção de casas, mas à reorganização e planejamento dos elementos que compõem as cidades, como ruas, mercados, igrejas, entre outros.

Em *La historia me absolverá*, Fidel destaca o problema urbano como algo que precisava ser resolvido. Segundo ele:

Tão grave, ou pior é o problema com habitação. Há em Cuba duzentos mil *bohíos* e *chozas*²²; quatrocentas mil famílias no campo e na cidade que vivem em barracos, quartos e lotes sem as condições básicas de higiene e saúde; dois milhões e duzentas mil pessoas de nossa população urbana pagam aluguéis que absorvem entre um quinto e um terço de sua renda; e dois milhões e oitocentas mil pessoas da nossa população rural e suburbana não possuem luz elétrica (CASTRO, 2007, p. 39, tradução nossa²³).

De fato, nos dados coletados por Acosta León e Hardoy, no censo de 1953 apenas 13% das casas na ilha eram consideradas boas, enquanto 15% foram consideradas muito ruins e 31,6% como ruins (1971, p. 36). Isso representa um desequilíbrio, porque

[...] os investidores e as empresas de construção civil trabalham com o princípio da maximização do lucro. A atividade de construção de novas casas foi amplamente

²¹ Original: “Cada una de esas cooperativas tendrá también su cooperativa de consumo y tendrá su pueblo, porque teniendo como base la producción a la que están dedicados, tendrán allí radicadas también sus viviendas. Y naturalmente que una cooperativa nos permite la ventaja de hacerlo en una zona determinada, y allí establecer las escuelas, los campos deportivos, los dispensarios médicos y, en fin, todas las demás medidas que acompañan a la reforma agraria; [...]” (CASTRO, 1959b).

²² São modelos de casas, tradicionalmente indígenas, construídas com madeira, cana e/ou palha (BOHÍO, [2009?]).

²³ Original: “Tan grave o peor es la tragedia de la vivienda. Hay en Cuba doscientos mil bohíos y chozas; cuatrocientas mil familias del campo y de la ciudad viven hacinadas en barracones, cuarterías y solares sin las más elementales condiciones de higiene y salud; dos millones doscientas mil personas de nuestra población urbana pagan alquileres que absorben entre un quinto y un tercio de sus ingresos; y dos millones ochocientas mil de nuestra población rural y suburbana carecen de luz eléctrica” (CASTRO, 2007, p. 39).

limitada à construção de casas e apartamentos luxuosos para as classes ricas, à construção de pequenas casas em novas áreas residenciais remotas e a construção de pequenas casas localizadas em áreas centrais para serem alugadas à classe média (TREFFTZ, 2011, p. 23, tradução nossa²⁴).

Problema que também foi apresentado por Fidel Castro em sua autodefesa quando ele afirma: “se o Estado pretende baixar os aluguéis, os proprietários ameaçam paralisar todas as obras; se o estado se abstém, eles constroem enquanto podem receber uma alta taxa de aluguel, então eles não lançam outra pedra, mesmo que o resto da população viva ao ar livre” (2007, p. 39, tradução nossa²⁵).

À vista disso, com o triunfo da revolução, nos pequenos centros urbanos o governo investiu na modernização de empresas estatais a fim de descentralizar a população de Havana e melhor distribuir os recursos econômicos. Com efeito, investir em infraestrutura, especialmente para a população marginalizada que pagava aluguéis e que não tinha condições de habitar uma moradia digna. Para tanto, foram necessários a criação de projetos, leis e instituições.

Em relação aos problemas urbanos, o jornal *Revolución* buscou apresentar em diversas matérias as dificuldades, o planejamento do Governo Revolucionário, fotografias do cotidiano e eventos de toda natureza.

Em 26 de janeiro de 1959 foi aprovado a Lei nº 26 que suspendia os despejos por 45 dias. O periódico divulgou o regulamento no dia, afirmando que as decisões foram feitas durante a noite pelo Conselho de Ministros. De acordo com Acosta León e Hardoy, “ao final da Revolução [1959], havia centenas de milhares de trabalhadores desempregados e subempregados nas cidades de Cuba, que viviam em favelas suburbanas ou mantinham uma habitação precária para que pudessem pagar seus aluguéis” (1971, p. 110, tradução nossa²⁶).

No dia 16 de fevereiro de 1959, após Fidel Castro assumir as funções de Primeiro Ministro, o jornal publicou um “Plano de 20 pontos” com o objetivo de destacar temas que precisavam de atenção, entre eles o Plano de Habitação popular com um fundo de 100 milhões

²⁴ Original: “[...] los inversionistas y empresas de construcción de viviendas trabajan según el principio de maximización de los beneficios, la actividad de construcción de nuevas viviendas se limitó en gran medida a la edificación de casas y lujosos apartamentos para las clases adineradas, la construcción de pequeñas casas en nuevas zonas residenciales apartadas y la construcción de pequeñas viviendas situadas en zonas céntricas para ser alquiladas a la clase media” (TREFFTZ, 2011, p.23).

²⁵ Original: “si el Estado se propone rebajar los alquileres, los propietarios amenazan con paralizar todas las construcciones; si el Estado se abstiene, construyen mientras pueden percibir un tipo elevado de renta, después no colocan una piedra más aunque el resto de la población viva a la intemperie” (2007, p. 39).

²⁶ Original: “Al culminar la Revolución existían en las ciudades de Cuba centenares de miles de trabajadores sin empleo y subempleados que vivían en las villas miserias suburbana o mantenían una precaria tenencia mientras pudiesen cumplir con el pago de los alquileres” (1971, p. 110).

de libras esterlinas, as quais seriam pagas em açúcar fora da cota mundial, além da redução de aluguéis e a compra de títulos do *Instituto Nacional de Ahorro y Viviendas* (INAV).

Um dia após esse anúncio, a capa de *Revolución* divulgava a criação do INAV, que tinha por objetivo transformar o vício nos jogos em economia, tornando-se um instituto de poupança e habitação para a construção de casas para o povo. De maneira geral, o Instituto deveria emitir títulos, substituindo os bilhetes de loteria e realizando sorteios que permitiriam adquirir uma casa ou aumentar sua poupança individual. E mesmo aqueles que não ganhassem poderiam pegar o dinheiro de volta (ACOSTA LEÓN; HARDOY, 1971, p. 112).

Outras leis também foram importantes, como salienta Erich Trefftz: a Lei nº 153 de 10/03/1959, que reduzia alugueis para imóveis urbanos de 30 a 50%, e a Lei nº 691, de 23/12/1959, que regulava o teto de preços e a venda forçada de edificações de terrenos urbanos para o combate à especulação imobiliária (2011, p. 29).

Em 7 de março de 1959, a matéria de capa de *Revolución* incluía “Rebaixam os aluguéis: cinquenta por cento”, ao lado, incluía uma nota, em que dizia que a Lei foi muito bem recebida pelo povo cubano, pois era uma medida que beneficiaria todas as classes sociais, especialmente as mais humildes, e a seguir trazia o texto da lei:

1. — Os aluguéis das casas construídas e declaradas habitáveis antes da publicação da seguinte Lei são reduzidos na seguinte escala: a) Em cinquenta por cento (50%) aqueles que não excedam cem pesos por mês. B) Em quarenta por cento (40%) aqueles maiores que cem pesos e não superiores a duzentos pesos. C) Em trinta por cento (30%) aqueles com mais de duzentos pesos (REBAJAN..., 1959, tradução nossa²⁷).

Em 9 de março de 1959 o destaque era a aprovação da Lei de Aluguéis. A reportagem não se limitava a explicar sua importância, como também fazia a divulgação da opinião do povo. Oscar Pino Santos escreveu na coluna da Zona Rebelde²⁸: “Lei de aluguéis: nada se perde, tudo se ganha”, explicando o porquê de a lei ser tão revolucionária como a própria Revolução:

Em famílias de baixa renda — menos de \$80 por mês — o pagamento da moradia chega a representar quase um quarto da renda familiar. É preciso ver, no entanto, o que se consegue como uma “casa” por essa quantia. [...]. Portanto, nada está perdido. Você ganha e muito. É certo que em um único golpe o custo de vida é reduzido em números substanciais. Se ganha, e muito, que o público aprove que é um governo

²⁷ Original: “1. — Se rebajan los alquileres de las viviendas construidas y declaradas/ habitables con anterioridad a la publicación de la siguiente Ley, en la siguiente escala: a) En un cincuenta por ciento (50%) los que no excedan de cien pesos mensuales. B) En un cuarenta por ciento (40%) los mayores de cien pesos y que no excedan de doscientos pesos. C) En un treinta por ciento (30%) los mayores de doscientos pesos” (REBAJAN..., 1959).

²⁸ A coluna da Zona Rebelde era um espaço para debater os detalhes da Revolução Cubana. Desde a luta dos combatentes em *Sierra Maestra* até mesmo as medidas que eram tomadas pelo governo revolucionário no pós-revolução.

revolucionário, que é o SEU GOVERNO que está no poder. (SANTOS, 1959, p. 1-2, tradução nossa²⁹).

De acordo com Acosta León e Hardoy, a Lei nº 691 de 23 de dezembro de 1959 foi uma das mais extensas. Seu texto tinha por objetivo delimitar o uso de terrenos e identificar se cumpriam sua função social dentro do perímetro urbano (1971, p. 116-119).

Por fim, em 14 de outubro de 1960 foi aprovada a Lei da Reforma Urbana de Cuba como parte da Lei Fundamental do Estado. Nela, estabeleceram-se três etapas de organização:

a) Etapa atual — O Estado viabilizará a amortização da casa que cada família habita com o que atualmente paga pelo aluguel, em um período não inferior a cinco anos, nem superior a vinte anos fixado em função do ano de construção do imóvel. b) Fase futura imediata — O Estado, com os recursos desta lei e outros recursos, empreenderá a construção massiva de moradias que serão transferidas em usufruto permanente através de prestações mensais que não podem ultrapassar 10 por cento da renda familiar. c) Fase futura de médio prazo - O Estado, com recursos próprios, construirá as moradias que cederá em permanência e utilização gratuita a cada família (REBOLL, 1961, p. 212-213, tradução nossa³⁰).

Dessa forma, a primeira fase se desdobrou com o fim das dívidas de aluguéis, passando a posse da propriedade para aqueles que viviam nas casas e que deveriam pagar periodicamente um valor estabelecido pela qualidade e data de construção do imóvel. Já na segunda fase temos o processo de construção de moradias pelo Estado, entretanto, pagando uma quantia necessária, mas que não prejudicaria o trabalhador. E, por fim, a entrega de moradias sem custos para a população. Trefftz explicita que

[...] os antigos proprietários foram indenizados pelo Estado de acordo com o ano de construção e o valor do aluguel da casa perdida; foi decretada a eliminação e proibição de todas as contribuições hipotecárias sobre imóveis urbanos; a instituição legal de aluguel de casas foi eliminada e todas as formas de aluguel entre indivíduos foram proibidas (2011, p. 30, tradução nossa³¹).

²⁹ Original: “En las familias de bajos recursos — menos de \$80 mensuales — el pago de la vivienda llega a representar casi la cuarta parte de los ingresos familiares. Hay de ver, sin embargo, lo que se consigue como “vivienda” por esa cantidad. [...]. No se pierde nada, por tanto. Se gana, y mucho. Se gana que de un solo golpe se reduce el costo de la vida en cifras sustanciales. Se gana que el pueblo ratifica que es un gobierno revolucionario, que es SU GOBIERNO el que está en el Poder” (SANTOS, 1959, p. 01-02).

³⁰ Original: “a) Etapa actual — El Estado viabilizará la amortización de la casa que habite cada familia con lo que actualmente paga por renta en un período que no será menor de cinco años ni mayor de veinte años fijado de acuerdo con el año de construcción del inmueble. b) Etapa futura inmediata — El Estado, con los recursos provenientes de esta ley y otros recursos, acometerá la construcción masiva de viviendas que serán cedidas en usufructo permanente mediante pagos mensuales que no podrán exceder del 10 por 100 del ingreso familiar. c) Etapa futura mediata —El Estado, con sus propios recursos, construirá las viviendas que cederá en usufructo permanente y gr tito a cada familia” (REBOLL, 1961, p. 212-213).

³¹ Original: “[...] los antiguos propietarios fueron indemnizados por el Estado según el año de construcción y monto del alquiler de la vivienda perdida; se decretó la eliminación y prohibición de todos los gravámenes hipotecarios sobre inmuebles urbanos; se eliminó la institución legal del alquiler de viviendas y se prohibió toda forma de alquiler entre particulares” (2011, p.30).

O mercado imobiliário cubano era de interesse privado, e com o crescimento acelerado da população houve um déficit de oferta em relação à procura. Dessa maneira, a população que era marginalizada e não possuía poder aquisitivo ocupava as regiões mais pobres da cidade. Conforme nos adverte Acosta León e Hardoy, os efeitos do controle urbano e suburbano permitiram definir a orientação do crescimento físico das cidades e o planejamento e organização dos bairros (1971, p. 138).

Apesar das conquistas, nos últimos anos alguns problemas de moradia são realidade em Cuba, como analisado por Erich Trefftz (2011). Segundo ele, há a deterioração das casas existentes e a estagnação na reabilitação e construção. Mesmo o governo reconhecendo as dificuldades e buscando solução para a garantia de empregos, a situação é preocupante.

Muitas são as dificuldades a serem enfrentadas na ausência de mercados relacionados à habitação (terrenos, materiais, mão de obra, capital e habitação), os subsídios indiscriminados e a simultânea incapacidade de enfrentar o financiamento massivo da habitação pelo governo. [...]. No entanto, a falta de inclusão da política habitacional no rol das políticas sociais a serem mantidas ainda é preocupante. Por outro lado, não está claro como a população vai conseguir dinheiro para manter e melhorar seu habitat, quando os salários são tão desvalorizados (TREFFTZ, 2011, p. 55 e 58, tradução nossa³²).

Portanto, apesar das medidas pós-revolucionárias, a falta de recursos para a construção habitacional é um problema a ser superado na ilha, visto que muitas casas oferecem riscos à população pela falta de infraestrutura. Especialmente após o fim da União Soviética e com os bloqueios econômicos, muitas obras e indústrias pararam, pois sem os recursos necessários, Cuba precisou garantir outros direitos básicos, como alimentação e saúde.

Por fim, esclarecemos anteriormente que o Periódico *Revolución* se preocupou em atuar politicamente em favor das reformas e de registrar esse momento, especialmente por intermédio das fotografias. Vale dizer, nesse período de consolidação do governo revolucionário, foi necessária uma cobertura completa das decisões políticas e das vitórias para a população mais pobre, com garantias de direitos sociais, qualidade de vida e direito à moradia. Dessa maneira, no próximo capítulo, buscaremos entender a relevância da imprensa como fonte da história, as

³² Original: “Son muchas las dificultades a enfrentar ante la inexistencia de mercados relacionados con la vivienda (suelo, materiales, mano de obra, capitales y viviendas), la subvención indiscriminada y la simultánea incapacidad para afrontar un financiamiento masivo de viviendas por parte del gobierno. [...]. Sin embargo, preocupa aún la no inclusión de la política de la vivienda en el listado de políticas sociales a mantener. Por otro lado, tampoco queda claro cómo la población obtendrá el dinero para mantener y mejorar su hábitat, cuando los salarios están tan desvalorizados” (TREFFTZ, 2011, p. 55 e 58).

contribuições do jornal e das fotografias cubanas para a construção de uma identidade e discurso político revolucionário.

3 IMPRENSA E REVOLUÇÃO CUBANA

Urge saber que as imagens são nossos olhos passados, presentes e futuros, olhos da história, roupas, nudezas e paredes da história. Roupagens e montagens de tempos heterogêneos. De vivências presentes, de sobrevivências, de ressurgências, de tantas outras memórias (individuais e coletivas). Pensar deste modo as imagens como lugares de questionamentos, lugares dentro dos quais, escrevemos, também, nossa história (SAMAIN, 2012, p. 162-163).

3.1 Imprensa e História: debates teóricos

As modificações teóricas do campo da história, tendo como marco o movimento dos *Annales* liderada pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre no final dos anos 1920, transformaram a pesquisa histórica, possibilitando novos olhares sobre os sujeitos, objetos de estudos e temáticas.

Na análise do pesquisador José Carlos Reis (2000, p. 15-17), esse “novo olhar” do historiador dos *Annales* está ligado às novas representações do tempo histórico, pois não se poderia mais pensá-lo de modo “teleológico, um tempo utópico, linear, contínuo, irreversível e progressivo em direção à Razão”, uma vez que esta última se tornara ameaçadora: “nacionalismos, racismos, imperialismos, etnocentrismos, xenofobias e a guerra era o que emergia e sem nenhum controle [...]” (REIS, 2000, p. 20).

Portanto, essa transformação na percepção de tempo histórico é essencial para a renovação teórica do campo da História, na medida em que encaminha nossos olhares para outras histórias e personagens, fugindo das perspectivas tradicionais que buscavam uma “história oficial” dos acontecimentos, sem uma análise e reflexão crítica do pesquisador.

Para tanto, essas narrativas dos eventos por intermédio apenas de documentos oficiais e seguindo a “imparcialidade”, fundamentados na busca de uma “verdade histórica”, passam a ser questionados, pois, além de limitar as várias estruturas que compõe o tempo histórico, ocasionam o apagamento de outros sujeitos, visto que somos direcionados para uma história tradicional de grandes feitos e heróis. Em linhas gerais, a “história-problema” é uma resposta do movimento dos *Annales*, pois ela vem para

[...] reconhecer a impossibilidade de narrar os fatos “tal como se passaram”. Por ela o historiador sabe que escolhe seus objetos no passado e que os interroga a partir do presente. [...] o historiador escolhe, seleciona, interroga, conceitua, analisa, sintetiza, conclui. Ele reconhece que não há história sem teoria (REIS, 2000, p. 74).

Nesse sentido, nos cabe citar o clássico trabalho de Marc Bloch em “Apologia da História, ou, o ofício do historiador”, em que busca explicar o que é e para que serve a História:

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça (BLOCH, 2001, p. 54).

A História é, para Bloch, não apenas a “ciência dos homens”, mas, “dos homens no tempo” (2001, p. 55). Logo, compreender os seres humanos como objeto de estudo na história nos faz refletir para a variedade de fontes à disposição do historiador. Seguindo essa lógica, Marc Bloch afirma: “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (2001, p. 79). Na análise de José Reis, “Essa abertura e ampliação do campo das fontes históricas estão inteiramente associadas, por um lado, ao projeto da “história-problema”, pois não há mais a “tirania” da heurística, mas a construção de problemas e hipóteses, no início da pesquisa” (REIS, 2000, p. 78). Essas reflexões impulsionaram as futuras gerações de pesquisadores a desenvolverem trabalhos partindo de outros olhares, trazendo à tona um leque de documentos e personagens, até então esquecidos ou ignorados.

No final dos anos 1960, novas abordagens ainda estavam sendo exploradas por historiadores em diferentes caminhos e tendências, em especial os *Annales* da terceira geração, dialogando com outras ideias, como a nova história econômica, a cultura popular, a antropologia simbólica, entre outros (BURKE, 1991, n. p.). Dessa maneira, a autora Tania Regina de Luca afirma que até a década de 1970 a importância do jornal estava ligada apenas à história da imprensa, contudo, “ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (2008, p. 111 e 118).

A imprensa exerce um importante papel dentro da sociedade de massas, ela expressa o cotidiano, as questões sociais, políticas e culturais. Como toda instituição humana, não é neutra, pois assume uma posição diante dos problemas que encontra em seu percurso. Destarte, Martins e Luca afirmam que “atribuímos à imprensa escrita, historicamente o primeiro meio de comunicação de massa, papel central na defesa dos interesses dos cidadãos contra quaisquer tipos de violações e abusos cometidos pelo Estado” (2006, p. 10). Vale assinalar também que ela pode ser um canal de propaganda de um governo, de uma ideia, seja ela uma pauta coletiva ou de um grupo seleto de pessoas. Em síntese, nos fornece vestígios humanos de seu tempo:

Dados acerca das formas de associação e composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, greves, mobilizações e conflitos, condições de vida e trabalho, repressão e relacionamento com empregadores e poderes estabelecidos, intercâmbios entre lideranças nacionais e internacionais, enfim, respostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes puderam ser encontradas nas páginas de jornais, panfletos e revistas, que se constituíam em instrumento essencial de politização e arregimentação (LUCA, 2008, p. 119).

Diante disso, em meio às transformações urbanas, à modernização e à agilidade que o mundo contemporâneo exigia, diversos meios de comunicação passam a fazer parte do cotidiano das cidades, como periódicos, folhetos e revistas ilustradas. Em consonância com isso, Luca expressa a preocupação dos historiadores em buscar respostas nos periódicos, na medida em que nas páginas “formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro”. (2008, p. 120)

No caso de Cuba, de acordo com dados coletados por Marino (2002), a imprensa dava seus primeiros passos na primeira metade do século XVIII, porém, foi apenas no final do século que exerceu um papel essencial para a construção de uma consciência cubana, na figura de Padre José Agustín Caballero, que “desenvolveu uma atividade intelectual e patriótica ostensiva nos vários artigos de sua autoria” (MARINO, 2002, p. 74).

Ainda citando a autora, sua análise nos assegura que durante o século XIX diversos periódicos surgiram com o interesse independentista referenciando figuras importantes da luta cubana e contrariando o regime colonialista. Em síntese:

[...] o desenvolvimento da imprensa em Cuba no século XIX permite constatar o processo de gestação de uma identidade nacional. A imprensa recolheu a tradição ilustrada e a maturidade das ideias que fizeram emergir um pensamento anticolonialista, antiescravagista, patriótico e independentista (MARINO, 2002, p. 86).

Portanto, é notável a contribuição da imprensa para o a circulação de ideias, sejam elas ligadas à produção cultural, à política e economia, mas que refletem o campo intelectual de seu tempo. Em vista disso, neste segundo capítulo, apresentaremos uma breve reflexão sobre o campo cultural e político de Cuba a partir dos intelectuais que formaram o Grupo R, responsável pela elaboração e difusão do jornal *Revolución*, entre os anos 1959-1960. Logo, buscaremos entender as imagens e o fotojornalismo cubano, a fim de oferecer uma base teórica e contextual do nosso objeto de estudo: as fotografias sobre a Lei da Reforma Urbana de Cuba (1960).

3.2 Imprensa e Revolução Cubana: *Revolución*

O periódico *Revolución* foi um importante instrumento de comunicação entre a cidade e o campo. Após a Revolução de 1959, ele é considerado o principal veículo de imprensa do governo, pois além de promover debates artísticos, intelectuais e políticos, divulgava as notícias e buscava expressar o cotidiano daqueles tempos de transformação. Para tanto, Rojas explica que três gerações de intelectuais apoiaram e se ofereceram para auxiliar o governo revolucionário. São elas:

[...] a geração dos anos de 1930, com suas alas comunista e reformista claramente delineadas desde os tempos da *Revista de Avance*; a dos anos de 1940, cujo projeto cultural mais significativo foi a revista *Orígenes*; e a dos de 1950, que poderia associar-se em certa medida às plataformas estéticas da *Sociedad Nuestro Tiempo* e da revista *Ciclón* (2007, p. 73-74).

Em especial, os intelectuais da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* (SCNT) foram essenciais para a produção cultural após a Revolução, como delineado nas análises de Sílvia Cezar Miskulin (2003) sobre o suplemento *Lunes*. Igualmente importantes foram as trajetórias de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante frente ao *Revolución* e à *Rádio Rebelde*, tal como estudado por Barthon Favatto Jr. (2014).

De acordo com a análise de Favatto Jr. (2014, p. 67), a SCNT foi palco de disputas políticas e culturais da juventude intelectual cubana na década de 1950. Nos registros de Guillermo Cabrera Infante e Carlos Franqui houve duas versões do grupo, uma até 1954 chamada *Nueva Generación* e outra posterior, a *Nuestro Tiempo*, em razão das discordâncias entre os jovens intelectuais e os que seguiam as diretrizes do Partido Socialista Popular (PSP):

Na visão de Carlos Franqui, o desgaste que levou ao esfacelamento dessa primeira SCNT fora, justamente, a inclinação de alguns de seus membros ao stalinismo, corrente que, durante sua jornada de militante, como já demonstrado, o autor criticava, e que, conseqüentemente, tratava-se da linha seguida à risca pelo PSP (FAVATTO JR, 2014, p. 75).

Ainda segundo o autor, para essa geração lhes interessava pensar a realidade histórica utilizando a arte e a cultura como veículos de transformação social, para moldá-las de acordo com seus anseios, prezando pelo caráter politicamente livre do conhecimento e da expressão artística. Posteriormente associaram-se aos ideais defendidos no jornal *Revolución* e na criação do suplemento *Lunes* (2014, p. 70).

Conforme mencionamos no capítulo anterior, a insatisfação com o Golpe de Estado de Fulgencio Batista mobilizou jovens para a luta armada a fim de reestabelecer a democracia na

ilha. Logo, a criação clandestina do *Revolución* em 1956 é essencial para a divulgação das ideias do Movimento 26 de Julho, como nos lembra Favatto Jr.:

[...], gestados como órgãos oficiais de comunicação do M-26/7, o *Revolución* – fundado em 1956 – e a *Radio Rebelde* – inaugurada em 24 de fevereiro de 1958 – cumpriram papéis decisivos numa etapa em que a guerra de informações em Cuba foi tão importante quanto a própria luta armada. A máquina de propaganda governamental atuava no sentido de semear aos quatro ventos informações deturpadas sobre a guerra civil em andamento, ao passo que sempre favoráveis ao regime ditatorial de Fulgêncio Batista. **Portanto, não é exagero afirmar que tanto o *Revolución* quanto a *Radio Rebelde* não só amplificaram como concederam cores e timbres às vozes revolucionárias**, principalmente, àquelas isoladas pelas densas e até então incomunicáveis matas da *Sierra Maestra* (2014, p. 90-91, grifo nosso).

Dessa maneira, com o triunfo da Revolução em 1959, o jornal saiu da clandestinidade e passou a fazer parte do cotidiano na ilha, discutindo em suas reportagens detalhes sobre a guerrilha, traçando o perfil dos revolucionários, os principais combates, as experiências com os trabalhadores do campo; aspectos da vida cultural, esportiva, reportagens sobre as relações exteriores e as reações dos países com a queda de Batista e a ascensão do Movimento 26 de Julho, entre outros.

Em especial, as matérias que correspondiam aos temas de justiça social — como a reforma agrária, urbana, educacional, entre outras — foram temas de capas e discutidas ao longo das edições por intelectuais, políticos e trabalhadores. Segundo dados coletados por Miskulin (2003, p. 40), o jornal era publicado massivamente, chegando a 100 mil exemplares³³.

O jornal apostava em uma renovação estética e atraía profissionais de diversos setores da comunicação e das artes, como escritores, fotógrafos e repórteres³⁴. Com efeito, Carlos Franqui, que estava à frente do comando do *Revolución*, pensou um tipo diferente de jornal:

Uma página frontal com grandes fotos e títulos – manchetes. Seria chamativo, causaria impacto e seria cubano. Eu queria combinar o cartaz moderno e os grandes cartazes que as pessoas carregavam em nossos feriados. Nossas cores seriam as libertárias vermelha e preta do Movimento 26 de Julho, o que era lógico, pois o *Revolución* era a publicação oficial do movimento. [...]. O *Revolución* foi uma agradável surpresa para todos. Começou a informar, engajar-se em polêmicas, instigar

³³ É importante ressaltar, conforme análise de Favatto Jr., que durante a guerrilha a *Rádio Rebelde* foi o principal palco de deflagração das atividades guerrilheiras, pois, além de ser mais acessível financeiramente do que a televisão era também, mais acessível culturalmente que a imprensa escrita, pois Cuba enfrentava desigualdades sociais, como abordamos também ao longo do nosso capítulo anterior (2014, p. 103).

³⁴ De acordo com Miskulin, esses são alguns dos profissionais: “Tinha como diretor gráfico Ithiel León, que realizou uma renovação no design gráfico do jornal, tornando-o de grande impacto visual por sua primeira página com fotos e modernos grafismos. Jesse Fernández, fotógrafo cubano que trabalhou na *Life*, colaborou na área de fotografia, juntamente com Corrales, Korda, Salas e Mayito. Havia jornalistas profissionais, como Barbeito, Hernández, Constantín, Benítez, Vasquez Candela, Arcocha. Pino Santos era o diretor da área econômica. Vicente Baez e Mateo gerenciavam a parte financeira do jornal (1998, p. 2).

o pensamento e criticar (FRANQUI, 1981, p. 34-35 apud FAVATTO JR., 2014, p. 113).

Em síntese, a fundação do jornal é marcada pelo fortalecimento do M-26/07 e, conseqüentemente, com o trinfo da Revolução passa a ser o principal órgão de notícias. Deste modo, muitas de suas reportagens eram sobre as transformações e propostas do governo revolucionário, defendendo as reformas nacionais, como a reforma agrária, reforma urbana, programa de alfabetização, entre tantas outras; além, é claro, de promover debates sobre a cultura. Conforme a análise de Miskulin, o suplemento *Lunes* procurou fornecer espaços para as múltiplas vozes, editando e publicando diversos gêneros literários e textos de jovens escritores, atuando como um agente da revolução cultural em andamento na ilha (2003, p. 113-114).

Apesar da contribuição dos diretores do *Revolución*, o jornal foi transformado no *Granma* em 1965, com o estreitamento da política cubana e a aproximação com a URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, após os diversos ataques financiados pelos Estados Unidos. Em vista disso, a centralização política passou pela fusão entre o Movimento 26 de Julho, o Partido Socialista Popular e o Diretório Revolucionário constituindo a Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), formando, posteriormente, o Partido Comunista de Cuba (PCC) (MISKULIN, 2003, p. 31).

As ideias vinculadas ao *Revolución* e ao *Lunes* entraram em choque com o modelo cultural defendido pelos membros do PSP: o realismo socialista. As pesquisas de Miskulin (1998; 2003) e de Favatto Jr. (2014), nos esclarecem que a posição dos diretores sempre foi contrária e crítica, porque limitava a liberdade de expressão dos artistas e intelectuais, seguindo um padrão estabelecido pelo Estado.

Em 1961 ocorreram transformações profundas na ilha, diante da aproximação de Cuba com a União Soviética e a ocupação de importantes órgãos do governo por membros do PSP, em especial na área cultural. À vista disso, entre 18 e 22 de agosto ocorreu o Primeiro Congresso Nacional de Escritores e Artistas, no qual se inaugurou uma nova etapa na produção intelectual e cultural do país: “a da institucionalização e reconhecimento oficial dos intelectuais e de suas produções por meio do controle e supervisão do Estado” (MOREJÓN ARNAIZ, 2010, p. 70 apud FAVATTO JR, 2014, p. 190-191).

Portanto, essas disputas ideológicas ficam cada vez mais acirradas culminando em longos debates que estabeleceram as estruturas da cultura cubana. De acordo com Miskulin, as principais críticas aos membros do *Revolución* era de que *Lunes* não era acessível tendo de um lado Franqui e os integrantes do grupo R refutando essas críticas e reafirmando o interesse do

suplemento em uma produção livre, enquanto de outro os comunistas eram a favor de utilizar a arte como propaganda ideológica e mais acessível ao povo (2003, p. 162 e 166).

Essas disputas ficaram ainda mais expressivas com a proibição da exibição do curta *P. M.* — apoiado pelo *Lunes* e filmado por Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez-Leal —, em maio de 1961, pois o filme foi considerado obsceno. Esse episódio significou um dos primeiros passos até o fechamento do *Lunes* e, posteriormente, do *Revolución* (MISKULIN, 2003, p. 166 e 170).

Silvia Miskulin (1998, p. 5) explica que o nome *P. M.* era a abreviatura de *Postmeridiam* e o documentário mostrava a vida noturna em Havana nos bares e restaurantes. Contudo, o ICAIC – *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos* – proibiu a exibição pois fora considerado contrarrevolucionário, ao mostrar os trabalhadores bêbados e na vida noturna. Sendo assim, “[...] foi analisado como sendo um filme licencioso, lascivo, fragmentador da realidade social cubana” (MISKULIN, 1998, p. 5).

Nos dias 16, 23 e 30 de junho de 1961 foram realizadas várias reuniões na Biblioteca Nacional José Martí para discutir a proibição do documentário. Miskulin argumenta que apesar da defesa de vários escritores e intelectuais, a censura foi ratificada, e ao final do evento Fidel Castro fez o discurso histórico *Palabras a los intelectuales*, em que estabeleceu a política cultural de Cuba (2003, p. 170-171).

No discurso, Fidel expressava que a Revolução deveria atrair todos aqueles que tivessem dúvidas sobre as transformações em andamento, para que fossem convertidos em revolucionários. Assim, o papel dos artistas e intelectuais era também o de se encontrarem dentro da Revolução Cubana:

A Revolução não pode renunciar para que todos os homens e mulheres honestos, sejam ou não escritores ou artistas, marchem junto a ela; a Revolução deve aspirar que todo o que tenha dúvidas se converta em revolucionário; a Revolução deve atrair para suas ideias a maior parte do povo; a Revolução nunca deve renunciar em contar com a maioria do povo, a não contar somente com os revolucionários, mas, sim, com todos os cidadãos honestos, que ainda não são revolucionários [...]. A Revolução só deve renunciar aqueles que sejam incorrigivelmente contrarrevolucionários (CASTRO, 2016, p. 86, tradução nossa³⁵).

³⁵ Original: “La Revolución no puede renunciar a que todos los hombres y mujeres honestos, sean o no escritores o artistas, marchen junto a ella; la Revolución debe aspirar a que todo el que tenga dudas se convierta en revolucionario; la Revolución debe tratar de ganar para sus ideas a la mayor parte del pueblo; la Revolución nunca debe renunciar a contar con la mayoría del pueblo, a contar no solo con los revolucionarios, sino con todos los ciudadanos honestos, que aunque no sean revolucionarios [...] La Revolución solo debe renunciar a aquellos que sean incorregiblemente reaccionarios, que sean incorregiblemente contrarrevolucionários” (CASTRO, 2016, p. 86).

Em seguida, reafirma sua posição diante dos intelectuais e da política cultural em Cuba:

E a Revolução precisa ter uma política para essa parte do povo, a Revolução precisa ter uma atitude para a parte dos intelectuais e dos escritores. A Revolução deve compreender essa realidade e deve atuar para que todo o setor dos artistas e intelectuais que não sejam genuinamente revolucionários, encontrem que dentro da Revolução tem um campo para trabalhar e para criar; e que seu espírito criativo, mesmo quando não são escritores ou artistas revolucionários, tem a oportunidade e a liberdade de se expressar. Ou seja, dentro da Revolução (CASTRO, 2016, p. 86-87, tradução nossa³⁶).

Em conclusão, o Governo Revolucionário deveria propiciar uma política de inclusão daqueles que buscavam se encontrar dentro do pensamento revolucionário, assim como os cidadãos, sejam eles intelectuais ou não, deveriam assumir a posição de defensores da Revolução Cubana; dessa forma “isto significa que dentro da Revolução, tudo; contra a Revolução, nada” (CASTRO, 2016, p. 87, tradução nossa³⁷).

Dessa maneira, Miskulin (2003, p. 187) relata o fechamento do *Lunes* em novembro de 1961, apenas com a indicação “Número final”. Segundo a autora, o silêncio dos editores sobre o longo debate entre os intelectuais cubanos do período — e que envolviam os profissionais do *Lunes* —, poderia significar que eles não quiseram, ou se sentiram impedidos de manifestar os porquês que levaram ao fim do suplemento.

Todavia, Favatto Jr. (2014, p. 233) aponta os livros de memórias de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante como as lacunas que faltavam para entender esse processo, como “cacos que recompõe [...]. São ecos estrondosos que nada dizem sobre um impedimento concreto, mas que muito dizem de um impedimento possível”. Logo, o pesquisador explica a preservação como principal causa do silêncio dos editores, na medida que o *Revolución* se mantinha forte perante aos ataques e eles tinham objetivo de fazer o suplemento renascer. Portanto, era necessário não se comprometer. Outro ponto importante era a preservação individual dentro do regime que estava sendo estabelecido em Cuba (FAVATTO JR., 2014, p. 234-235). Em síntese:

³⁶ Original: “Y la Revolución tiene que tener una política para esa parte del pueblo, la Revolución tiene que tener una actitud para esa parte de los intelectuales y de los escritores. La Revolución tiene que comprender esa realidad, y por lo tanto debe actuar de manera que todo ese sector de los artistas y de los intelectuales que no sean genuinamente revolucionarios, encuentren que dentro de la Revolución tienen un campo para trabajar y para crear; y que su espíritu creador, aun cuando no sean escritores o artistas revolucionarios, tiene oportunidad y tiene libertad para expresarse. Es decir, dentro de la Revolución” (CASTRO, 2016, p. 86-87).

³⁷ Original: “Esto significa que dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, nada” (CASTRO, 2016, p. 87).

A censura ao documentário *P. M.*, o fechamento de *Lunes de Revolución* e a repressão aos homossexuais podem ser vistos como um momento de ruptura ideológica do processo revolucionário. Este momento seria um marco no cerceamento da liberdade de expressão e criação artística e intelectual em Cuba, pois definia que a produção cultural deveria seguir as diretrizes estabelecidas pelo governo. [...]. Para os intelectuais e artistas, significou o direcionamento da arte por parâmetros que lembravam muito o realismo socialista (MISKULIN, 2003, p. 189).

Em resumo, o fim do *Revolución* está marcado por sua fusão com o jornal *Hoy*, do PSP, formando o *Granma*, em 1965, bem como pelo exílio definitivo de Guillermo Cabrera Infante nesse mesmo ano, e de Carlos Franqui em 1968. Apesar do seu fim, o jornal e seus editores ocuparam funções e tiveram participações importantes para a consolidação da Revolução. Em especial, o fotojornalismo ocupou um espaço privilegiado dentro do jornal; páginas inteiras se ocuparam com os retratos de políticos, de espaços públicos, cidades, trabalhadores urbanos e rurais, artistas, além de uma longa cobertura sobre a Reforma Agrária e os ataques estadunidenses na ilha. As fotorreportagens, é claro, também abarcavam nosso objeto de estudo: a questão urbana.

3.3 Cuba e o fotojornalismo

Explicamos anteriormente que além da relevância política de *Revolución*, os profissionais que atuaram no jornal desenvolveram uma estética única, buscando uma identidade cubana, mas que expressava a pluralidade de ideias e a liberdade criativa do jornal. Para tanto, as fotografias ocuparam espaços importantes, especialmente em um cenário de lutas ideológicas: a Guerra Fria.

Nesse contexto, os Estados Unidos se mantinham em alerta na América Latina, pois, como escreve Ayerbe (2004, p. 45-46), a Revolução Cubana ocorreu no período de endurecimento da Guerra Fria, no final do governo de Eisenhower (1953-1961) e o início do governo Kennedy (1961-1963), o que aumentava a relevância da região no cenário político externo. Por conseguinte, naquela conjuntura, obter o apoio político internacional era importante para os revolucionários, já que o conflito de interesses entre Estados Unidos e União Soviética se intensificava. Todavia, para reorganizar a economia e atender as necessidades do povo era fundamental uma série de reformas e transformações, as quais confrontavam os interesses privados.

No ano de 1960, o governo revolucionário expropriou terras de várias das companhias estadunidenses, como a *United Fruit*. Logo, as relações com o país vizinho passaram a ser

conflituosas. Além de sanções e bloqueios econômicos, em março deste ano foi aprovado nos EUA o Programa de Ação Secreta Contra o Regime de Castro, que tinha como objetivo treinar refugiados cubanos para operações de guerrilha em Cuba (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 256). Assim, nesse período diversos ataques foram financiados pelos Estados Unidos para derrubar o governo revolucionário. Entre esses, o ataque frustrado à Baía dos Porcos em 1961, em que um grupo de exilados cubanos desembarcou e atacou a ilha.

Diante disso, o jornal precisou assumir uma postura ainda mais firme contra o imperialismo. Como bem expressa Favatto Jr. (2014, p. 152), o *Lunes* e o *Revolución* foram fiéis defensores da Revolução Cubana e das medidas adotadas pelo governo, apontando para a sua percepção sobre as matérias, propagandas, tiras e as fotografias que endossam essa afirmação.

Em especial, as fotografias são importantes objetos de estudo. Apesar do senso comum considerá-las como registros fiéis do real, elas se comunicam conosco de diferentes maneiras. Portanto, a fotografia não fala por si só, mas deve ser lida, precisamos interpretá-la, perceber seus ecos, seus silêncios, seus gritos, visto que enquanto seres humanos somos feitos de escolhas; por trás de uma câmera há um fotógrafo que imprimiu seu olhar sobre o acontecimento, e naturalmente não o fez de forma completamente imparcial.

Quanto a isso, Kossoy (2012, p. 113-114) expressa que uma única imagem compõe um inventário de informações sobre um determinado espaço e momento do passado, pois “ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida”, dessa maneira, o espaço urbano, os monumentos, o vestuário e as aparências estão ali congelados em um momento. No entanto, o pesquisador nos alerta sobre a objetividade positivista dada a fotografia, como uma “expressão da verdade”; um equívoco ainda persistente.

O historiador Peter Burke reforça a necessidade de haver uma crítica da fonte. Para ele, a arte da “representação”, seja a pintura ou a fotografia, é menos realista do que parece, pois distorce a realidade social. Entretanto, esse processo de distorção é, ele próprio, a evidência de fenômenos como ideologias e identidades (2004, p. 30 e 37). Em consonância, Felizardo e Samain explicam que o fato de uma fotografia ser “representação do real” não é suficiente para conferir a ela credibilidade absoluta, pois, assim como a memória “ela pode ‘selecionar’ partes do real a fim de iludir, manipular, fazer parecer” (2007, p. 211). Assim, a fotografia expressa recortes, disputas políticas e culturais, nas quais a interpretação e análise são essenciais.

A pesquisadora Dulcilia Buitoni (2011, p. 03 e 07) lembra que muitos fotógrafos costumam dizer que a fotografia nasce muito antes do clique, na medida em que uma boa

fotografia requer pensamento e muita sensibilidade. Logo, para a autora, não existe imagem inocente, pois, para ser um bom fotógrafo ou consumidor de imagens é necessário desenvolver um “terceiro olho muito sensível”.

Compreendemos que as fotografias não são registros fiéis da realidade, elas são feitas de escolhas e recortes, de acordo com as subjetividades humanas e culturais do fotógrafo. Sob o mesmo ponto de vista, Kossoy afirma: “o registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal” (2012, p. 45).

As fotografias são registros sensíveis, que trazem à tona uma memória sobre o passado. O pesquisador Etienne Samain considera a fotografia como “fenômeno”, uma vez que para se moldar, ela precisou de um suporte: “uma máquina captadora de luz, jogos de lentes, diafragma e obturador, uma placa sensível”; um observador, que com seu talento expressou o que viu, enquadrou, retocou e manipulou, logo: “para emergir, ela precisou da existência do tempo, do espaço, da luz e da sombra, das cores, das linhas, dos volumes, das formas, do ambiente...” (2012, p. 157). Dessa maneira, nosso autor considera a imagem muito mais que um objeto, mas, sim, um processo vivo, pois participa de um sistema de pensamentos. Assim, para ele, a imagem é pensante e se constitui como memória:

A imagem, assim entendida, é longe de ser uma abstração. Ela é a eclosão de significações, num fluxo, amplo e contínuo, de pensamentos que sabe carregar. É por essa razão que a imagem pode-se tornar um clarão numa noite profunda, a aparição de uma espécie fantasmal esquecida, que, de repente, se desvela por um curto instante, se revela, nos lembra de outros tempos e de outras memórias (SAMAIN, 2012, p. 158).

Em correspondência com essa análise, Boris Kossoy expressa que a fotografia é um fragmento da realidade e representa a perpetuação de um momento, ou seja, da memória: “Fotografia é memória e com ela se confunde. [...]. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem — escolhida e refletida — de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior” (2012, p. 168). Destarte:

As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. Precisam de nós para que sejam desdobrados seus segredos. As fotografias são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas. [...]. As pequenas peles, as películas, de nossa existência. As fotografias são confidências, memórias, arquivos. (SAMAIN, 2012, p. 160).

Para compreender uma fotografia é preciso observar as subjetividades que ela apresenta, pois expressam fragmentos simbólicos de seu tempo. Em um jornal, a fotografia assume um caráter político e cultural próprio. Como destacado por Lorenzo Vilches (1987), elas são tão ricas em informação quanto a notícia escrita, caracterizando-se como uma enciclopédia onde os leitores podem buscar diversos significados de acordo com seus interesses, sua cultura e vivências. Ou seja, a fotografia pode ser a mesma, mas a forma como cada pessoa as lê tem suas peculiaridades, pois falamos de experiências humanas distintas.

De acordo com Buitoni (2011, p. 25), na tentativa de justificar que a fotografia produzida e divulgada com finalidades jornalísticas parte da conexão com o real — o que sustenta a ideia de “testemunha” e “prova do real”³⁸, que comentamos anteriormente —, muitos não reconhecem que a edição, ou seja, o local que irá ocupar na página, os recortes e a própria seleção, são uma “transformação do real”.

Valendo-nos da afirmativa de Vilches (1987, p. 54-55), cada parte do jornal está relacionada com as demais, portanto, há uma liberdade para que o leitor siga seu próprio caminho. Entretanto, a princípio, uma página de periódico não se lê por seu conteúdo, mas, sim, pela maneira como ela se expressa. Em conformidade com essa análise, Pepe Baeza (2001, p. 30), citado por Buitoni (2011, p. 53), afirma que as construções fotográficas no jornal são os procedimentos técnicos-expressivos mais determinantes no conteúdo visual da imprensa. Em linhas gerais:

O fotojornalismo inclui a função profissional, de longa tradição histórica; é um tipo de imagem canalizada em função dos valores de informação, atualidade, relevância política/social/cultural. O fotojornalismo também é influenciado pela fotografia documental, que igualmente tem compromisso com a realidade, mas busca fenômenos mais estruturais do que a conjuntura noticiosa (BUITONI, 2011, p. 57).

Carlos Alberto Sampaio Barbosa (2013, p. 566), nos lembra que na América Latina do século XX houve um significativo desenvolvimento do fotojornalismo e da imprensa de informação, posto que as experiências de muitos profissionais transcende o mero registro documental ou jornalístico. Favatto Jr. (2015, p. 314) adverte que muitas vezes essas fotografias abarcam temáticas bélicas e de conflitos, mas vinculadas ao ramo jornalístico, visto que muitos fotógrafos trabalharam para agências de notícias.

Em uma análise comparada, Monica Ferrer (2010, p. 07-08) aponta para particularidades no contexto político e social do Brasil e de Cuba na segunda metade do século

³⁸ A autora nos lembra que parte dos motivos pelos quais a fotografia jornalística é percebida como “espelho do real” está ligada a motivos ideológicos e mercadológicos dos meios de comunicação (2011, p. 25).

XX, que implicam nas restrições à liberdade de expressão e refletem na criação da fotografia no período. Portanto:

Não devemos esquecer que a arte, em períodos convulsos de crises, vê-se muitas vezes fortalecida através da história, pois os artistas encontram as mais variadas maneiras para expressar-se, além do fato de que a arte mantém com a política um vínculo operante, que nem sempre resulta evidente (FERRER, 2010, p. 07).

Em Cuba, mencionamos anteriormente que diversos artistas e intelectuais foram importantes para a construção do jornal *Revolución* e do suplemento cultural *Lunes*. No caso da fotografia, temos nomes importantes, entre eles: “Alberto Korda, Raúl Corral Varela (Corrales), Ernesto Fernández, Mario García Joya (Mayito) e Osvaldo Salas Merino”. (FAVATTO JR., 2015, p. 301). Em linhas gerais, essas fotografias ocuparam espaços privilegiados dentro do jornal, com páginas inteiras dedicadas a elas. Segundo Favatto Jr. há duas justificativas para essa escolha:

A primeira, de ordem estética, de que era necessário revolucionar os modos de produção e apresentação dos periódicos cubanos. E, a segunda, de ordem ideológica, de que era necessário informar e atingir um maior público-leitor. Inclusive, uma boa parcela da população ainda não alfabetizada – cerca de 40% da população total de Cuba (GOTT, 2006, p. 216). Em sua maioria, habitantes das províncias orientais, em que os acidentes geográficos condicionavam isolamento (FAVATTO JR, 2015, p. 310).

No início dos anos 1960, diante das mudanças políticas, sociais e econômicas que Cuba enfrentava, as transformações no discurso fotográfico são evidentes. De acordo com Grethel Morell Otero, como nunca antes, a fotografia assumiu o valor “comunicacional massivo e empático, em níveis extra-artísticos, suprasociais e fora do todo localismo” (2009, p. 61, tradução nossa³⁹). Nesse contexto, Favatto Jr. afirma que o fotojornalismo cubano pretendia romper com os modelos estéticos europeu e estadunidense, propiciando “uma arte fotográfica que se postulava genuinamente latino-americana e engajada, e, que posteriormente serviu de modelo para inúmeros fotojornalistas latino-americanos” (2015, p. 315).

O registro fotográfico é essencial para a construção da memória, em especial no contexto jornalístico. Pollak nos lembra que a memória é uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado”, à vista disso, todas as organizações políticas veiculam “seu

³⁹ Original: “la fotografía alcanzó el valor ‘comunicacional masivo y empático, a niveles extraartísticos, supra sociales, y fuera de todo localismo’” (OTERO, 2009, p. 61).

próprio passado e a imagem que ela forjou para si mesma. [...]. O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (1989, p. 11).

Por conseguinte, as fotografias foram essenciais para a construção ideológica do discurso revolucionário. Otero as considera fiéis aliadas da Revolução, pois contribuíram “tanto para a construção de uma memória histórica coletiva, o suporte dúctil de estratégias discursivas hegemônicas, quanto para o registro irrefutável do fato (verdade e realismo respirava o fotodocumentalismo da época; [...])” (2009, p. 61, tradução nossa⁴⁰). Em síntese:

E fora justamente determinando o público ao qual se dirigia que o fotojornalista engajado cubano situava sua obra política e socialmente transferindo ao leitor ideias, valores e julgamentos quase sempre partilhados pelos próprios receptores do discurso fotográfico. **As fotografias por eles produzidas auxiliaram, nesse sentido, a consolidar imaginários não somente acerca dos indivíduos – atores históricos – envolvidos nesses processos, mas também em torno da revolução e da sociedade em que atuaram.** Se por um lado se pode afirmar que revoluções são feitas de sangue e suor. **Por outro, é plausível dizer que a Revolução Cubana também o fora por cliques e imagens** (FAVATTO JR, 2015, p. 315-316, grifo nosso).

3.4 Reforma Urbana e *Revolución*: enquadramento

Para delimitar como a questão urbana é inserida no discurso do jornal, buscamos responder as perguntas: como a temática é apresentada ao longo das edições do *Revolución*? E qual o espaço ocupado pelas fotografias sobre o tema?

Ao revistar as páginas do jornal no ano de 1959 é perceptível que as matérias relacionadas às questões agrárias são predominantes em relação às urbanas, especialmente com a primeira Lei de Reforma Agrária aprovada em maio. Com efeito, observamos pequenas matérias que tratam do plano de habitação e planejamento urbano, porém, ainda como temas discutidos pelo governo revolucionário e expressos em pequenas notas informativas, geralmente em trechos na capa e que continuam nas páginas seguintes.

Após sua aprovação, as primeiras leis são anunciadas na capa do periódico; entretanto, as fotografias não ocupam espaços nessas notícias, sendo o texto a ferramenta de comunicação predominante. No dia 7 de março de 1959, quando é divulgada por *Revolución* a Lei de Aluguéis — que reduzia até 50% o aluguel de imóveis urbanos e, conseqüentemente, baixava o custo de vida para as famílias mais humildes — não há fotografia vinculada à notícia, mas apenas o título da matéria em caixa alta e um pequeno quadro em que os editores afirmam que

⁴⁰ Original: “Tanto para la construcción de una memoria histórica colectiva, el soporte dúctil de las estrategias discursivas hegemónicas, como para el registro irrefutable del hecho (verdad y realismo respiraba el fotodocumentalismo de entonces; [...])” (OTERO, 2009, p. 61).

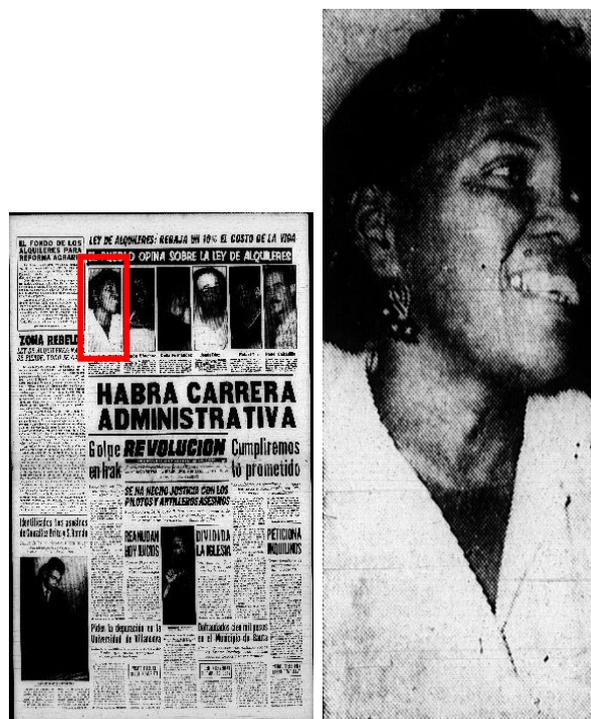
a lei está sendo comemorada por toda a ilha, nos cafés e praças públicas como uma medida que beneficia todas as classes (REBAJAN..., 1959, p. 1).

Dois dias após essa matéria, parte da capa do jornal foi dedicada ao tema, contando com textos e acompanhada de seis fotografias, intitulada: “o povo opina sobre a lei de alugueis”. Segundo Pepe Baeza (2001), citado por Buitoni (2011, p. 93), a foto de imprensa se divide em “foto jornalística”, que está relacionada às reportagens e notícias, e a “fotoilustração”, que tem como objetivo uma melhor compreensão dos temas e pode ser até mesmo opinativa.

Nesse caso, as fotografias da reportagem aparecem como um complemento do que está sendo dito, a fim de ressaltar que essas pessoas existem e quem tem uma opinião sobre a lei. Além disso, convergem com a proposta do jornal de trazer a comunidade para discutir as decisões do governo revolucionário.

Logicamente, há uma seleção dessas imagens. Dessa maneira, os retratos, não por acaso, são de trabalhadores: uma empregada doméstica, um carpinteiro, uma funcionária pública, um motorista, um comerciante e, por último, um florista. Na legenda, eles comentam sobre a particularidade de cada situação e como a lei é relevante para a estrutura financeira de suas famílias.

Figura 2 - Angela Rodríguez



Fotografia: autor desconhecido
 Fonte: *Revolución*, n. 79, 09/03/1959

Selecionamos o retrato de Angela Rodríguez (Figura 2). Na foto ela aparece sorridente, o que é complementado pela legenda, ao afirmar que todo o dinheiro de seu trabalho era para o pagamento do aluguel da casa em que vive e que foi reduzido. Ao observar a fotografia, percebemos a simplicidade dessa personagem, em conformidade com os outros trabalhadores. O retrato nos passa a sensação de que ela está conversando, e o sorriso largo com a felicidade está em sintonia com a coluna da *Zona Rebelde*, que descreve a Lei como emocional, profunda e radical como a Revolução.

Apesar do fotógrafo não ser identificado, a organização da página com as fotografias de trabalhadores era comum: eles aparecem distraídos, como se estivessem conversando, ou seja, não é uma foto posada. Percebemos em Angela o alinhamento do jornal com a defesa dos trabalhadores, pois ela aparece como parte de um povo que segue contente com as medidas do governo.

A Lei dos aluguéis repercutiu durante todo o mês de março no *Revolución*. A edição do dia 11 trouxe seu texto completo e, de acordo com o documento, o Conselho de Ministros concordou que o Governo Revolucionário deve se ocupar das necessidades básicas e bem-estar social do povo, o que inclui a moradia. Logo, afirmam que os aluguéis são os mais caros — se comparados a outras nações —, o que aumenta as desigualdades na ilha. Portanto, era necessário a intervenção do Estado na regulamentação desses valores, enquanto buscava reduzir o impacto da medida junto aos proprietários com menos recursos (TEXTO..., 1959, p. 1 e 4).

Em conformidade com o jornal, o discurso de Fidel em Santiago de Cuba no dia 13 de março expressa que a redução de aluguéis está próxima ao sentimento de justiça, pois, implica no aumento do poder aquisitivo das classes trabalhadoras. Destarte, não poderia ser considerada ódio aos proprietários, visto que era uma lei que beneficiaria o povo:

Vimos e fizemos a redução nos aluguéis. É porque nós temos ódio dos donos de casas? Não, senhor! Não temos ódio a ninguém, não fazemos leis por ódio; fazemos por amor à justiça. Não fazemos leis para incomodar, nem mesmo lhe amargar a vida. Fazemos leis para beneficiar ao povo (CASTRO, 1959c, tradução nossa⁴¹).

Em nosso primeiro capítulo, explicitamos que a efetivação da Reforma Agrária era essencial para uma Reforma Urbana, tendo em vista que a garantia e o acesso às terras manteria a população no campo evitando o êxodo rural, além da construção de casas, escolas, quadras

⁴¹ Original: “Venimos y hacemos una rebaja de alquileres. ¿Es porque nosotros les tengamos odio a los dueños de casas de alquileres? ¡No, señor! Nosotros no le tenemos odio a nadie, nosotros no hacemos leyes por odio; nosotros hacemos leyes por amor a la justicia. Nosotros no hacemos leyes por fastidiar a nadie ni amargarle la vida a nadie; nosotros hacemos leyes por beneficiar al Pueblo” (CASTRO, 1959c).

esportivas e centros de saúde como exemplos que poderiam ser reproduzidos na organização das cidades. Quanto a isso, na edição n. 82 do dia 12 de março, o jornal destacou a frase de Fidel em discurso promulgado em Santiago de Cuba, ao afirmar que assim como a Reforma Agrária, haverá também com amplitude uma reforma urbana: “A reforma urbana ainda não terminou, porque assim como estamos fazendo a reforma agrária no campo, também é justo que façamos a reforma urbana” (CASTRO, 1959 apud TAMBIEN..., 1959, p. 6, tradução nossa⁴²).

Alguns dias após o discurso, a capa de *Revolución* do dia 16 tinha dois focos: o rural e o urbano. No título: “Também em cidades há latifúndios de terrenos”, com destaque nas palavras “A Reforma Agrária” e “A Reforma Urbana”, escrito em lados opostos, mas que ao mesmo tempo se completam pelo problema da ocupação desigual dessas terras.

Enquanto no campo as disputas por terra tinham como principais obstáculos os latifúndios, nas cidades, a especulação imobiliária era um problema. Em discurso de Castro em Santa Clara, ele afirmava que não se constrói nada e nem permitem a construção nesses locais, e quando o governo intervém as obras são paralisadas a fim de prejudicar a economia (TAMBIEN..., 1959, p. 22).

Essa edição contou com fotografias, porém, elas dão ênfase à questão agrária, ao destacar uma reportagem sobre como vivem as famílias sob o domínio da *United Fruit*, com texto de Gregorio Ortega e fotos de Ernesto. Selecionamos a fotografia destacada na capa para entender parte dessa construção discursiva pelo jornal, o que nos permite abarcar também a temática urbana.

⁴² Original: “Así que la reforma urbana no ha terminado todavía, porque lo mismo que en el campo estamos haciendo la reforma agraria, también es justo que hagamos la reforma urbana” (CASTRO, 1959 apud TAMBIEN..., 1959, p. 6)

Figura 3 - *Como viven los cubanos bajo la United Fruit*



Fotografia: Ernesto
 Fonte: *Revolución*, n. 85, 16/03/1959

Na foto, uma criança está sentada à esquerda com o olhar distante, pela qualidade da imagem não é possível identificar se está direcionado às outras duas pessoas que estão localizadas à direita, ou se está além do registro imagético. Ao fundo é perceptível duas casas, com construções simples. De acordo com a reportagem, as casas são localizadas em vielas de cana de açúcar, as cabanas são cobertas por palma de guano e o chão é de terra batida, como é possível reconhecer na imagem (ORTEGA, 1959, p. 24)

A fotografia é uma denúncia, pois, ao mesmo tempo que as terras da Companhia eram ocupadas pelos estrangeiros com uma qualidade de vida elevada, energia elétrica e limpeza pública, os trabalhadores agrícolas não tinham permissão para construir nessa área e viviam nos *Bohíos*. Segundo Ortega, conforme o Registro Anual de Açúcar⁴³, as centrais de Preston e Boston da *United Fruit Sugar Company* têm 8.157 *caballerias*, sendo que 2.963 pertencem a Boston. Entre elas encontra-se *Banes*: “uma humilde comunidade cubana em um mar verde de ondas estrangeiras” (ORTEGA, 1959, p. 24, tradução nossa⁴⁴).

Apesar da imagem estar na capa, distante da matéria escrita (localizada na última página), ela chama atenção do leitor para a situação dos trabalhadores e dos moradores que

⁴³ No jornal aparece como “Anuario Azucarero”.

⁴⁴ Original: “Un humilde asiento cubano en un verde mar de olas extranjeras” (ORTEGA, 1959, p. 24).

vivem na região, visto que a fotografia da criança associada à moradia causa um desconforto e um sentimento de empatia por essas pessoas que estão em situações precárias.

No que concerne a temática, o historiador Edinaldo Aparecido Santos de Lima analisou a construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos pelos periódicos *Revolución* e *Campo de Revolución* entre os anos de 1959 e 1961, e segundo ele:

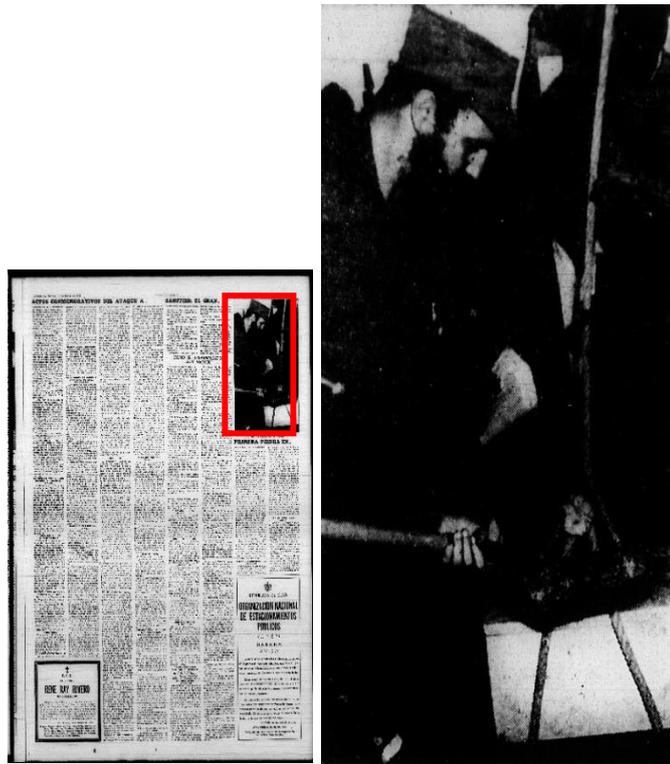
Percebemos que o conteúdo fotográfico mais recorrente nas edições de *Revolución* entre os meses de janeiro a abril de 1959 teve o intuito de manter viva uma memória das condições de miséria da zona rural cubana. Tal propósito era criar empatia do leitor, principalmente das camadas urbanas, às condições de vida dos camponeses e da urgência de sancionar a reforma agrária (2018, p. 179).

Podemos analisar o contraste entre o menino sentado e com um olhar triste ou reflexivo, com os outros dois personagens do lado oposto, os quais sorriam como se estivessem brincando. À vista disso, compreendemos que o choque dessa realidade é expressado pela criança sentada, enquanto os olhares das outras duas pessoas despertam o sentimento de humildade e esperança.

Esse tipo de fotografia é percebido nas temáticas de Ernesto Fernández, fotógrafo que buscava uma perspectiva mais artística e dramática da realidade, pois seguem um padrão com o olhar sensível sobre o cotidiano, dedicando suas fotografias ao registro dos mais pobres e que está inserido dentro do discurso do *Revolución* e do pensamento revolucionário.

Dando continuidade aos problemas de infraestrutura que boa parte da comunidade cubana enfrentava, na edição n. 83 de 13 de março, Fidel colocou a primeira pedra para a construção de casas populares em terrenos de Havana, para que em breve famílias as ocupassem com conforto e higiene, como prometido pelo M-26/07 (Figura 4).

Figura 4 - Fidel Castro: primeira pedra para casas populares



Fotografia: autor desconhecido
 Fonte: *Revolución*, n. 83, 13/03/1959

Fidel Castro sempre se preocupava em ocupar espaço em todos os atos do governo, inaugurações, viagens, na aproximação com o povo, especialmente com os trabalhadores do campo, assumindo o seu papel de líder da Revolução. Justamente por isso, Ignácio de Loyola Brandão (1978, p. 114), no livro em que relata sua viagem à ilha, menciona em vários momentos a mística em torno da imagem do líder cubano: “um homem real, que existe, está presente em cada instante, em cada ato cubano; e, no entanto, uma legenda, tão forte como a de heróis mortos. José Martí, Bolívar, de um Che, de tantos outros libertadores”.

O jornal *Revolución* foi importante para a construção da figura de Castro nos primeiros anos do governo revolucionário, tanto porque os fotógrafos que o acompanhavam trabalhavam para o periódico, quanto pelo exemplo de Castro que deveria servir de inspiração para o povo cubano.

Em estudo comparado do trabalho fotográfico de Tina Modotti, no México e Alberto Korda, em Cuba, Vinicius Lourenço Barbosa expressa que durante o período em que o cubano foi “fotógrafo acompanhante” de Fidel Castro, ele buscou retratar aspectos cotidianos, com o objetivo de construir “uma representação mais humana” do líder:

Embora tenha feito algumas imagens de Castro no palanque, discursando para uma multidão de pessoas, semelhantes àquelas feitas pelo fotógrafo Raúl Corrales, Korda destacou momentos cotidianos e por vezes triviais da vida de Castro, com o intuito de mostrar ao público uma faceta carismática de um líder no qual se poderia confiar. A representação fotográfica foi feita com base em seu modelo de fotografias desenvolvido durante seu período na publicidade (2018, p. 68-69).

Não somente Korda, mas vários fotógrafos do jornal trabalhavam com publicidade e fotografias de arte antes de se engajarem no fotojornalismo. Assim, a *Épica Revolucionária*⁴⁵ foi muito utilizada para construir um discurso visual da Revolução:

No campo estético, a Fotografia Épica angariou profissionais que antes haviam se dedicado a realizar fotografias de arte e por isso, projetavam um desenho fotográfico com linhas verticais e diagonais que dava suporte a uma projeção dinâmica e matizada. Quanto aos sujeitos, retratavam uma imagem romantizada de líderes másculos, bonitos, misteriosos e inteligentes. Além desses atributos, esses mesmos líderes eram esculpidos de tal modo que refletissem uma relação harmônica destes com as camadas trabalhadoras, apagando assim as divisões entre a classe política e as pessoas comuns - Che Guevara e Fidel Castro, por exemplo, quase sempre foram fotografados vestidos em seus trajes militares tomando parte de trabalhos braçais como no corte de cana de açúcar e na construção civil. [...]. (LIMA, 2018, p. 97).

Ainda que não tenhamos a informação sobre o fotógrafo, o fato de o líder cubano prestigiar o evento e colocar a primeira pedra para a construção de moradias é simbólico, especialmente para essas famílias que pagavam aluguel. Essa iniciativa é complementada pelo seu discurso um dia após a cerimônia: “O aluguel, o aluguel, enterramos ontem com a primeira pedra na cidade nova (aplausos). E para que ninguém, para que ninguém se engane, o aluguel é uma instituição que tem que acabar em Cuba, advirto-o para que não se assuste” (CASTRO, 1959c, tradução nossa⁴⁶).

No que tange a questão urbana, o jornal apresentou em várias matérias a entrega de títulos de habitação pelo INAV e a promessa de aprovar novas leis de reforma urbana, que seriam discutidas pelo governo revolucionário.

Entre abril e maio as edições buscavam expor os problemas e o combate à especulação imobiliária, tendo em vista a regulamentação dos preços dos terrenos, bem com a construção de áreas industriais para gerar empregos, e de casas para resolver o problema de habitação.

⁴⁵ Segundo Ednaldo de Lima, as imagens tomadas a partir do triunfo revolucionário foram chamadas pela primeira vez por María Eugenia Haya Jiménez (1944-1991) de *Fotografía Épica*, pois compreendiam os processos de mudança sócio-políticos do país e erguiam uma nova estética da fotografia latino-americana (2018, p. 96).

⁴⁶ Original: “El alquiler, el alquiler lo enterramos ayer con la primera piedra en la ciudad nueva (APLAUSOS). Y para que nadie, para que nadie se llame a engaño, el alquiler es una institución que tiene que acabarse en Cuba, lo advierto para que no se asusten” (CASTRO, 1959c).

Em relação aos aluguéis, eram oferecidos vários serviços de atendimento ao público para conseguir a redução do valor. Enquanto isso, no periódico, pequenos casos eram compartilhados em textos curtos, com o objetivo de contemplar as dúvidas que eram enviadas à redação.

Em dezembro foi aprovada a regulamentação sobre a *Ley de solares e yermos*, que fazia a demarcação das áreas urbanas: “A Lei estabelece que se consideram áreas urbanas os terrenos localizados dentro do perímetro urbano ou o contorno que limita a área de uma população ou cidade [...]” (REGLAMENTAN..., 1959, p. 14, tradução nossa⁴⁷). Além disso, a lei regulamentava o valor dos terrenos e a expropriação forçada pelo INAV para a construção de casas, conforme o plano de habitação empreendido pelo governo revolucionário.

O INAV fica habilitado a adquirir, através do processo de desapropriação forçada estabelecido pela legislação em vigor, os imóveis necessários à construção de moradias de acordo com o plano habitação e com o plano econômico habitacional em execução, concedendo-se o mesmo direito em favor do Estado, da Província, do Município e das Organizações Autônomas e Paraestatais, para a realização de todo o tipo de obras e edifícios públicos ou que sirvam aos planos sociais ou econômicos do Governo (REGLAMENTAN..., 1959, p. 14, tradução nossa⁴⁸).

Percebemos ao longo das edições a campanha para o *Instituto Nacional de Ahorro y Vivienda*, tanto com os resultados de sorteios, quanto o incentivo para que a população comprasse bônus. Em 1960, todo o mês de setembro foi celebrado como o “mês do INAV” e houve divulgação massiva no jornal. Outro ponto importante são as campanhas de limpeza, que incentivavam a união das pessoas em prol do bem-estar coletivo em zonas de vulnerabilidade.

Em síntese, as fotografias nesse período estão relacionadas, em especial, à Reforma Agrária, visto que a questão urbana ainda estava em andamento. Porém, com a aprovação da Lei da Reforma Urbana (LRU) de 14 de outubro de 1960, elas aparecem com mais frequência, justamente por ser o tema em pauta no momento.

Em 1960, em especial, na capa do dia 17 de outubro, quando passam a divulgar as primeiras informações sobre a Lei, o título indicava: “A Lei da Reforma Urbana: A partir de hoje inquilinos-proprietários preencherão formulários”. Na parte superior direita do jornal

⁴⁷ Original; “Ley estableciendo que se consideran áreas urbanas los terrenos comprendidos dentro del perímetro urbano o contorno que limita el área de una población o ciudad [...]” (REGLAMENTAN..., 1959, p. 14).

⁴⁸ Original: “Se faculta al INAV, para adquirir por el procedimiento de expropiación forzosa establecido por las leyes vigentes, los inmuebles necesarios para la construcción de viviendas de acuerdo con el plan de viviendas de acuerdo con el plan de viviendas económicas que tiene en ejecución, concediéndose igual derecho a favor del Estado, la Provincia, el Municipio y Organismos Autónomos y Paraestatales, para realizar toda clase de obras y edificaciones públicas o que sirvan los planes sociales o económicos del Gobierno” (REGLAMENTAN..., 1959, p. 14).

temos a fotografia de um prédio, com diversas caixas de texto seguindo inscrições como se fossem placas de “Alugam-se” e a legenda: “Direito à moradia: ‘[...] Criamos mais um direito: o direito de cada família a uma casa digna, e assim o ideal de nossa Revolução se expande e se desenvolve’. – Fidel”. Na mesma página, à esquerda, um pequeno texto explicava que todos os beneficiários pela LRU poderiam se dirigir aos escritórios de Obras Públicas em Havana para preencher os documentos de compra e venda dos imóveis em que vivem. Ademais, a matéria era enfática ao apresentar a Lei como o cumprimento da promessa de Fidel Castro em sua defesa ao quartel Moncada (LA LEY..., 1960, p. 1, tradução nossa⁴⁹).

Além da questão urbana, foi aprovada um plano de nacionalização de 382 grandes empresas e bancos. Em função disso, é perceptível que o nosso tema dividiu espaço nessas edições e na cobertura fotoperiódica. No entanto, ainda durante os meses de outubro e novembro, diversas reportagens especiais informavam sobre como estava ocorrendo a reforma em diversas cidades da ilha.

Ainda nessa edição, os editores publicaram parte das declarações de Fidel no programa especial *Ante la Prensa*, no canal 6 de televisão, com a presença dos jornalistas Ithiel León (*Revolución*), Carlos Rafael Rodríguez (*Hoy*) e José Pardo Llada (*La Palabra*). Llada perguntou a Fidel sobre a lei e ele respondeu: “Olha, rapaz: a Lei de Reforma Urbana se concebeu desde a época do Moncada. Ademais, era o único ponto que faltava do Programa do Moncada. Assim, tem suas origens naquela época” (CASTRO, 1960 apud LA LEY..., 1960, p. 10, tradução nossa⁵⁰).

Quanto à aplicação da Lei, ele ressalta que havia dois problemas: o primeiro é que muitas famílias dependiam da renda das casas que eram alugadas, portanto, elas não foram afetadas pela lei de Aluguéis, justamente porque as casas construídas antes dos anos 1940 já estavam pagando valores mais baixos. Em segundo lugar, acabar com os aluguéis colocaria a economia em risco, por conta da inflação. Segundo Castro, não seria possível o aumento do poder de compra para tantas famílias ao mesmo tempo, na medida em que a produção não suportaria o consumo (CASTRO, 1960 apud LA LEY..., 1960, p. 10).

A solução encontrada pelo governo foi que as casas cuja construção era anterior a 1940, fossem pagas em 5 anos, com os inquilinos mantendo o que já pagavam para se tornarem donos

⁴⁹ Original: “La Ley de Reforma Urbana: Desde hoy llenaran planillas los inquilinos-propietarios” e “Derecho a la vivienda: ‘[...] Un derecho más hemos creado: el derecho de cada familia a una vivienda decorosa, y así se amplía y se desarrolla el ideal de nuestra *Revolución*’. – Fidel” (LA LEY..., 1960, p. 01)

⁵⁰ Original: “Dr. Castro: Mira chico: La Ley de la Reforma Urbana se concibió desde la época del Moncada. Además, era el único punto que faltaba del Programa del Moncada. Así que tiene sus orígenes en aquella época” (LA LEY..., 1960, p. 10).

da residência. Em virtude disso, o periódico não mediu esforços ao elaborar comunicados sobre a Lei, buscando orientar de maneira sucinta os seus leitores. Destarte, elaboraram uma planilha sobre os prazos de compra de acordo com o ano da construção da casa, como indicado na Tabela 2.

Tabela 2 - Prazos para o pagamento das casas com base no ano de construção

Ano da construção da casa	Prazo para pagar (em anos)
Antes de 26 de julho de 1940	5
1941	5 ½
1942	6
1943	6 ½
1944	7
1945	7 ½
1946	8
1947	8 ½
1948	9
1949	9 ½
Após 26 de julho de 1950 ⁵¹	10

Fonte: Adaptado pela autora com base nos dados do *Revolución* (LA LEY..., 1960, p. 2).

No dia seguinte, o tema estava presente em diversas colunas do *Revolución*, entre elas, a seção *Actualidad Economica*, destacava:

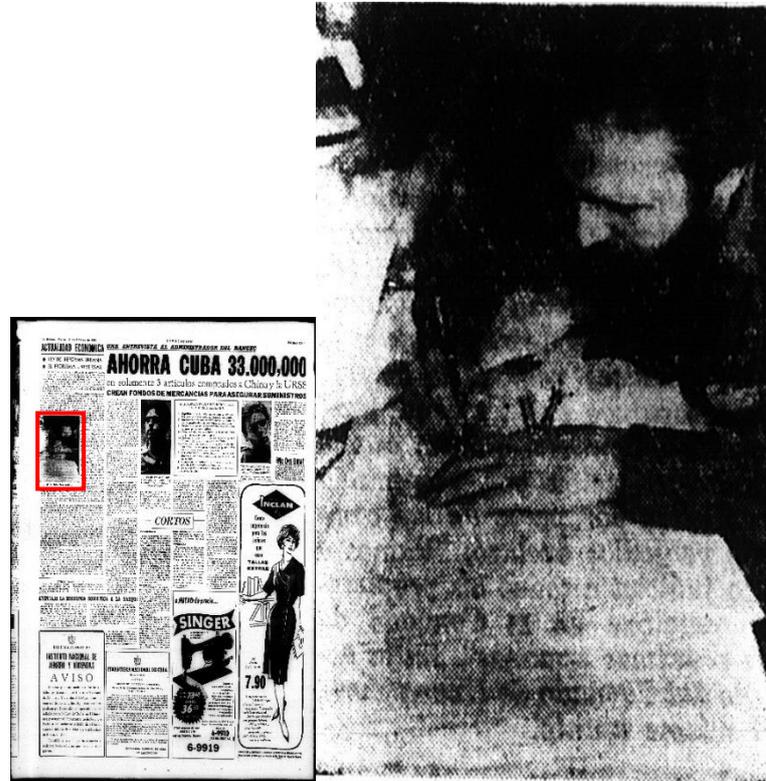
A Lei da Reforma Urbana incorpora um novo direito fundamental em nossa Constituição, que afirma que ‘A Revolução Cubana considera o direito à moradia um direito essencial e inalterável do ser humano’. Com a edição da Lei da Reforma Urbana, [...], o Governo Revolucionário se deparou com a decisão e o espírito de justiça social que o caracteriza, o problema universal da crise habitacional, problema que embora se encontre em quase todos os países, piora naqueles com economia subdesenvolvida [...] (REFORMA..., 1960, p. 05, tradução nossa⁵²).

⁵¹ Casas construídas após o ano de 1950, acrescenta-se 1 ano para o seu pagamento: 1951 (11 anos), 1952 (12 anos), 1953 (13 anos)... até 1960, completando o total de 20 anos.

⁵² Original: “Por la Ley de Reforma Urbana se incorpora a nuestra Constitución un nuevo derecho fundamental, que señala que ‘La Revolución Cubana considera el derecho a la vivienda un derecho imprescindible e inalterable del ser humano’. Al dictar la Ley de Reforma Urbana, [...], el Gobierno Revolucionario ha afrontado con la decisión y el espíritu de justicia social que lo caracteriza, el universal problema de la crisis de la vivienda, problema que aunque se encuentra a pupilo en casi todos los países, se agrava en los de economía subdesarrollada [...]” (REFORMA..., 1960, p. 05).

No centro da coluna há uma fotografia de Fidel Castro assinando o documento com a legenda: “[...] o documento histórico [...]”⁵³ (Figura 5):

Figura 5 - “... *el histórico documento...*”



Fotografia: autor desconhecido
Fonte: *Revolución*, n. 575, 18/10/1960

De acordo com Jorge Pedro Sousa (2004, p. 12), geralmente o fotojornalista registra em imagens assuntos atuais de duração momentânea — diferente do fotodocumentarismo que costuma ser atemporal —, portanto, para ele, “sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar, instinto, rapidez de reflexos e curiosidade são traços pessoais que qualquer fotojornalista deve possuir, independentemente do tipo de fotografia pelo qual enverede”.

Dessa maneira, compreendemos que a imagem de Fidel assinando o documento da Lei (Figura 4) está associada a um momento simbólico da Revolução. Esse registro do líder cubano causa um sentimento de emoção e entusiasmo, mas o firmamento do papel com a Lei, aliado à construção da matéria escrita, nos permite compreender a particularidade desse momento e o

⁵³ Original: “[...] el histórico documento [...]” (REFORMA..., 1960, p. 05).

significado dele para o povo cubano. O fotógrafo precisou ser rápido para captar o instante da assinatura.

A partir da edição do dia 18, as fotografias sobre a Reforma Urbana são ainda mais presentes no corpo das matérias. Em relação a isso, no próximo capítulo analisaremos essas fotografias a fim de compreender como os fotógrafos enquadraram esse momento, tendo em vista as questões que discutimos anteriormente sobre o contexto histórico, social e político e o próprio entendimento da fotografia como documento histórico e fruto de intencionalidades, técnicas e recortes.

4 ;AHORA SE ACABO EL CHINCHERO!: A LEI DA REFORMA URBANA

A palavra *chinchero* é uma gíria utilizada em alguns países da América Latina para indicar que um lugar é sujo ou desarrumado. Porém, a expressão também designa tiras de madeira, colocadas em volta da cama, com o objetivo de capturar os insetos e posteriormente jogá-los para fora. A frase que dá o título deste capítulo é o destaque da matéria publicada no dia 19 de outubro de 1960, na última página do jornal. As letras do título em caixa alta, o texto de Santiago Cardosa Arias e as fotografias de Ernesto, sobre uma pequena comunidade em Havana, expressam parte do problema urbano que a ilha enfrentava.

Conforme falamos no primeiro capítulo, a ocupação desigual nas cidades cubanas tem como origem, entre outros fatores, o êxodo rural, migrações, concentração de renda e recursos e a especulação imobiliária. Consequentemente, isso fez com que muitas famílias ocupassem regiões periféricas dos grandes centros com baixos níveis de vida, muitas vezes sem saneamento básico e acesso à saúde.

No que se refere às fotografias, Lima (2018, p. 104) analisou a presença do registro imagético no jornal entre os anos 1959 e 1961. Segundo ele, a média fotos no ano de 1960 foi de 10.244 para 5.652 páginas, 745 a mais que o ano anterior. Em seu quadro comparativo é perceptível que o número de páginas diminuiu e o de fotografias aumentou (Tabela 3).

Tabela 3 - Média aproximada da quantidade de fotografias por página no *Revolución*

Ano	Fotografias	Páginas	Média de Fotos/Página	Quantidade aproximada de Fotos/Edição	Média da quantidade de páginas por edição
1959	9.499	6.107	1,55	26	16,7
1960	10.244	5.652	1,81	28	15,4
1961	6.510	4.232	1,53	18	11,5
Total	26.253	15.991	1,63	24	14,5

Fonte: Lima (2018, p. 104, grifo nosso).

Ainda em seu trabalho, Lima identificou a participação de 42 fotógrafos, sendo que Ernesto, Korda, Liborio Noval, Llanos, Osvaldo Salas, Roberto Salas e Raúl Corrales tinham

seus registros publicados com mais frequência, enquanto Cano, Francisco Sariol, Genius, Heller, Tolosa, entre outros não publicavam com regularidade (2018, p. 128).

No caso da Reforma Urbana, na edição de outubro de 1960, mês em que a Lei foi aprovada, foram identificadas 53 fotografias. Desse conjunto, apenas 41 revelam sua autoria, com os fotógrafos Ernesto Fernández (Ernesto), Soroa, Mário Collado (Collado), Mario Ferrer, Guillermo Miró, Francisco Sariol e Cesar Marín como indicado na Tabela 4.

Tabela 4 - Responsáveis pelas fotografias sobre a Reforma Urbana

Fotógrafo	Quantidade de fotografias
Ernesto Fernández (Ernesto)	16
Soroa	4
Mário Collado (Collado)	4
Mario Ferrer	4
Guillermo Miró	3
Francisco Sariol	6
César Marín	4
Autoria desconhecida	12

Fonte: Elaborado pela autora.

Para este capítulo, selecionamos 37 fotografias, que foram divididas em três subcapítulos: o primeiro sobre a recepção da Lei na ilha e os registros na fila dos órgãos responsáveis pela emissão dos documentos. O segundo trata das matérias específicas de cada província e como elas foram apresentadas no jornal. Por último, analisa-se a matéria especial que dá nome ao nosso capítulo, com as fotografias de Ernesto Fernández.

4.1 A Lei da Reforma Urbana em foco

Na edição do dia 18 de outubro de 1960 o jornal anunciava que os trabalhadores já podiam buscar suas planilhas no Ministério de Obras Públicas, enquanto apresentava a repercussão do tema da edição anterior. Para isso, há duas fotografias localizadas à direita, a primeira é do Ministro de Obras Públicas, Osmani Cienfuegos, que atende à solicitação de uma senhora que se tornaria dona da casa em que vive. Logo abaixo, outro registro, com uma multidão de pessoas na fila para buscar seus documentos (Figura 6):

Figura 6 - Cidadãos na fila para obter os documentos de suas casas



Fotografia: autor desconhecido
 Fonte: *Revolución*, n. 575, 18/10/1960

A fotografia acompanha uma legenda que diz o seguinte: “Minutos depois de começar a circular a edição de ontem do *Revolución* [17/10/1960], milhares de cidadãos, que foram convertidos em novos proprietários pelo Governo, lotaram o entorno do Ministério de Obras Públicas, solicitando os documentos para obtenção de suas casas” (REFORMA..., 1960, p. 01, tradução nossa⁵⁴). De acordo com Buitoni, as legendas dissolvem a multiplicidade de significados apresentados na foto, pois diversos jornais e revistas tendem a colocar muitas informações “[...] ‘cercando’ o leitor para um sentido único” (2011, p. 134).

Nesse caso, além de apontar para a circulação massiva do periódico em Havana, a descrição nos permite dimensionar a recepção e aceitação da Lei por parte da população. Para dar ênfase a isso, o fotógrafo, que não está identificado, utilizou-se do recurso visual.

⁵⁴ Original: “Minutos después de comenzar a circular por las calles la edición de ayer de REVOLUCIÓN [17/10/1960], miles de ciudadanos convertidos en nuevos propietarios por el gobierno, colmaron los alrededores del Ministerio de Obras Públicas, solicitando planillas para la obtención de sus viviendas” (REFORMA..., 1960, p. 1).

Na foto, uma longa fila é formada por cidadãos cubanos; ao fundo, é possível identificar um carro, portanto, percebemos que a fila está longa, lotando os quarteirões. No canto inferior direito, três pessoas estão olhando para a foto. Dessa maneira, o fotógrafo se posiciona em um local alto para registrar a cena.

Apesar de não se saber o tipo de câmera e lentes que o fotógrafo utilizou, percebemos que ele buscou uma perspectiva maior sobre a paisagem, ao trazer a noção de que há uma fila principal e outras paralelas a ela, dando o sentido de continuidade e magnitude ao evento. A própria composição da imagem preenchida pela multidão, como se não houvesse mais espaço para tantas pessoas, nos traz a sensação da adesão do povo à medida. O texto ao lado da fotografia destaca que desde a aprovação, a redação recebeu diversas mensagens telegráficas de todos os cantos da ilha, apoiando as medidas do Governo.

Nas matérias seguintes é como se adentrássemos nessa multidão. No dia 19, temos um texto escrito por Miranda acompanhado de quatro fotografias, no qual se afirma que os diferentes casos estão sendo resolvidos na praça cívica. Assinadas por Soroa, as imagens secundam a leitura do texto de forma sinuosa, isto é, conforme o texto avança, as fotografias e as falas das personagens se entrelaçam.

No entendimento de Sousa, o retrato existe no fotojornalismo, pois os leitores gostam de saber quem são as pessoas que aparecem nas notícias. No entanto, esse trabalho consiste em evidenciar traços de personalidade de uma pessoa e ou de um grupo, não apenas de seu exterior (2004, p. 97). Na Figura 7, da esquerda para a direita, temos o retrato de Caridad Perez, Delia Ortega e Maria Pedré, as três mulheres estão sentadas na grama e apoiadas na parede.

Figura 7 - Caridad Perez, Delia Ortega e Maria Pedré



Fotografia: Soroa

Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

A primeira está de vestido e segura uma garrafa, possivelmente de refrigerante; a segunda está de camisa e parece conversar com o repórter, enquanto a última também segura uma garrafa. O texto nos informa que esses registros foram feitos no início da manhã, mas que as pessoas chegavam durante todo o dia e de madrugada. Dessa maneira, entendemos que elas estavam sentadas para descansar enquanto aguardavam atendimento no Ministério de Obras Públicas.

No recorte, o muro ao fundo estampa duas frases, a primeira está cortada, mas é possível identificar que é de José Martí: “Da América sou filho, eu devo isso a ela”, assim como a segunda, que diz: “O egoísmo é a consequência da riqueza”⁵⁵.

A frase de Martí é destaque para o momento que a ilha estava vivendo, com reformas sociais e espírito de união, ideias que são contrárias ao egoísmo. Apesar do foco da reportagem e da fotografia ser as mulheres, vale ressaltar, novamente, que ela é feita de escolhas e intencionalidades. Assim, a delimitação da imagem com a escrita da parede nos faz repensar nossas condutas, pois, se direciona à subjetividade, inspirando aqueles que a veem, especialmente por referenciar o líder José Martí, herói nacional cubano.

⁵⁵ Original: “De América soy hijo, a ella me debo” e “El egoísmo es la consecuencia de la riqueza”.

O enquadramento da fotografia nos apresenta mulheres jovens, que pelas vestimentas sugerem ter um poder aquisitivo maior que muitas famílias, mas que também enfrentavam o problema da moradia. Na entrevista de Maria Pedré, por exemplo, ela diz ao repórter que estava de mudança, porém, com a LRU precisava de autorização para terminar de buscar seus móveis e conseguir se tornar proprietária da nova casa (MIRANDA, 1960).

Também chama a atenção a utilização das mulheres para o registro fotográfico, na medida em que os homens aparecem nas reportagens, mas não têm publicadas suas imagens. Nessa matéria, por exemplo, das quatro fotografias, todas eram de mulheres. Apesar das medidas do governo ao longo da Revolução para inserir as mulheres na economia e no acesso à educação, nas fotografias elas foram representadas, a princípio, exercendo os papéis domésticos e nos cuidados com os filhos, como exemplificado por Lima (2018, p. 70) sobre o núcleo familiar rural. Nas cidades percebemos um papel idealizado da mulher cubana. Seguindo essa perspectiva, em 19 de outubro de 1960, na coluna *De Aquí y de Ahi* — que tinha como objetivo discutir vários assuntos que estavam em alta na ilha —, encontramos três fotografias, todas sem autoria. Separamos duas delas para nossas discussões (Figura 8):

Figura 8 - *De Aquí y de Ahi*: LRU



Fotografia: autor desconhecido
 Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

As fotografias aparecem como faces que representam o povo cubano em um momento de transformações. Na legenda, o autor afirma: “[...]. Esta cubana reflete em seu belo rosto a realização de um ideal, o direito à moradia contemplado por parte da Revolução, ao mesmo tempo em que segura nos braços seu filho, para o qual também se abre um futuro mais feliz”⁵⁶ (DE AQUI..., 1960, p. 09).

Lima (2018, p. 102) nos lembra que a fotografia cubana da década de 1960 é definida pela exaltação e idealismo, que partem da euforia do trinfo revolucionário. A própria reportagem nos fornece pistas desse pensamento. Ao analisarmos a mulher que segura a criança, seu olhar é forte e intenso, assim como a própria Revolução, enquanto o registro da moça sorrindo expressa a felicidade de uma mulher que com a assinatura dos documentos será dona de sua casa.

A utilização da criança para compor a matéria jornalística é essencial, visto que ela é o futuro pelo qual a comunidade cubana deve zelar, construindo um porvir de justiça social. Isso é expresso por Castro em vários discursos ao longo da Revolução. Ao consultar as páginas do jornal as crianças aparecem tanto nas fotografias sobre problemas sociais, quanto nas propagandas do governo revolucionário.

No dia 20 de outubro o periódico divulgou outra matéria sobre as pessoas que estavam na fila para pegar as planilhas de compra e venda. O texto é de Santiago Cardosa Arias, e as quatro fotografias foram registradas por Ernesto: em duas delas os personagens preenchem o documento (Figura 9), entre elas o retrato de uma mulher e, por último, um homem lendo a edição do *Revolución* (Figura 10).

⁵⁶ Original: “[...] Esta cubana refleja en su bello rostro la realización de un ideal, el derecho a la vivienda otorgado por la Revolución, mientras sostiene en sus brazos a su retoño, para quien también se abre un porvenir más venturoso” (DE AQUI..., 1960, p. 09).

Figura 9 - *Ahora todos tendrán su casa*

Fotografia: Ernesto
 Fonte: *Revolución*, n. 577, 20/10/1960

Percebemos nas fotografias de Ernesto Fernández uma perspectiva muito mais dramática e reflexiva da realidade. De acordo com Grethel Morell Otero (2009, p. 63), o fotógrafo havia passado pela *Escuela de Carteles*⁵⁷, sendo discípulo de José Agraz e Generoso Funcasta. Conforme afirma Aline Marie Rodríguez (2016), Ernesto trabalhou na revista desde os 12 anos de idade.

Em entrevista para Rodríguez, ele relatou que José Agraz inventou uma câmera robô que permitia filmar em sequência para fotografar movimentos, como os registros de esportes e apresentações de teatro. Segundo disse, para fazer isso, ele cortou a mola de uma câmera de cinema e filmou entre oitenta e noventa quadros (FERNÁNDEZ, 2013 apud RODRÍGUEZ, 2016). Isso nos possibilita dimensionar parte dos trabalhos do nosso fotógrafo, tanto a admiração pela inovação proposta por seu colega de trabalho, quanto por percebemos esse caráter de aperfeiçoamento e dedicação em seus registros.

Ao analisamos os trabalhos de Ernesto, notamos como o enquadramento é muito bem pensando. Os fotografados tendem a parecer reflexivos, as luzes sobre suas faces são sucintas

⁵⁷ *Carteles* era uma revista gráfica semanal publicada em Havana. Segundo Rodríguez (2016), o departamento de fotografia da revista reunia um grupo de fotógrafos que realizavam trabalhos inéditos na ilha, entre eles, destacam-se José Agraz, Generoso Funcasta e Newton Estapé.

para destacar o olhar, dramatizar uma cena ou até mesmo encaminhar o foco para outros objetos. De acordo com Otero,

A síntese e unidirecionalidade do conteúdo, as composições limpas, o efeito teatral e contrastante do preto e branco (sim, em termos fotográficos foi uma rebelião triunfante em p/b) e as leituras singulares de uma proposta visual sem dobras, favoreceram a propaganda da utilidade intrínseca da imagem. E ainda mais quando seus fotógrafos chefes vieram de diferentes experiências de formação, inclusive de imprensa, e com uma dose não desprezível de trabalho em publicidade (2009, p. 62, tradução nossa⁵⁸).

Em comparação às outras imagens, a textura do registro é diferente, parece granulada. Conforme nos explica Jorge Pedro Sousa, há vários elementos de construção da imagem que contribuem para dar sentido e gerar sensações, entre eles o grão. Segundo ele, quanto mais sensível à luz é um filme, mais granulosa é a fotografia (2004, p. 73). No que se refere às Figuras 9 e 10, há duas possibilidades: na primeira, como a foto foi tirada durante o dia, a incidência de luz é maior. Na segunda, pode partir da escolha do fotógrafo para trazer mais sentido para essas imagens.

Outro complemento para essa segunda ideia é a composição da posição dos personagens, pois, apesar de serem espontâneas, ao mesmo tempo parece que foram posicionados. Na Figura 10, o homem lendo o *Revolución* sugere um momento de reflexão e descanso, mas também expressa a circulação e propaganda do jornal. Na mesma foto há uma profundidade do campo, ao passo que outros detalhes do momento aparecem de forma descontráida.

⁵⁸ Original: “La síntesis y unidireccionalidad del contenido, las composiciones limpias, el efecto teatral y contrastante del blanco y negro (sí, en términos fotográficos fue una rebeldía triunfante en b/n) y las lecturas únicas de una propuesta visual sin dobleces, favorecieron la intrínseca utilidad propagandística de la imagen. Y más cuando sus fotógrafos de cabecera provenían de diferentes experiencias formativas, incluida la prensa, y con una nada despreciable dosis de trabajo en la publicidad” (OTERO, 2009, p. 62).

Figura 10 - *bajo la sombra, se lee*

Fotografia: Ernesto
 Fonte: *Revolución*, n. 577, 20/10/1960

Seguindo em nossa análise, os pequenos comerciantes também foram contemplados pela Lei de Reforma Urbana e apareceram em uma matéria com texto de Miranda e fotos de Mário Collado. Em troca do pagamento abusivo de aluguéis, eles se tornariam donos de seu imóvel comercial dentro de no mínimo cinco anos. Assim, poderiam investir em seus negócios e ajudar no fortalecimento da economia da região. Nos retratos, estão identificados, respectivamente (Figura 11): Delio Chiong (comerciante de utensílios para a casa⁵⁹), Manuel Montoto (equipamentos elétricos), Antonio Castro (roupas e calçados) e Olegario Sanchez (móveis) (MIRANDA, 1960).

Discutimos anteriormente que o enquadramento em um retrato pode ser difícil execução para o fotógrafo, pois é necessário expressar traços da personalidade daqueles que ele fotografa (SOUSA, 2004, p. 97). Dessa maneira, Collado fez isso com os objetos associados às profissões desses trabalhadores: Montoto ao lado de um fogão elétrico; à direita de Castro, na parte superior há um par de sapatos, e Sanchez está sentado confortavelmente em uma poltrona.

Há uma variedade na expressão de cada um, alguns aparecem sorrindo, outros mais sérios e até mesmo demonstram certa timidez, como é o caso do comerciante de equipamentos elétricos. Porém, nos cabe pensar a relevância do apoio desses comerciantes para aceitação das reformas empreendidas pelo Governo, demonstrando que trabalhavam para todos os cidadãos cubanos, de vários níveis sociais. Isso é reforçado no fim da página, em que o destaque são quatro fotografias de Ernesto sobre o povo, ainda falando da LRU. Na foto, as pessoas aparecem

⁵⁹ A reportagem apenas informa que o comércio de Chiong oferece “especialidades de casa”.

conversando com funcionários, como se estivessem falando sobre a particularidade de cada caso. Ou seja, eles dividem o mesmo espaço no jornal.

Figura 11 – *Ha Hecho realidad nuestro sueño*: Delio Chiong; Manuel Montoto; Antonio Castro e Olegario Sanchez

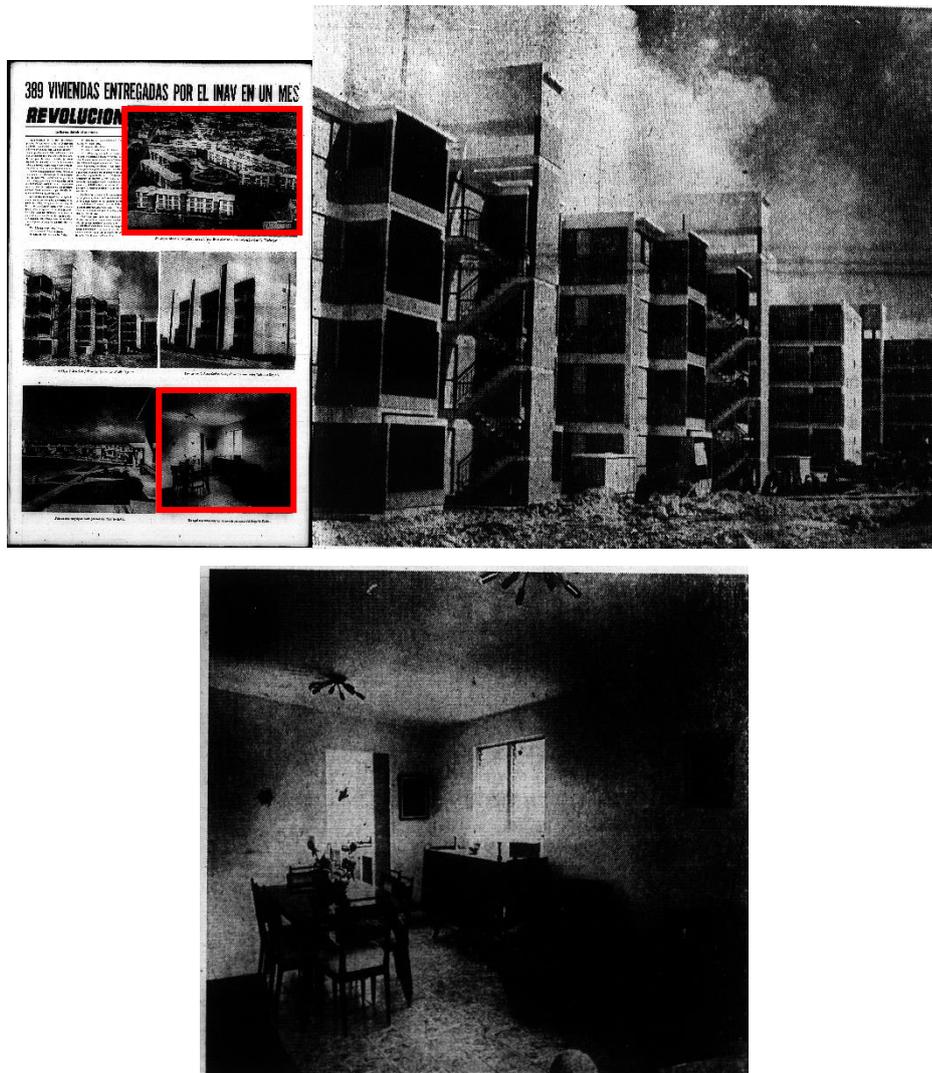


Fotografia: Collado
 Fonte: *Revolución*, n. 578, 21/10/1960

No dia 22 de outubro a reportagem informava a entrega 389 novas casas pelo INAV em diversas partes da ilha. Um pequeno texto acompanhava as fotografias de prédios que estavam prontos e seriam entregues à população, mas não há referência da autoria das imagens (Figura 12). No registro, é possível perceber que apesar de serem casas populares, as construções aparentam ser bem planejadas, bonitas e, principalmente, confortáveis.

Nos discursos de Fidel e do Governo Revolucionário, conforme enfatizamos ao longo do nosso trabalho, não bastava uma reforma agrária e/ou urbana, sem oferecer boas condições de vida à população, conforto e higiene. Portanto, além de mostrar o andamento das obras públicas, como era de costume no jornal, essas fotografias levavam ao público as transformações em andamento na ilha, mostrando que as promessas do M-26/07 eram colocadas em prática.

Figura 12 - Novas moradias pelo INAV



Fotografia: autor desconhecido
 Fonte: *Revolución*, n. 579, 22/10/1960

4.2 *La Reforma Urbana en [...]:*

Par além da centralidade da capital Havana, o jornal buscou trazer em suas páginas a recepção e os acontecimentos em diferentes partes da ilha. Isso nos interessa especialmente, na

medida em que podemos conhecer o trabalho de outros fotógrafos, a diversidade dos registros e as particularidades da recepção de cada cidade à nova Lei. É importante lembrar que Havana foi o principal centro administrativo do país, e em relação as outras cidades, a população havanesa era maior. Logo, os problemas de ocupação e habitação se diferem das outras províncias que tinham um caráter mais rural. Entretanto, isso não significa que os problemas urbanos fossem menores.

Para esse subcapítulo, as reportagens foram divididas em quatro cidades: Santa Clara, Matanzas, Santiago de Cuba e Camaguey. Elas foram publicadas entre final de outubro e início de novembro, e cada uma das matérias tem um fotógrafo responsável. À vista disso, separamos essas fotografias em grupos, para que sejam analisadas em subconjuntos, possibilitando uma compreensão melhor das técnicas fotográficas.

Inicialmente, uma diferença notável ante às fotografias analisadas até aqui é a ausência de registros nas filas nos órgãos responsáveis pela emissão do documento. Destarte, as fotografias são retratos de trabalhadores contemplados pela LRU, e no fotojornalismo são chamadas de *foto-reportagem*, tendo como objetivo geral situar, documentar, mostrar as transformações e caracterizar uma situação real, bem como as pessoas que a vivem; assim, se caracterizam por pequenos textos introdutórios e com fotolegendas (SOUSA, 2004 p. 104).

No dia 25 de outubro de 1960, o texto de Aldo Isidró del Valle e as fotos de Mario Ferrer foram publicados pelo *Revolución* em matéria intitulada: “A Lei de Reforma Urbana em Santa Clara”⁶⁰, e estão na fotografia, em ordem: Juan Lovi, Josefa Perez Perez (Figura 13), Jose Antonio Menocal e Alberto Taibo Alvarez (Figura 14). Cada um relata um pouco da sua experiência com o pagamento de aluguel e a alegria de se tornar dono da casa em que vive. Nas legendas, foi colocado um trecho da frase que cada qual falou durante a entrevista, dando ênfase à propaganda revolucionária.

Juan, por exemplo, considera como uma das melhores leis até o momento: “É a melhor lei assinada por nossos governantes”⁶¹, enquanto Josefa explica que dentro de cinco anos pagará a sua casa e acrescenta: “[...] diga aí que a Lei da Reforma Urbana é uma fonte de esperança para todos os pobres”⁶² (VALLE, 1960). Diante disso, percebemos a forma como o jornal opera na formação de opinião de seu leitor; assim, não apenas líderes como Fidel Castro ou Ministros do governo demonstraram sua satisfação com a lei, mas verem cidadãos comuns na narrativa revolucionária, os leitores podiam se sentir representados pelo jornal.

⁶⁰ Original: “*La Ley de Reforma Urbana en Santa Clara*”.

⁶¹ Original: “Es la mejor de las leyes firmadas por nuestros gobernantes”.

⁶² Original: “[...] diga ahí que la Ley de Reforma Urbana es una fuente de esperanza para todos los pobres”.

Quanto ao registro imagético, além de fotógrafo do *Revolución*, Mario Ferrer Mortimor foi cinegrafista e correspondente do *Noticiero Nacional de Televisión* (LIMA, 2018, p. 130). Pela bagagem do profissional é possível perceber a diferença no enquadramento das fotografias, pois, as pessoas estão posando. Segundo Jorge Pedro Sousa, “A questão da pose também é pertinente. [...]. Com a pose pode ganhar-se em capacidade de impor um sentido à imagem e em valor documental o que se perde em naturalidade” (2004, p. 98).

Figura 13 - A Reforma Urbana em Santa Clara: Juan Lovi e Josefa Perez Perez



Fotografia: Mario Ferrer

Fonte: *Revolución*, n. 582, 25/10/1960

Dessa maneira, nos registros de Ferrer à esquerda da página, Juan e Josefa nos passam a sensação de espelhamento, porque ambos aparecem em um momento como se estivessem escrevendo e pararam para tirar a foto. Eles aparecem sérios, mas com a expressão plena. No entanto, em oposição, na parte superior direita do jornal, os registros assumem uma espontaneidade (Figura 14).

Figura 14 - A Reforma Urbana em Santa Clara: Jose Antonio Menocal e Alberto Taibo Alvarez



Fotografia: Mario Ferrer
 Fonte: *Revolución*, n. 582, 25/10/1960

O olhar de Menocal (à esquerda) para a câmera é intenso e destemido. Possivelmente, intencional, pois uma frase de sua entrevista foi destaque na legenda: “que não nos coloquem medo”⁶³. Eles, no caso, é qualquer um que tentasse acabar com a Revolução. Essa postura de resistência foi muito relevante para fortalecer o regime revolucionário cubano, pois, como afirmamos em outros momentos do nosso trabalho, houve várias tentativas de ataque à ilha por grupos cubanos insatisfeitos com o Governo Revolucionário. Deste modo, obter o apoio popular era importante, ainda mais quando estes assumiam a posição de revolucionários, tal qual proposto por Fidel em 1961 em *Palabras a los intelectuales*, conforme explicamos no capítulo anterior.

Diferente de Jose Antonio Menocal, Alberto Taibo Alvarez tem um semblante mais leve e sorridente. Durante sua entrevista, agradece a Fidel, porque teve seu sonho da casa própria realizado: “Obrigada, Fidel, pois realizou o sonho de toda a minha vida. Finalmente sou dono da casa onde moro”⁶⁴. O registro fotográfico é mais natural em comparação aos outros.

Já no dia 26 de outubro, foi publicada em uma página de *Revolución* duas matérias sobre a Reforma Urbana, uma em Matanzas e outra em Santiago de Cuba. A primeira, com texto de Manolo García, é acompanhada por três fotografias de Guillerrmo Miró.

⁶³ Original: “que no nos metan miedo”.

⁶⁴ Original: “Gracias, Fidel, pues has hecho el sueño de toda mi vida. Al fin soy dueño de la casa donde vivo”.

No documento, García afirma que a cidade sempre foi receptiva à Revolução desde seu triunfo, porém, a Lei trouxe o ápice do entusiasmo revolucionário. O autor continua:

[...] A Lei da Reforma Urbana veio consolidar a instituição familiar, trazendo tranquilidade e sossego a cada família, a cada família assediada mensalmente pela presença inevitável do senhorio. Em uma cidade de cerca de 90 mil habitantes - sem incluir os bairros da periferia - cerca de quinze mil famílias foram beneficiadas diretamente pela Lei da Reforma Urbana (GARCÍA, 1960, tradução nossa⁶⁵).

A matéria reuniu os depoimentos de Juan Jose Noble, Antonio Drashner, Enrique Perez Gonzalez, Pascual Bailon Pita, Angela Siverio Alfonso e Nicolas Brancacho. Cada um deles relatou sua experiência com os aluguéis. Juan, por exemplo, é barbeiro e teve dois benefícios: o da casa e o da permanência de sua barbearia. Já Antonio, um alemão que veio para Cuba em 1926, passou a ser o dono de sua loja de reparação de peças para máquina de escrever, e assim como Nicolas Brancacho — dono de uma loja de compra, venda e reparação de móveis —, se tornaram donos do imóvel comercial e de suas casas.

Além disso, outros três depoimentos mencionam o fim dos bairros inadequados e a necessidade de prover moradias aos mais pobres. O varejista Enrique Perez Gonzalez diz ao jornalista que fica aliviado de saber que o governo irá investir em um fundo para entregar casas mais higiênicas para aqueles que vivem nos bairros mais pobres das cidades. Em sintonia, Pascual Bailon Pita afirma o quanto essa lei significa para os mais humildes. E, por fim, Angela Siverio Alfonso — que, segundo o jornal, ficou emocionada ao saber que era uma matéria para o *Revolución* — agradecia a Fidel pela Lei e estava esperançosa para quando ajudassem os bairros mais pobres, mas não quis ter seu rosto publicado da matéria.

Quanto a isso, apenas três fotografias aparecem na notícia e são os retratos de Pascual Bailon Pita, Antonio Drashner e Juan Jose Noble, respectivamente (Figura 15):

⁶⁵ Original: “[...] La Ley de Reforma Urbana vino a consolidar la institución familiar, llevando la tranquilidad y el sosiego a cada hogar hostigado mensualmente por la presencia inevitable del casero. En una ciudad de cerca de 90 mil habitantes — sin incluir los barrios suburbanos — cerca de quince mil familias han resultado directamente beneficiados por la Ley de Reforma Urbana” (GARCÍA, 1960).

Figura 15 – A Reforma Urbana em Matanzas



Fotografia: Guillermo Miró
 Fonte: *Revolución*, n. 583, 26/10/1960

Guillermo Miró foi cinegrafista e fotógrafo na província de Matanzas. Alguns dos maiores destaques de sua carreira foram como correspondente do assalto ao quartel Goicuría, em 1956 contra o governo de Batista, e também na cobertura do ataque em *Playa Girón* em abril de 1961 (JUVENTUD..., 2007). Além disso, o fotógrafo se preocupou em cobrir os registros de Fidel na cidade e em diversas matérias especiais para o *Revolución*.

Diferente das fotografias analisadas anteriormente, na Figura 15 todos estão sorrindo e descontraídos, em harmonia com o entusiasmo apresentado em todo o texto da matéria.

Enquanto Pascual Bailon Pita aparece distraído, Antonio Drashner e Juan Jose Noble estão posando, indicando elementos que compõem a sua profissão: Juan, por exemplo, segura seus instrumentos de trabalho e parou para a foto enquanto atendia um cliente, demonstrando a espontaneidade desses registros.

Ainda na mesma página encontramos outra reportagem, dessa vez falando de Santiago de Cuba, produzida por César Marín. Logo, a autoria das fotografias foi atribuída a ele (Figura 16).

Figura 16 – A Reforma Urbana em Santiago de Cuba



Fotografia: César Marín

Fonte: *Revolución*, n. 583, 26/10/1960

Na matéria, Marín explica que a província recebeu a lei muito bem, lotando os locais de entrega das planilhas das casas. As legendas das fotografias são as entrevistas realizadas pelo repórter; no total foram quatro, entre elas, destaca-se a de Belkis Ferriols Blanco (primeira na Figura 16), pois diferente dos relatos analisados até aqui, ela não teve o benefício da LRU, pois já morava em uma casa própria, porém, reconhece o interesse pela medida do governo e disse

que estava feliz com a reforma. Ao lado dela, Francisco Torres Castillo, vendedor de jornais e folhetos da Revolução, que conseguiu a casa própria com a lei e afirma que a cada dia que passa a Revolução é mais forte, porque trabalha pensando nos pobres.

Logo abaixo, há outros dois retratos; o primeiro é de Emilio González, que se mostrava contente, visto que em poucos anos se tornaria o dono do local em que trabalha como sapateiro. O último é de Carlos Saco Danquin, que estava contente, porque seu pai se tornaria dono da casa em que vive toda a sua família. No geral, as fotografias não apresentam muitos detalhes sobre cada um e nem possuem um segundo plano. No entanto, percebemos que todos estão distraídos, Belkis e Carlos são os únicos que aparecem com um leve sorriso no rosto, enquanto Francisco e Emilio focam o olhar para além do registro, como se estivessem conversando.

Essas fotografias se encaixam em uma técnica chamada *Mug shots*, que vem do inglês *to make faces*, e corresponde a pequenas fotografias do rosto e ombro dos personagens, mas sem muitos detalhes, para não distrair o leitor, geralmente preenchendo o enquadramento com a face do fotografado (SOUSA, 2004, p. 98-99).

Apesar de ser utilizada principalmente em documentos de identificação, no fotojornalismo elas ocupam espaços estratégicos, e as faces de cada um revelam uma parte da pluralidade do povo cubano: a jovem mulher que não é beneficiária da lei, mas compreende seu papel revolucionário, o pai de família que poderá garantir moradia aos seus filhos, o pequeno comerciante que poderá fortalecer a economia da região e o filho que pode ver seu pai realizando o sonho de uma casa própria. Apesar da matéria ser curta, as legendas das fotografias conduzem o leitor despertando-o para a importância da lei, e o aproxima à situação de cada um dos entrevistados, causando uma comoção ao mencionar os sonhos dessas famílias de conquistar a casa própria.

No mês seguinte, dia 2 de novembro, a reportagem tratava da reforma urbana em Camaguey. A página reunia várias matérias sobre a província, organizada pela correspondente Luisa Mariana Arteaga Marín e o responsável pelas fotos da LRU foi Francisco Sariol.

A matéria dizia que assim como em toda ilha, a aprovação da reforma produziu muito entusiasmo e alegria, abarcando desde operários, empregados, profissionais, pequenos comerciantes, entre outros (MARÍN, 1960). Para tanto, recolheram opiniões com representantes de vários setores pela cidade, e as legendas das fotografias foram trechos das entrevistas dos participantes.

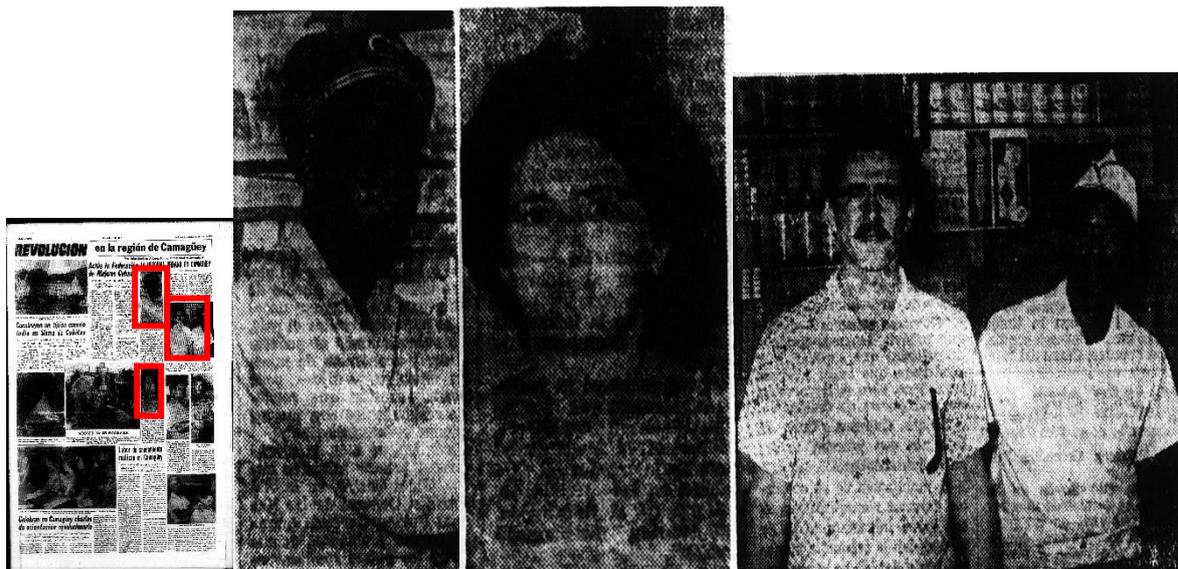
A primeira foto é do motorista Luis Diaz Rodriguez, e de acordo com seu depoimento, em doze anos se tornaria dono de sua casa, no que elogia o governo revolucionário, o qual, para

ele, oferece justiça e igualdade. Logo abaixo temos Elvia Zaldivar Padron, que diz ser dona de casa, e seu marido, pequeno comerciante de frutas; dentro de dez anos afirmam que serão donos da casa em que vivem, e seus filhos poderão crescer em segurança, conforme falaram o jornal. Após, o registro de Luis Molina Campo e Antonio Reyes Molina, ambos foram contemplados pela lei, o primeiro com a permanência de seu comércio, enquanto o trabalhador, a de sua casa. Os três tiveram seus retratos publicados (Figura 17).

A qualidade desses registros difere das fotografias analisadas até aqui, e isso pode ter acontecido no momento de digitalização dos microfimes. Mas de qualquer forma, todos estão posando para a foto, e ao que parece o fotógrafo não se preocupou em utilizar o cenário na composição. No caso de Luis, o seu quepe é evidenciado na imagem, enquanto no de Elvia, sua face e ombros ocupam o espaço do enquadramento.

Ao lado, o comerciante e seu funcionário posam para a foto, e ao fundo podemos perceber alguns produtos que são comercializados no local. Mais uma vez, os dois setores sociais são apresentados como beneficiários da lei, um ao lado do outro, sugerindo a convergência de seus interesses. A escolha do fotógrafo e do jornal reforça a ideia de que as leis revolucionárias não queriam prejudicar ninguém, mas sim, promover a igualdade e a justiça para quem precisa.

Figura 17 – A Reforma Urbana em Camaguey: Luis Diaz Rodriguez, Elvia Zaldivar Padron, Luis Molina Campo e Antonio Reyes Molina



Fotografia: Francisco Sariol
 Fonte: *Revolución*, n. 590, 02/11/1960

Na mesma matéria, mas com a delimitação de registro diferente, temos Gilberto Alfonso López, que também é motorista; ele informou o jornal que em oito anos será dono de sua casa, e sabemos pelo texto que é casado e tem um filho. Faustino Garcia Gonzalez é mecânico de freios automotivos, também tem uma filha pequena e foi beneficiado pela lei. Por último, Jose Hereda Carrascosa, que tem uma barbearia com seu pai e pagou aluguel durante os 27 anos de profissão. O homem que ele está atendendo também disse ao jornal que foi beneficiado pela lei (Figura 18).

Figura 18 – Reforma Urbana em Camaguey: Gilberto Alfonso López, Faustino Garcia Gonzalez e Jose Hereda Carrascosa



Fotografia: Francisco Sariol
 Fonte: *Revolución*, n. 590, 02/11/1960

Nessa segunda parte do registro percebemos que os personagens estão vinculados com suas profissões. Gilberto está sentado, e pelas janelas notamos que está dentro de um veículo. Ao seu lado, Faustino segura uma peça ou ferramenta, naturalmente relacionada com o seu trabalho, e vemos Jose cortando o cabelo de seu cliente. Assim como nos exemplos anteriores, os fotógrafos seguiram um padrão, possivelmente pré-estabelecido pelos editores, mas sem ignorar a liberdade criativa de cada um.

Juan Francisco Sariol teve várias fotografias publicadas no *Revolución*, entretanto, foi poeta, narrador, ensaísta, jornalista e editor. Curiosamente, em sua biografia não há indicações sobre o seu trabalho fotográfico (ECURED, 2010). Na matéria, percebemos a questão da família como principal ponto de abordagem. Todos os personagens relacionaram a sua condição de vida com a perspectiva de um futuro melhor para os seus filhos, assim como os comerciantes também mencionaram suas famílias. Podemos inferir que isso fazia os leitores se identificarem com o discurso de *Revolución* acerca da Reforma Urbana.

Em resumo, compreendemos que os repórteres e os fotógrafos tiveram que elaborar matérias sobre a LRU, escutando pessoas de vários níveis sociais, como trabalhadores assalariados, pequenos comerciantes e funcionários públicos. Essas matérias tentavam dar conta de toda a ilha e, em voz uníssona, todas expressavam o entusiasmo dos cubanos com a Lei.

Além disso, a escolha dos personagens também foi importante. É previsível que os responsáveis pela matéria se preocuparam em ir a bairros de trabalhadores, onde o apoio à Reforma Urbana era maior, porque sabemos que nem todos estavam contentes com ela, especialmente os grandes proprietários que lucravam com os aluguéis. Portanto, não houve nenhum depoimento contra a lei, e até mesmo aqueles que não foram atingidos pelo benefício eram a favor das medidas, demonstrando o alinhamento dos entrevistados com a Revolução. É razoável pensar que os possíveis depoimentos contrários não foram incluídos nas reportagens, ou seja, o trabalho dos editores promovia um recorte da realidade com vistas a favorecer o governo revolucionário e seus projetos.

Quanto ao registro imagético, percebemos que na maior parte dos casos as posições são sorridentes; algumas posadas, buscando trazer o registro documental que o momento exigia, como se estivessem assinando os documentos e exercendo suas profissões. Em geral, a maioria das fotografias eram pequenas, tanto que em alguns casos, a legenda cumpriu a função de identificar as pessoas e reproduzir trechos ditos por elas.

Como vimos anteriormente, isso é parte da construção da fotorreportagem, assim como notamos nas legendas a tentativa de imprimir um sentido único aos fatos, direcionando o leitor para o entusiasmo que todos estão sentindo com a Lei e/ou se comovendo com o sonho de muitas famílias se realizando, conforme esclarecido por Dulcilia Buitoni no início do capítulo (2011, p. 134).

4.3 O fim dos *chincheros*

Para esse último subcapítulo selecionamos sete fotografias, elas fazem parte de uma matéria especial publicada no dia 19 de outubro de 1960, produzida por Santiago Cardosa Arias e com as fotografias de Ernesto Fernández.

Jorge Pedro Sousa (2004, p. 89-101) entende que para enquadrar uma matéria em um gênero específico do fotojornalismo é necessário avaliar as fotografias e os textos que compõem a reportagem. Dessa maneira, temos várias categorias: as fotografias de notícias, que incluem o *spot news* e as notícias em geral⁶⁶; o Desporto, que está ligado aos esportes; os Retratos; as *Features* e as *Pictures stories*.

Em especial, as *Features* são as imagens com o sentido em si mesmas e que necessitam apenas de um texto base, com algumas informações introdutórias. Sousa exemplifica que a fotografia de um político beijando uma criança, enquanto ela faz uma cara aborrecida, se enquadraria na temática. Ainda segundo nosso autor, nesse gênero o foto-repórter possui maior liberdade estética e artística (2004, p. 92-93).

Já as *pictures stories*, ou Histórias em fotografias, fazem parte de um conjunto de imagens que procuram construir e desenvolver um relato sobre um tema específico e que demandam tempo do fotojornalista, não somente para pesquisar o assunto, mas para abarcar um grande número de fotos (SOUSA, 2004, p. 102).

Mediante o exposto, entendemos que as fotografias da reportagem que iremos analisar a seguir pertencem ao último gênero que listamos, as *pictures stories*, pois Ernesto e Santiago Cardosa Arias foram até um bairro de Havana para comentar sobre a Lei de Reforma Urbana e o fim dos *chincheros*. Em virtude disso, eles buscaram evidenciar os problemas sociais vivenciados por famílias cubanas que vivem em zonas de vulnerabilidade. Quanto a isso, Sousa (2004, p. 102) explica que

Tradicionalmente, as foto-histórias debruçam-se sobre um problema social, sobre a vida das pessoas ou sobre um acontecimento. Não é raro abordar-se um problema social seguindo-se a vida quotidiana que uma determinada pessoa leva. É como converter em fotografias a técnica redatorial que consiste em personalizar o começo de uma história (relatar o que está a suceder a uma pessoa e passar, a partir daí, para uma abordagem de uma situação geral).

No dia que foi publicada a matéria, a Lei da Reforma Urbana era o destaque e, na capa, à direita, uma fotografia chamava o leitor para conferir a continuação na última página,

⁶⁶ Segundo Sousa, a primeira está ligada aos momentos “únicos” que requerem agilidade do fotógrafo e a segunda com a cobertura de pautas jornalísticas (2004, p. 90-91).

semelhante à construção visual das matérias sobre os trabalhadores rurais que viviam sob a *United Fruit*, que analisamos no segundo capítulo.

À primeira vista, observamos os elementos presentes na Figura 19. Para isso, utilizamos a regra dos terços, que basicamente divide a fotografia em três linhas horizontais e três verticais para examinar os detalhes.

Figura 19 - *La Ley Urbana erradica los “solares” o “casas de vecindad”*



Fotografia: Ernesto
 Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

Da esquerda para a direita, em primeiro plano, uma calça está pendurada em um varal; ao fundo, é possível identificar algumas janelas. No centro, mais roupas estão estendidas, e notamos que são roupas simples; em segundo plano, uma casa, mas não é possível verificar muitos detalhes sobre ela, pois os tecidos não permitem. Por fim, da esquerda para a direita, alguns objetos como um balde, um barril e cadeiras.

No entanto, no centro, uma criança está correndo, ela não utiliza roupas e nem sapatos; mais ao fundo, no canto inferior direito, outra criança, porém, ela está vestida com um macacão simples e não parece estar calçada. O fotógrafo, tudo indica, precisou ser ágil para registrar esse momento.

Já falamos anteriormente que Ernesto Fernández possuía um olhar muito sensível sobre a realidade; assim, o enquadramento da imagem nos permite assegurar parte das

intencionalidades do autor, como gerar a comoção e interesse daqueles que iam ler o jornal. Não é por acaso que ela está na primeira página.

Na análise de Edinaldo Lima (2018), as construções discursivas sobre as crianças e a família cubana no campo tinham como objetivo sensibilizar seus leitores para o problema da questão agrária, porém, nós podemos estender essa reflexão também às cidades, tanto por se tratarem dos mesmos fotógrafos, quanto porque nas cidades havia igualmente problemas de infraestrutura. Seguindo essa perspectiva, para o autor:

Nada mais convincente para comover os adultos a (re) pensarem suas atitudes, mover-se para algo, quando há fotografias de crianças envolvidas em determinadas situações ou causas. O apelo fotográfico remete à inocência de um ser em formação que ainda desconhece as leviandades e mesquinhas de homens e mulheres-feitas (2018, p. 210).

Na legenda o texto informa: “A Lei Urbana erradica os ‘lotes’ ou ‘cortiços’ que eram alugados aos mais humildes”⁶⁷. Logo, ao observar a imagem, a situação das crianças cria certa empatia no leitor, pois ela está inserida em um contexto que, possivelmente, não faz parte da sua realidade. Vale salientar que entender como esse conteúdo é internalizado pelo leitor é muito difícil, mas podemos redimensionar a nossa análise a partir da ótica dos editores do jornal. Veremos mais adiante como essa matéria foi construída, mas de antemão podemos assegurar que tinha como objetivo impactar os seus leitores.

A última página é composta por sete fotografias, à esquerda o texto de Santiago Cardosa Arias. Ele inicia com uma citação do artigo 25 da Lei: “A propriedade dos imóveis destinados às chamadas <ciudadelas>, <cortiços>, <pequenas casas> ou <terrenos>, será transferida para o Estado sem que os proprietários recebam qualquer quantia a título de preço”⁶⁸. O corpo do texto é composto majoritariamente pelas entrevistas dos moradores e sobre sua condição de vida. A matéria é, no geral, uma conversa, mas não há uma ordem de perguntas e respostas; neste sentido, o autor foi elencando as falas das personagens, e as fotografias secundam o que é apresentado ao longo do texto.

As mulheres que aparecem no texto relatam que os donos das casas não moram em Cuba, que muitas famílias passam por dificuldades e que os aluguéis para alguns continuavam altos. Ao mesmo tempo que elas agradecem o governo pela Lei, questionam que Fidel prometeu

⁶⁷ Original: “La Ley Urbana erradica los ‘solares’ o ‘casas de vecindad’ donde se hacinaban los humildes”.

⁶⁸ Original: “La propiedad de los inmuebles destinados a las llamadas <ciudadelas>, <casas de vecindad>, <cuarterías> o <solares> se transferirá al Estado sin que los propietarios reciban cantidad alguna en concepto de precio”.

continuar os mutirões de limpeza, mas que eles não aconteciam fazia um tempo. Na forma como a reportagem foi construída, percebemos que apesar da mudança, seria necessário um longo caminho para melhorar a situação de vida dessas pessoas, especialmente porque elas denunciam a situação dos imóveis e da falta de infraestrutura, conforme ficará claro ao tratarmos de cada caso. Por conseguinte, isso justifica a maneira como Arias construiu o texto, não com suas palavras, mas como um espaço onde compartilhou essas experiências sociais.

Dentro do gênero fotográfico das Histórias há cinco tipos de registro: os planos gerais; os planos médios; os grandes planos e particularidade de detalhes; os retratos; e as fotografias de encerramento (SOUSA, 2004, p. 102). Na Figura 20, identificamos o padrão pelas particularidades dos detalhes, pois é como se estivéssemos caminhando entre os varais de roupas, que antes tapavam o enquadramento geral da foto na da matéria da capa.

Analisando os detalhes do registro, da esquerda para a direita, observamos ao fundo mulheres trabalhando, as cordas com roupa e os pedaços de madeira que as sustentam no alto. À direita, casas de madeira, com estruturas simples. Nosso olhar é direcionado para o centro da imagem, onde uma criança, com roupas simples — possivelmente apenas uma fralda de pano — caminha pelas calçadas irregulares. À frente dela, em primeiro plano, há duas mulheres, uma corta uma fruta enquanto outra está lavando a roupa em uma bacia; ao seu lado outra criança.

Figura 20 - *Toda una vida lavando para... pagar el alquiler*



Fotografía: Ernesto

Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

Inicialmente, a foto nos remete à tradição fotográfica cubana, conforme proposto por Grethel Otero (2009), pois, durante os anos de 1960, as fotografias tinham o tom documental, a síntese e as diversas direções das composições, a utilização do efeito teatral e contrastante do preto e branco. Dessa maneira, na imagem, uma das primeiras características é a sua dramaticidade; nosso olhar é atraído para a mulher de cabeça baixa lavando suas roupas e para as crianças, posicionadas no centro da foto.

A legenda nos diz o seguinte: ‘Toda una vida lavando para... pagar o aluguel. Esta é a Lei mais revolucionária, amigo!’⁶⁹. Dessa forma, sabemos que a mulher lavava roupas para pagar o aluguel de sua casa. Pela localização da criança, nos parece ser o seu filho, que a acompanha no trabalho. Isso nos remete à dupla jornada de trabalho, uma dura realidade que muitas mulheres enfrentavam e ainda enfrentam.

Ao lado dessa fotografia, temos o retrato de Dulce María Cárdenas; ela se apresenta ao *Revolución* e faz muitas queixas do local em que vive. Sua fala ao longo do texto é destaque

⁶⁹ Original: “Toda una vida lavando para... pagar el alquiler. ¡Esta es la Ley más Revolucionaria, amigo!”.

para as legendas: “Eu fui uma burra. Veja só, pagar pontualmente por essa pocilga. Agora isso acabou!” e “O povo do <solá> viverá mais decentemente, agora sim que se acabou com o *chinchero*”⁷⁰

Na Figura 21 ela aparece lavando a roupa. Há um jogo de luz, em que ela e seus instrumentos de trabalho são evidenciados e enfatizados. Não foi possível identificar se ela também trabalhava lavando roupas ou se estava fazendo o trabalho doméstico. No entanto, sua figura remete à uma realidade mais simples e humilde, seja pelo cenário ou pelas vestimentas.

Figura 21 - *¡Ahora sí que se acabó con el chinchero!*

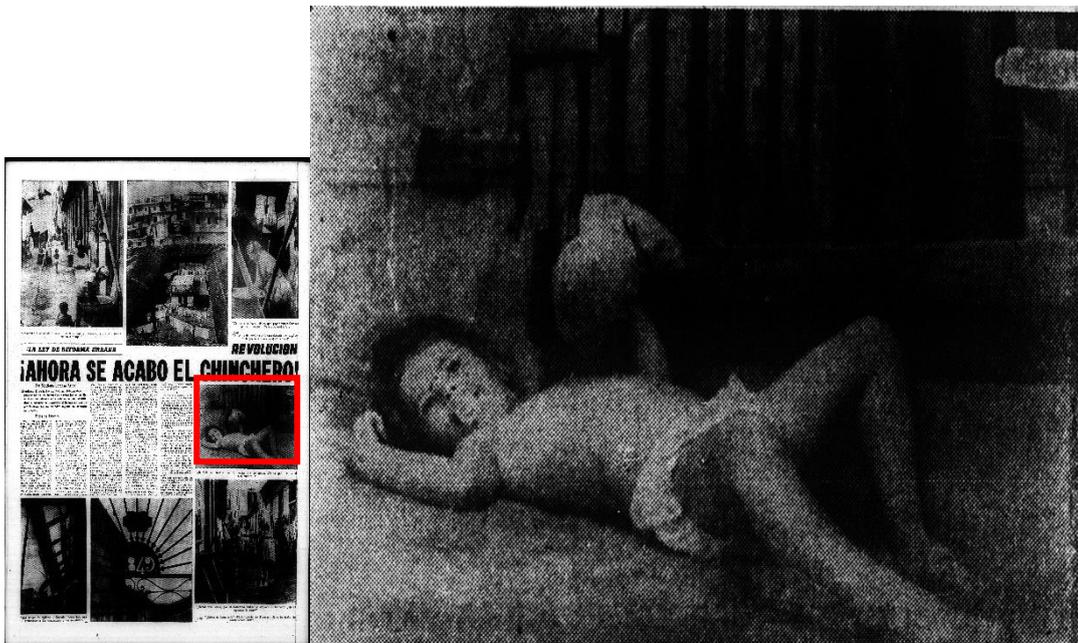


Fotografía: Ernesto
 Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

⁷⁰ Original: “Yo fui una burra. ¡Mira que pagar puntualmente por esta pocilga! ¡Ya eso se acabó!...” e “La gente del <solá> vivirá más decentemente. ¡Ahora sí que se acabó con el chinchero!”.

Na Figura 22, há outra criança, entretanto, ela aparece deitada. No corpo da matéria não há uma indicação do nome dela nem dos pais. Na legenda completa a indicação: “Minha filha ficava molhada quando chovia à noite. Você tinha que ver esta cena...”⁷¹.

Figura 22 - "*Mi hija se mojaba por la noche cuando llovía [...]*"



Fotografia: Ernesto
Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

Novamente, a imagem da criança aparece com o objetivo de comover aqueles que estão vendo a imagem, apoiada na legenda de que a casa não tinha uma boa infraestrutura. Quanto a isso, as outras duas fotografias localizadas na parte inferior da página dão ênfase a tal situação (Figura 23), mostrando a falta de saneamento básico e uma casa sem uma cobertura descente. Apesar da qualidade da foto não nos permitir selecionar os seus detalhes, percebemos que o ambiente está sujo e com lama e algumas pessoas aparecem descalças.

Por fim, a fotografia de um portão (Figura 24), indicando a data de construção de uma casa: 1849. Essa foto é uma das primeiras a serem mencionadas no texto, e o choque dos jornalistas é evidente; na legenda, que foi extraída do texto: “Como se chama isto? <O Antigo 24 de Figuras>. Olha a data de construção: 1849”⁷²

⁷¹ Original: "Mi hija se mojaba por la noche cuando llovía. ¡Tenía que ver usted este cuadro...!"

⁷² Original: “Cómo se llama esto? <El Antigo 24 de Figuras>. Mire la fecha de construcción: 1849”

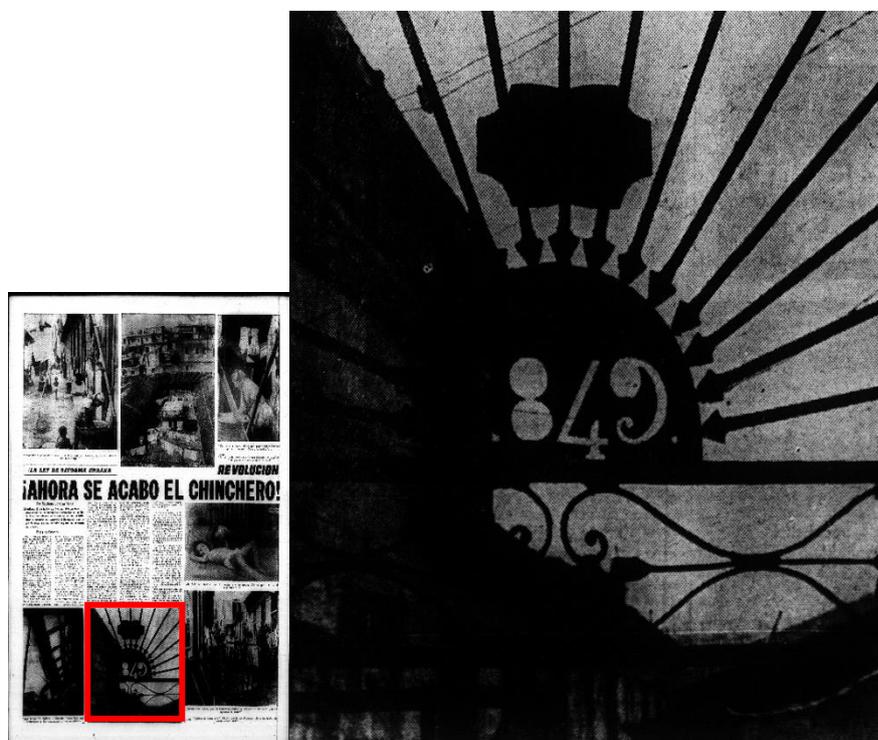
Figura 23 - *¿Quién aguanta a peste?*



Fotografía: Ernesto

Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

Figura 24 - data da construção da casa: 1849



Fotografía: Ernesto

Fonte: *Revolución*, n. 576, 19/10/1960

Para terminar a matéria, o editor explica que não foi necessário fazer perguntas; cerca de cinquenta pessoas participaram da reportagem. Em síntese, essas fotografias e as pessoas que tiveram seus diálogos publicados fazem uma denúncia sobre os problemas sociais que elas enfrentavam no período, bem como revelam a situação precária que encontravam em suas casas. Assim, o fim dos *chincheros* é justificado, porque novos prédios seriam construídos e as pessoas que moram nessas regiões não precisariam pagar os aluguéis, e nem a casa em que iriam viver.

Deste modo, conseguiriam ter uma renda melhor para sustentar suas famílias e, conseqüentemente, mais poder aquisitivo, com melhores condições de vida e trabalho. As fotografias, portanto, buscam mostrar o que foi dito pelos moradores, mas não são desprovidas de intenção. Elas foram selecionadas e tem como objetivo convencer as pessoas para se atentarem a esse problema e se juntarem à causa revolucionária.

No fim de outubro outros assuntos passam a ser o foco do jornal, como as homenagens direcionadas à Camilo Cienfuegos, líder revolucionário que faleceu em 28 de outubro de 1959 após um acidente de avião; as pressões dos Estados Unidos à ilha e a nacionalização de empresas estrangeiras. Porém, um pequeno texto informava cinco respostas sobre a Lei da Reforma Urbana, que tinha como objetivo explicitar algumas dúvidas básicas sobre o direito de cada cidadão sobre a Lei. Esse texto foi vinculado e reproduzido em várias edições do jornal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Luis Fernando Ayerbe propõe uma reflexão sobre a Revolução Cubana. Para ele, não se pode simplesmente atribuir o trunfo revolucionário a uma explosão de descontentamento popular com suas condições de vida, mesmo que, de fato, fossem precárias. A vitória dos rebeldes foi o resultado da capacidade dos jovens guerrilheiros de atuarem na organização do movimento, nas negociações com grupos da elite, mas, sobretudo, em assumir o compromisso de atender as necessidades da população (2004, p. 38).

Quanto a isso, procuramos demonstrar ao longo do presente trabalho, como as decisões do governo até a aprovação da Lei da Reforma Urbana foram articuladas à retórica revolucionária através do jornal *Revolución*. Dessa maneira, entendemos que as fotografias sobre o tema buscaram construir uma narrativa de apoio irrestrito às novas medidas, expressando por meio do discurso visual as transformações em andamento na ilha.

Evidenciamos que a lei confrontava os interesses privados do mercado imobiliário num momento de endurecimento da Guerra Fria, inclusive com tentativas de invasão à ilha e imposição dos bloqueios econômicos, o que mais tarde resultou na aproximação do país com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Logo, o jornal precisou assumir uma postura cada vez mais firme ante às sucessivas tentativas de derrubar o Governo Revolucionário.

Para isso, as fotografias assumiram uma posição de destaque no jornal. Os fotógrafos que pertenciam ao Grupo R atuaram politicamente na formação/afirmação de uma identidade cubana por intermédio de seus registros. Trazendo a bagagem e a experiência de sua passagem pelo campo da publicidade e das artes, esses profissionais ofereceram uma nova maneira de fazer fotografia e fotojornalismo na América Latina (2018, p. 20). A Fotografia Épica, termo cunhado por Eugenia Haya Jiménez, eternizou as imagens dos líderes e os grandes eventos, contribuindo para esse esforço.

No que concerne às fotografias sobre a Lei da Reforma Urbana, os registros de trabalhadores falando de suas experiências e o entusiasmo com a aprovação da Lei foram predominantes. Mesmo em artigos pequenos, as fotorreportagens foram o foco, sempre acompanhadas de legendas que buscavam destacar trechos ditos durante as entrevistas. Já a reportagem especial contou o protagonismo do povo, aproximando-o com as ideias defendidas pelo jornal.

A análise das matérias permitiu-nos observar a construção do discurso fotográfico nas páginas do *Revolución* com o objetivo de sensibilizar seus leitores sobre a realidade da moradia, colaborando com a difusão do entusiasmo e discurso revolucionários.

Segundo o pesquisador Fabio Luis Barbosa dos Santos, a relação entre Cuba e União Soviética durante a Guerra Fria não assentou as bases para uma maior autonomia econômica. No entanto, “[...] foi fundamental para universalizar as conquistas sociais pelas quais a ilha é mundialmente conhecida”, sendo que no início dos anos 1980 ela apresentava os melhores índices de saúde, emprego, cultura e educação da América Latina (2018, p. 520).

Vale dizer, o fim dessa parceria em 1989 resultou em uma grave crise econômica, afetando diretamente no bem-estar social da população:

O impacto do fim da União Soviética e do Comecon [Conselho para Assistência Econômica Mútua] sobre a economia cubana foi devastador. Entre 1989 e 1993, o PIB do país caiu quase 35%; a capacidade de importar caiu 70%; o país ficou sem créditos; sem petróleo, os cortes de energia eram tais que os cubanos gozadores diziam ter *alumbrones* [iluminações] e não *apagones* [apagões]; bicicletas ocuparam as cidades onde não havia carros nem ônibus; bois puxavam arados em lugar dos tratores; a subnutrição, erradicada nos anos anteriores, voltou — embora não a fome; faltavam peças de reposição, fertilizantes, bens de consumo: em 1993, importou-se em 17% da quantidade desses itens em relação a 1989 (SANTOS, 2018, p. 522).

Em relação à questão urbana, Erich Trefftz (2011, p. 32) explica que após a Revolução houve uma mudança no conceito do sistema de propriedade, de modo que, para evitar a especulação imobiliária, a venda de casas foi proibida e apenas a troca em valor semelhante ficou permitida. Porém, para ele, por um lado essa lei gerou inflexibilidade diante das mudanças na demanda por moradia e, por outro, o desenvolvimento de ações ilegais para alcançar o resultado desejado (por exemplo, a venda de uma casa).

Não somente a compra, mas a construção de casas foi prejudicada. Fabio Santos adverte que a crise econômica comprometeu a capacidade do Estado de responder às necessidades básicas da população, acarretando a disparidade entre salários e o poder aquisitivo dos trabalhadores. Assim, essa situação gerou muitas distorções econômicas, entre elas, o crescimento de um mercado ilegal em dólares, pelo qual circulavam produtos em falta na ilha (2018, p. 523).

Dessa maneira, muitos materiais para construção não são encontrados com facilidade, sendo muitas vezes adquiridos no mercado clandestino, ou em lojas de ferragens onde os preços tributáveis podem ser de 10 a 50 vezes mais altos que o valor dos materiais (TREFFTZ, 2011, p. 39).

Erich Trefftz argumenta que existem muitas dificuldades a enfrentar em face da deficiência do mercado relacionado à habitação (terrenos, materiais, mão de obra, capital etc.). No entanto, o governo cubano reconheceu as dificuldades econômicas que enfrenta e publicou diversas resoluções a partir de 2010, flexibilizando a contratação de serviços autônomos, novas modalidades para a construção de moradias, venda de materiais de construção sem subsídios e a adoção de novas formas organizacionais na construção, como cooperativas e trabalhadores autônomos (2011, p. 56-57).

Em síntese, as transformações empreendidas pelo governo revolucionário foram essenciais para a resolução do problema da moradia oferecendo melhores condições de vida para a população. Porém, a falta de manutenção e investimento na construção de casas, especialmente com a crise econômica do final dos anos 1980 e início dos 90, agravou sensivelmente os dilemas da ocupação das cidades. Sem acesso aos materiais necessários, muitas moradias enfrentam problemas de infraestrutura por toda a ilha, e muitas construções foram paralisadas. A Revolução, por meio de sua Lei da Reforma Urbana, parecia ter resolvido o desafio imediato de habitação após o triunfo rebelde, mas não conseguiu acompanhar o desenvolvimento das demandas naturais que surgiram com o tempo.

REFERÊNCIAS

Arquivos e instituições pesquisadas

CUBA. **Discursos e intervenciones del Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba**. Acervo online. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>>. Acesso em: 7 de jun. de 2021.

LIBRARY OF CONGRESS. **Relations With Cuba**. Acervo online. Disponível em: <<https://www.loc.gov/>>. Acesso em: 7 de jun. de 2021.

LILLIAN GOLDMAN LAW LIBRARY. **Treaty Between the United States of America and Cuba**. Acervo online. Disponível em: <https://avalon.law.yale.edu/20th_century/dip_cuba001.asp>. Acesso em: 7 de jun. de 2021.

NDPH — Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina. **Revolución** (1959-1961).

POLITICAL DATABASE OF THE AMERICAS. **Republic of Cuba: Constitución Política de 1940**. Acervo online. Disponível em: <<https://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Cuba/cuba1940.html>>. Acesso em: 7 de jun. de 2021.

Fontes

389 VIVIENDAS entregadas por el INAV en un mês, **Revolución**, n. 579, La Habana, 22 de oct. 1960.

APROBADA la Ley de alquiler. **Revolución**, n. 80 La Habana, 9 mar. 1959. Notícia. p. 1.

ARIAS, Santiago Cardosa. ¡Ahora se acabo el chinchero! **Revolución**, n. 576, La Habana, 19 de oct. 1960a.

_____. Ahora todos tendran su casa, **Revolución**, n. 577, La Habana, 20 de oct. 1960b.

AVISO a los nuevos propietarios. **Revolución**, n. 576, La Habana, 19 de oct. 1960.

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado após a vitória da Revolução**. Parque Céspedes de Santiago de Cuba, 1 ene. 1959a. Discurso. Disponível em: <www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f010159e.html>. Acesso em: 27 de jun. de 2020.

_____. **Discurso pronunciado no ato de encerramento do primeiro fórum nacional de Reforma Agrária**. Capitólio de Havana. 12 jul. 1959b. Discurso (taquigrafia). Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f120759e.html>>. Acesso em: 23 de nov. 2020.

_____. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el aniversario del ataque al palacio presidencial**. La Habana. 13 mar. 1959c. Discurso (taquigrafia). Disponível em:

<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/c130359e.html>>. Acesso em: 6 de maio de 2021.

_____. **La historia me absolverá**. La Habana: Editorial de ciencias sociales, 2007. E-book. Disponível em: <<http://media.cubadebate.cu/wp-content/uploads/2009/05/la-historia-me-absolvera-fidel-castro.pdf>>. Acesso em: 1 de jul. 2020.

_____. Palabras a los intelectuales. **Tareas**: Centro de Estudios Latinoamericanos "Justo Arosemena", Ciudad de Panamá, Panamá, n. 154, p. 77-110, sept./dic., 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5350/535055493008.pdf>>. Acesso em: 03 de abril de 2021.

COMO la Reforma Agrária habra tambien con amplitud una Reforma Urbana - dijo Fidel. **Revolución**, n. 82, La Habana, 12 de mar. 1959, p. 1-2 e 6.

CONSEJO de ministros: suspenden desahucio por 45 dias, **Revolución**, n. 45, La Habana, 27 de ene. 1959.

CUBA. [Constitución (1940)]. **Constitución de la República de Cuba**. Guáimaro, Camagüey: Presidencia de la República, [2008]. Disponível em <<https://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Cuba/cuba1940.html>>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

DE AQUÍ y de ahí. **Revolución**, n. 576, La Habana, 19 de oct. 1960.

EL PUEBLO opina sobre la Ley de Alquileres. **Revolución**, n. 79, La Habana, 9 mar. 1959.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução: B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010. *E-book*.

EVITAN desalojos a casas de viviendas. **Revolución**, La Habana, 26 ene. 1959. Noticias, p. 1 e 15.

GARCÍA, Manolo. La Reforma Urbana en Matanzas, **Revolución**, n. 583, La Habana, 26 oct. 1960.

LA LEY de Reforma Urbana. **Revolución**, n. 574, La Habana, 17 de oct. 1960.

LEY de Reforma Urbana. **Revolución**, n. 577, La Habana, 20 oct. 1960.

MARÍN, César. La Ley de Reforma Urbana en Santiago de Cuba, **Revolución**, n. 583, La Habana, 26 oct. 1960.

MARÍN, Luisa Mariana Arteaga. La Reforma Urbana en Camaguey, **Revolución**, n. 590, La Habana, 02 nov. 1960.

MIRANDA. Ha hecho realidad nuestro sueño, **Revolución**, n. 578, La Habana, 21 oct. 1960.

MIRANDA. La Ley de Reforma Urbana, **Revolución**, n. 576, La Habana, 19 oct. 1960.

MOLINERO. Si todos los pueblos del mundo hicieran lo mismo, **Revolución**, n. 578, La Habana, 21 oct. 1960.

ORTEGA, Gregorio. Como viven los cubanos bajo la United Fruit. **Revolución**, n. 85, La Habana, 16 de mar. 1959, p. 1, 22 e 24.

PLAN de 20 pontos. **Revolución**, La Habana, 16 ene. 1959a. Noticias, p. 1.

PLAN de viviendas inician en 45 días. **Revolución**, La Habana, 17 ene. 1959b. Noticias. p. 01.

PRIMERA piedra en las viviendas populares. **Revolución**, n. 83, La Habana, 13 de mar. 1959, p. 1 e 15.

REBAJAN alquileres: cincuenta por ciento. **Revolución**, n. 78, La Habana, 7 de mar. 1959.

REFORMA Urbana. **Revolución**, n. 575, La Habana, 18 de oct. 1960.

REGLAMENTAN Ley de Solares. **Revolución**, n. 324, La Habana, 23 de dic. 1959, p. 14.

SANTOS, Oscar Pino. Ley de alquiler: nada se pierde, todo se gana. **Revolución**, La Habana, 9 mar. 1959. Zona Rebelde. p. 1-2.

TAMBIEN en ciudades hay latifundios de solares. **Revolución**, n. 85, La Habana, 16 de mar. 1959, p. 1, 22 e 24.

TEXTO de la Ley de Alquileres. **Revolución**, n. 81, La Habana, 11 de mar. 1959, p. 1 e 4.

VALLE, Aldo Isidró del. La Ley de Reforma Urbana en Santa Clara, **Revolución**, n. 582, La Habana, 25 oct. 1960.

WASHINGTON, D.C. The Platt Amendment. *In*: BEVANS, Charles Irving (org.). **Treaties and Other International Agreements of the United States of America, 1776-1949**. Washington, D.C., 2019, p. 1116-17. Disponível em: <<https://www.loc.gov/law/help/us-treaties/bevans/b-cu-ust000006-1116.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

_____. Treaty Between the United States of America and Cuba. *In*: SKLAR, Barry; HAGEN, Virginia M. (org.). **The Avalon Project: Documents in law, History and Diplomacy**. Washington, U.S. Govt. Print. Off., 1972. Disponível em: <https://avalon.law.yale.edu/20th_century/dip_cuba001.asp>. Acesso em 22 de nov. de 2020.

Bibliografia

ACOSTA LEÓN, Maruja; HARDOY, Jorge Enrique. **Reforma urbana en Cuba revolucionaria**. Caracas: Sintesis Dosmil, 1971.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. Fotolivros e História Comparada da Fotografia na América Latina: Reflexões teóricas e possibilidades de investigação. *In*: **Encontro Nacional**

de Estudos da Imagem, 4, 2013, Londrina, PR. Anais do IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem [e do] I Encontro Internacional de Estudos da Imagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Carlos%20Alberto%20Sampaio%20Barbosa.pdf>>. Acesso em 24 de março de 2021.

BARBOSA, Vinicius Lourenço. **Trajelórias, Fotografias e Revoluções: Engajamento e experimentalismo em Tina Modotti no México (1923-1930) e Alberto Korda em Cuba (1959-1960)**. Orientador: Profa. Dra. Mariana Villaça. 2018. 67f. Trabalho de conclusão de curso — Bacharelado/Licenciatura em História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018. Disponível em: <[https://www.unifesp.br/campus/gua/lapha/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20-%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20Acad%C3%A4mica/BARBOSA,%20Vinicius%20Louren%C3%A7o.%20Trajet%C3%B3rias,%20Fotografias%20e%20Revolu%C3%A7%C3%B5es%20\(2018\).pdf](https://www.unifesp.br/campus/gua/lapha/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20-%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20Acad%C3%A4mica/BARBOSA,%20Vinicius%20Louren%C3%A7o.%20Trajet%C3%B3rias,%20Fotografias%20e%20Revolu%C3%A7%C3%B5es%20(2018).pdf)>. Acesso em: 25 de mar de 2021.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Antônio de Pádua. **Reforma Urbana e Luta de Classes: Uberabinha/MG (1888 a 1922)**. São Paulo: Xamã, 2004.

BOUFFARTIGUE, Sylvie. Mujeres en la narrativa de la Guerra de Independencia. *In: Encuentro de Latinoamericanistas Españoles*, 14, 2010, Santiago de Compostela. **Procedimientos electrónicos...** Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010. p. 206-221. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00529274/document>>. Acesso em 22 de nov 2020.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Cuba de Fidel: viagem à ilha proibida**. 3º ed. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. *In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 16-35.

BUITONI, Dulcília. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. Tradução: Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. *E-book*.

_____. Testemunha ocular: história e imagem. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004. *E-book*.

CENTRO de Estudios Demograficos. **La población de Cuba**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales; Instituto Cubano del Libro, 1974. Disponível em: <<http://www.cicred.org/Eng/Publications/pdf/c-c11.pdf>>. Acesso em: 20 nov 2020.

FAVATTO JR., Barthom. **Entre o Doce e o Amargo: Memórias de exilados cubanos**, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2014.

_____. Fotografias e experimentalismo visual em Cuba (1959-1961): o jornal *Revolución* e o suplemento cultural *Lunes de Revolución*. In: **Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, 5, 2015, Londrina, PR. Anais do V Encontro Nacional de Estudos da Imagem [e do] II Encontro Internacional de Estudos da Imagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015. Disponível em: < <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2015/wp-content/uploads/3.-DEBATES-TE%C3%93RICOS-Anais-do-V-ENEIMAGEM-II-EIEIMAGEM-Vol.-3.pdf>>. Acesso em 25 de março de 2021.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p.205-220, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500>>. Acesso em: 20 de março de 2021.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo**: a Revolução Cubana. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERRER, Monica Villares. **Arte fotográfica e liberdade de expressão**: um diálogo entre o Brasil e Cuba (1960-1990). Dissertação (mestrado) —Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, p. 248, 2010.

GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova história. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 4º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____. **Realidades e ficções na trama Fotográfica**. 6º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LIMA, Edinaldo Aparecido Santos de. **Preparar, apontar, foto!** A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos periódicos *Revolución* e *Campo de Revolución* (1959-1961). Dissertação (mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Assis, p. 284. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/158300>>. Acesso em: 20 de mar. de 1959.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MARINO, Verdura Bertha. Breve histórico da imprensa em Cuba até o século XIX. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, vol. XXV, nº1, p. 73-86, janeiro/junho, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/442>>. Acesso em: 27 de mar. de 2021.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MERRICK, Thomas W. A população da América Latina, 1930-1990. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**: a América Latina após 1930: Economia e Sociedade. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo; Brasília: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.

MISKULIN, Silvia Cezar. Cultura e política na Revolução Cubana: a importância de *Lunes de Revolución*. In: **III Encontro da ANPHLAC**, 1998, São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/silvia_miskulin_2.pdf>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

_____, Silvia Cezar. **Cultura ilhada**: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). São Paulo: Xamã, 2003.

MOLINA, Ana Heloisa. Registros da paisagem urbana em algumas leituras visuais e escritas: capturas sensíveis e os espaços da(s) cidade(s). **Revista História: Debates e Tendências**, v. 16, p. 359-377, 2016. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/6924>>. Acesso em: 10 de fev. de 2021.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **De Martí a Fidel**: A Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

OLIVEIRA, Orlandina de; ROBERTS, Bryan. O crescimento urbano e a estrutura urbana na América Latina (1930-190). In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**: a América Latina após 1930: Economia e Sociedade. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo; Brasília: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.

OTERO, Grethel Morell. Absolut Revolution: Revisitando la imagen cubana de los años 60 (1959-1969). **Discursos fotográficos**, Londrina, v.5, n.7, p. 57-76, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/4954>>. Acesso em: 11 de abr. de 2021.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 03 de mar. de 2021.

REBOLL, Antonio Lázaro. Cuba: las leyes constitucionales de la revolución. **Revista de estudios políticos**. Rioja, n. 119, p. 199-215. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2048935>>. Acesso em 25 de nov. 2020.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, Cecília; PONTUAL, Virgínia. A reforma urbana nos primeiros anos da década de 1960. **Arquitextos**, São Paulo, 109.07, ano 10. [n.p], jun. 2009. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.109/50>>. Acesso em 23 de nov. 2020.

RODRÍGUEZ, Aline Marie Rodríguez. Herencias para la Épica. **Mesa de Trabajo**, 2016. Disponível em: <<https://mesadetrabajo.blogia.com/2016/010101-herencias-para-la-pica.php>>. Acesso de 25 de maio de 2021.

ROJAS, Rafael. Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971). Tradução: Fernando Pinheiro. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 71-88, junho, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702007000100005>. Acesso em: 26 de mar. de 2021.

SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

SADDI, Rafael; MELO, Érica Isabel. Gênero e Revolução Cubana: reflexões sobre as relações de gênero no Exército Rebelde. **Diálogos**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 1267-1287, set-dez., 2012

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, Goiânia, v.10, n.1 p. 151-164, jan-jun, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089>>. Acesso em: 08 de abril de 2021.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. **Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)**. São Paulo: Elefante, 2018.

SCOTT, Rebecca J. **Emancipação escrava em Cuba**: a transição para o trabalho livre, 1860-1899. Tradução: Maria Lúcia Lamounier. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TREFFTZ, Erich. 50 años de la ley de reforma urbana en Cuba: En el aniversario del cambio de paradigma. **Revista INVI**, Santiago de Chile, v. 26, n. 72, p. 19-62, ago. 2011. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-83582011000200002&lng=es&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em 25 de nov. 2020.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. Barcelona, Buenos Aires e México: PAIDÓS, 1987.

Sites consultados

BOHÍO. **EcuRed**, [2009?]. Disponível em: <https://www.ecured.cu/Boh%C3%ADo_L>. Acesso em: 26 de nov. 2020.

FRANCISO Sariol, **EcuRed**, Cuba, 2010. Disponível em: <https://www.ecured.cu/Juan_Francisco_Sariol>. Acesso em 30 de maio de 2021.

JUVENTUD Rebelde. Sepultan al destacado fotógrafo Guillermo Miró Perdomo, **Juventud Rebelde**, 14 de feb. de 2007. Disponível em: <<http://www.juventudrebelde.cu/cuba/2007-02-14/sepultan-al-destacado-fotografo-guillermo-miro-perdomo>>. Acesso em 29 de maio de 2021.